

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**AIRTON DE MESQUITA SILVA**

**LÍNGUA E CULTURA:  
O VOCABULÁRIO DO SERINGUEIRO EM SALA DE AULA**

**RIO BRANCO/AC**

**2020**

**AIRTON DE MESQUITA SILVA**

**LÍNGUA E CULTURA:  
O VOCABULÁRIO DO SERINGUEIRO EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

**RIO BRANCO/AC**

**2020**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

S586l Silva, Airton De Mesquita, 1976 -  
Língua e cultura: o vocabulário do seringueiro em sala de aula / Airton De  
Mesquita Silva; orientadora: Dr. Alexandre Melo de Sousa. – 2020.  
178 f.: il. ; 30 cm.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-  
Graduação em Letras - PROFLETRAS, Rio Branco, 2020.  
Inclui referências bibliográficas e apêndice.

1. Léxico. 2. Cultura. 3. Seringueiro. I. Sousa, Alexandre Melo de  
(orientador). II. Título.

CDD: 400

---

Bibliotecário: Uéilton Nascimento Torres CRB-11º/1072.

**AIRTON DE MESQUITA SILVA**

**LÍNGUA E CULTURA:  
O VOCABULÁRIO DO SERINGUEIRO EM SALA DE AULA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS), da Universidade Federal do Acre, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, na Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa  
(Orientador – UFAC)

---

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva  
(Examinadora Interna – UFAC)

---

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho (Examinador Externo – Universidade de São Paulo -  
USP)

Vocação é um chamado interior de amor. Amor, não por um homem ou por uma mulher, mas por um 'fazer'. Esse 'fazer' marca o lugar onde o vocacionado quer fazer amor com o mundo.

Rubem Alves

## DEDICATÓRIA

À minha família, especialmente aos meus pais, Antônio Germano da Silva e Leonis Teixeira de Mesquita que sempre me incentivaram, acreditaram na minha capacidade e me apoiaram em todos os momentos da minha trajetória de vida e acadêmica.

Ao padre Gabriel Renato Camagni, capuchinho da província Toscana em Florença – Itália, pela acolhida, ensinamentos e pelo apoio que me deu para prosseguir meus estudos nos momentos mais desafiadores que tive. Sem sua intervenção, apoio, acolhida, ensinamentos e orações eu não teria chegado até aqui.

Às minhas filhas Maria Eduarda Lima Mesquita e Sofia Santos Mesquita por me motivarem a estudar e chegar ao Mestrado, não desistir e a continuar esse caminho até o doutorado.

Dedico também ao corpo docente do Profletras/UFAC, pela competência profissional, por todo conhecimento compartilhado de forma significativa, o que tem feito uma enorme diferença em minha vida acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela a vida e pela oportunidade de ter chegado até aqui e por colocar em meu caminho pessoas amigas, sábias e preciosas. Também agradeço a muitas pessoas que fizeram parte desse processo, sobretudo, ao padre Gabriel Renato Camagni, capuchinho da província Toscana em Florença – Itália, pela a acolhida, ensinamentos e pelo apoio que me deu para prosseguir meus estudos nos momentos mais desafiadores que tive. Meus sinceros agradecimentos ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, por ser um diferencial na formação dos professores de língua portuguesa que estão lá em sala de aula enfrentando os desafios do ensino.

À Universidade Federal do Acre (UFAC), por ter se tornado um polo regional do PROFLETRAS e assim contribuir diretamente com a formação de professores em exercício. Aos professores e coordenadores (as) do PROFELETRAS (UFAC), pelo cuidado e dedicação ao programa, aos alunos e à qualidade das aulas ministradas, o que contribui para o sucesso dos alunos e do programa na Universidade Federal do Acre.

Ao meu orientador Dr. Alexandre Melo de Sousa, pela orientação tão necessária nesse processo, pelo profissionalismo, competência, dedicação e zelo com que tem me orientado. Obrigado pelo precioso incentivo, por acreditar em mim, por ter mostrado as coordenadas dessa pesquisa, por me motivar a buscar as informações corretas para este trabalho. Sem o seu apoio não teria ido muito longe. Muito obrigado!

Agradeço de modo especial, aos examinadores: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosane Garcia Silva, Universidade Federal do Acre – UFAC, pelo carinho, pelo apoio e pelos apontamentos tão preciso que fez no texto, o que me ajudou compreender melhor a estrutura de um texto acadêmico, também pela paciência e compreensão que ela dedicou a minha pessoa, com sabedoria e bom humor sempre.

Ao Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho – Universidade de São Paulo – (USP), por ter aceitado participar da banca avaliadora de meu trabalho, pelas suas ricas contribuições e apontamentos no texto, o que fez grande diferença no resultado do trabalho.

Aos colegas da turma 2018, pela amizade, companheirismo, fraternidade e partilha, tornando alegres todos os momentos que tivemos juntos nessa caminhada. Agradeço de forma especial os meus colegas de trabalho professora Alcilene Balica, professor Bruno Araújo e Eduardo Pinheiro, pelo incentivo, pelas alegrias e preocupações que compartilhamos.

Agradeço em especial a minha família, minhas filhas, meus irmãos e, sobretudo, meu pai, que foi um trabalhador seringueiro enfrentando todos os desafios do trabalho com

seringa, mas, mesmo nas dificuldades do seringal, acreditou que o estudo era um bom caminho para os filhos e me deu a liberdade para seguir meus estudos e chegar até aqui.



## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma proposta de intervenção no ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental II, uma sequência de atividades que possibilite e instrumentalize o professor para o ensino do vocabulário do seringueiro em aulas de língua portuguesa, a fim de contribuir com a valorização da linguagem e da cultura local por meio da relação léxico e cultura, no contexto sociocultural do município acreano de Sena Madureira – cuja origem se deu em meio à realidade do seringal. Esta dissertação está distribuída em seis capítulos e o apêndice com o produto das atividades desenvolvidas e a sequência de atividades direcionadas aos professores de língua portuguesa que desejarem trabalhar o léxico de sua região. A proposta, aqui apresentada, toma como *corpus* os textos poéticos regionais “A vida do Seringueiro”, de João Vieira de Souza e “Saga do Seringueiro”, de Manoel Passos. Fundamentamos teoricamente a pesquisa nos autores Biderman (1998a; 2001), Antunes (2012), Isquerdo (1998), Barbosa (1998), Alves (1994), Silva (1998), os quais embasam o ponto de vista defendido e norteia a proposta de intervenção no ensino do léxico regional através da proposta de atividades construída e aplicada numa turma de 8ºAno do Ensino Fundamental II, que consistiu na elaboração de um glossário da seringa, a partir da análise dos textos dos autores elencados como *corpus*. A presente pesquisa constitui uma possibilidade de aprendizado do vocabulário regional a partir o léxico do seringueiro, pois muitas palavras já não se usam mais e estão caindo no esquecimento e no apagamento da cultura que contribuiu para a formação sociolinguística da região, visto que os ciclos de produção de borracha de forma tradicional foi um período histórico (século XX) que declinou, no entanto, há um rico legado presente na linguagem regional, registrada nas poesias de autores como estes que analisamos. As escolas precisam proporcionar aos alunos o contato com o léxico regional, pois os alunos têm pouca oportunidade de participar de atividades com foco neste tema. Assim, foi fundamental guiar as etapas da proposta buscando identificar a relação entre a geração do léxico, a cultura e as relações sociais, e, conseqüentemente, as relações de sentido estabelecidas nos textos. A proposta foi aplicada em 30 horas, numa turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, numa escola pública de Sena Madureira, no estado do Acre, entre os meses junho e julho de 2019. Neste trabalho apresentamos uma proposta de atividades, planejamos o passo a passo da sequência de atividades e aplicamos, produzimos glossários, compartilhamos experiências e apontamos novas metodologias para o ensino do léxico em sala de aula. Como produto deste trabalho, disponibilizamos uma sequência de atividades para instrumentalizar os professores de língua portuguesa para levar o ensino do léxico para a sala de aula e desenvolver atividades criativas, dinâmicas, colaborativas e significativas para os alunos e para a região valorizando a linguagem e a cultura local. Encontram-se no apêndice deste trabalho: o glossário produzido pelos alunos com intervenções do professor, a sequência de atividades com o passo a passo para aplicação na escola e algumas partes do rascunho dos alunos durante o processo de escrita e reescrita do glossário.

**Palavras-chave:** Léxico. Cultura. Seringueiro. Ensino. Profletras.

## ABSTRACT

This research aimed to present a proposal for intervention in the Portuguese language teaching in the Elementary School through a presentation of a sequence of activities that provide the teacher instrumentation for teaching the rubber tapper vocabulary in Portuguese language classes. In addition, this study aimed to contribute to the promotion of the local language and culture through a lexical and cultural interrelationship, in the socio-cultural context of the municipality of Sena Madureira, state of Acre, a city originated from the reality of rubber plantation. This dissertation is composed by six chapters, and appendixes with the product of the developed activities, and their sequences directed to Portuguese language teachers that want to work the lexicon in their region. The proposal of this work is based on the regional poetic texts “A vida do Seringueiro” written by João Vieira de Souza; “Saga do Seringueiro” written by Manoel Passos. The research was substantiated on some authors, such as Biderman (1998a; 2001), Antunes (2012), Isquerdo (1998), Barbosa (1998), Alves (1994), Silva (1998), whom support our perspective and guide the proposal of intervention for the problem of teaching the regional lexicon through the proposal of activities designed and applied in the eighth grade of the Elementary School. Such activities consisted in the elaboration of a rubber sap glossary, based on the analysis of the texts of the authors listed as *corpus*. The present research enabled learning the regional vocabulary from the rubber tapper lexicon, as many words are no longer used, and are sinking into oblivion, resulting in the deletion of the culture which has contributed to the sociolinguistic development of the region, since the rubber production cycles in a traditional way was a historical period (XX century) that declined. Nevertheless, there is a rich legacy in the regional language, reported in the poetry of authors such those we analyzed. Schools should allow the access of the students to the contact with regional lexicon, as they have few opportunities of participating in activities focused on this theme. Thus, it was necessary to guide the stages of the proposal, aiming to identify the relationship between the generation of the lexicon, culture and social relations, and, consequently, the relations of meaning established in the texts. The proposal was applied between June and July 2019, during 30 hours, in an eighth grade class of Elementary School, of a public school of Sena Madureira city, state of Acre. In this work we present a proposal of activities and the step by step of how applying them. We also have made glossaries, shared experiences and pointed out new methodologies for lexicon teaching in the classroom. This research resulted in a sequence of activities to support Portuguese language teachers for teaching the lexicon in classroom, and also to develop creative, dynamic, collaborative and meaningful activities to the students and to the region, valuing the local language and culture. Finally, appendixes of this study consist of: a glossary produced by the students with teacher supports, the sequence of activities and instructions of how applying them at school, and also some drafts of students during the writing and rewriting processes of the glossary.

**Keywords:** Lexicon. Culture. Rubber tapper. Teaching. Profletras.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fórmula da microestrutura do verbete.....	41
Figura 2 - Descrição dos objetos utilizados pelo seringueiro.....	96
Figura 3 - Descrição dos utensílios do defumador de látex.....	97
Figura 4 - Apresentação da proposta de atividades aos alunos do 8º Ano. ....	100
Figura 5 - Imagens utilizadas na primeira atividade na turma. ....	102
Figura 6 - Pintura de objetos e espaços do cotidiano do seringueiro. ....	104
Figura 7 - Primeira atividade de produção do glossário.....	105
Figura 8 - Glossário construído passo a passo com os alunos.....	106
Figura 9 - Resultado da atividade de reescrita do glossário no caderno dos alunos.....	107
Figura 10 - Visita ao poeta e ex-seringueiro Manoel Passos em Sena Madureira. ....	109
Figura 11 - Parte interna do defumador no Parque Capitão Ciríaco – Rio Branco- AC. ....	110
Figura 12 -Ex-seringueiro Antônio Germano da Silva. Fonte: dados da pesquisa.....	111
Figura 13 - Publicação do Poema “A Saga do Seringueiro em jornal local em 2005.....	112
Figura 14 - O poeta e a poronga. ....	113
Figura 15 - Ex-seringueiro Altino e seringueira nativa em produção. ....	114
Figura 16 - Caminhada pela estrada de seringa em companhia dos ex-seringueiros. ....	115
Figura 17 - Raspadeira, cabrita e borrachas produzida na colocação Lago Grande.....	116
Figura 18 - Prensa de fabricação de borracha em prancha. ....	117
Figura 19 - Animal de carga. ....	117
Figura 20 - Documentário “Amazônia: heróis esquecidos da Segunda Guerra Mundial”.....	119
Figura 21 - Debate sobre: Amazônia: os heróis esquecidos da Segunda Guerra Mundial.....	121
Figura 22 - Instrumentos de trabalho do seringueiro em sala de aula. ....	122
Figura 23 - Estrutura do defumador em sala de aula. ....	123
Figura 24 - Alunos lendo, interagindo com os instrumentos dos seringueiros.....	123
Figura 25 - Grupos em atividade sobre o glossário e suas definições.....	124

Figura 26 - Grupos em atividade de leitura sobre glossário e linguagem. ....	125
Figura 27 - Atividade de produção de glossário.....	127
Figura 28 - Atividade de produção do glossário do léxico de seringueiro.....	128
Figura 29 - Apresentação do glossário em sala de aula.....	129
Figura 30 - Glossário em molduras para leitura em sala de aula.....	130
Figura 31 - Defumador pronto para visitação.....	130
Figura 32 - Alunos e professor interagindo na sala temática de apresenta�o do glossário...	131
Figura 33 - Grupos de trabalho prontos para receber as visita�es. ....	132
Figura 34 - Apresenta�o do glossário no defumador.....	133
Figura 35 - Alunos apresentando o glossário na sala temática.....	134
Figura 36 - Participa�o de servidores e comunidade no evento. ....	134
Figura 37 - Alunos interagindo com os instrumentos de trabalho do seringueiro.....	135
Figura 38 - Caracteriza�o do espaço para apresenta�o do glossário.....	136
Figura 39 - Apresenta�o do glossário na escola Raimundo Hermínio de Melo. ....	136
Figura 40 - Produ�o da réplica de seringueira. ....	137
Figura 41 - Madeira utilizada para confeccionar a péla de borracha.....	138
Figura 42 - Arma�o do defumador de borracha.....	139
Figura 43 - Conclusão da constru�o do defumador. ....	139
Figura 44 - Prepara�o do material da fornalha. ....	140
Figura 45 - Constru�o da fornalha. ....	141
Figura 46 - Fornalha e porão prontos. ....	141

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios de classificação vocabular.....	38
Quadro 2 - Função do verbete no dicionário de língua geral e no terminológico. ....	42
Quadro 3 - Tipos de dicionários. ....	44
Quadro 4 - Comparativo entre Lexicografia e Terminologia.....	54
Quadro 5 - Princípios para criação de neologismo terminológico. ....	63
Quadro 6 - Estrutura do glossário e exemplo. ....	106

## SUMÁRIO

I DIMENSÕES E DELIMITAÇÕES DO TEMA E DA PESQUISA.....	14
1.1 Aspectos metodológicos e estruturação do trabalho.....	22
II O LÉXICO: PRINCIPAIS CONCEITOS.....	31
2.1 As dimensões do léxico .....	33
2.2 O estudo do léxico .....	36
2.2.1 Palavra, Vocábulo, Termo, Verbetes .....	36
2.2.2 Dicionário, Glossário, Vocabulário.....	43
2.3 Lexicologia.....	46
2.4 Lexicografia.....	47
2.5 Terminologia .....	49
2.6 O léxico e a escola .....	55
III NEOLOGIA E NEOLOGISMO: EXPANSÃO DO LÉXICO.....	59
3.1 A neologia.....	61
3.2 O neologismo.....	64
3.2.1 Neologismo fonológico .....	64
3.2.2 Neologismo sintático.....	66
3.2.3 Neologismo semântico .....	67
IV O LÉXICO DO SERINGUEIRO EM SALA DE AULA: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	70
4.1 Como se deu a escolha do gênero poesia para abordar o léxico.....	74
4.2 Por que a escolha de texto literário regional.....	77
4.3 Por que escolher autores locais como João Vieira de Souza e Manoel Passos .....	78
4.4 A proposta de intervenção .....	80
4.4.1 Dados Gerais da Proposta e Procedimentos .....	81
V RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	98

5.1 Atividades prévias e motivação .....	98
5.2 Aplicação da sequência de atividades .....	100
5.3 Visita ao Seringal Iracema, colocação Lago Grande, Sena Madureira - AC .....	113
5.4 Estrada de seringa da colocação Lago Grande, seringal Iracema.....	114
5.5 Sistema de prensagem de sernambi para fabricação da prancha de borracha .....	116
5.6 Burro de carga utilizado no transporte de produtos na colocação Lago Grande .....	117
5.7 Atividades desenvolvidas em sala de aula.....	117
5.8 Discussão sobre o documentário Amazônia: os heróis esquecidos da Segunda Guerra Mundial.....	119
5.9 Momento de interação com instrumentos de trabalho do seringueiro presentes nos textos analisados .....	121
5.10 Construção de conceito de glossário, linguagem regional, linguagem de especialidades e neologismo.....	123
5.11 Produção do glossário dos textos: A Saga do Seringueiro e Vida de Seringueiro .....	125
5.12 Primeira versão do glossário elaborado pelos alunos .....	126
5.13 Socialização de atividade em sala de aula .....	128
5.14 Caracterização temática da sala de aula .....	130
5.15 Apresentação do glossário na escola .....	131
5.16 Glossário referente ao defumador.....	132
5.17 Apresentação do glossário na Escola Raimundo Hermínio de Melo .....	135
5.18 Produção de materiais para dinamizar a leitura e ilustrar o glossário .....	137
5.19 Fabricação, artesanal, da réplica da borracha em madeira .....	138
5.20 Construção do defumador (fumaceira) na escola .....	138
5.21 Construção da fonalha de defumação.....	140
VI CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	143
REFERÊNCIAS .....	152
APÊNDICE 1 .....	156
APÊNDICE 2 .....	166

## I DIMENSÕES E DELIMITAÇÕES DO TEMA E DA PESQUISA

Há várias Amazôniaas na Amazônia; há Amazônia dos rios de águas brancas e de águas pretas; há Amazônia dos cerrados, dos manguezais e das florestas [...]; assim como há Amazônia dos índios, caboclos e seringueiros (PORTO-GONÇALVES, 2001, p. 09).

A escolha de trabalhar um tema que tivesse uma relação com o contexto do seringal e as atividades desenvolvidas pelos seringueiros se deu porque minha origem vem do seringal, sou filho de seringueiro, nasci no seringal e vivenciei um pouco da rotina do seringueiro até 12 anos, também vi meu pai cortar seringa, caçar, quebrar castanha, roçar as estradas de seringa, raspar, vi colocar ponte em igarapés, roçar e entigelar as estradas, produzir borracha, ou seja, vivenciei um pouco do processo de produção de borracha no final da década de oitenta no município de Brasileia, estrada de Assis Brasil, km 75.

Para mim, trabalhar com o léxico do seringueiro é um reencontro comigo mesmo, com minhas raízes e com minha identidade. Por essa razão, esse trabalho se tornou prazeroso por mais desafiador que seja. Ao ler os textos selecionados para instrumentalizar minha proposta de trabalho pude sentir novamente o cheiro da mata, do leite de seringa na bacia, pois ainda está vivo em minha memória o curto período que vivi no seringal em meio aos fazeres diários do seringueiro.

Quando decidi que iria buscar o mestrado eu sabia que precisava aprender muitas coisas, sobretudo sobre pesquisa e aporte teórico. Mas de uma coisa eu tinha certeza: a minha pesquisa iria abordar um tema relacionado ao modo de vida e atividades do seringueiro. Quando comecei a entender a proposta do Profletras e suas linhas de pesquisa vi que era possível levar para a sala de aula algo que pudesse ajudar os alunos a olhar de uma forma diferente para o trabalhador seringueiro e seu ofício, tanto do ponto de vista histórico, cultural e, sobretudo, linguístico.

Pensando nisso, fiz meu projeto na disciplina ministrada pela professora Rosane Garcia voltada para o estudo do léxico e memória dos seringueiros. O projeto foi avaliado pela docente responsável no momento. Graças a meu orientador, professor doutor Alexandre Melo, pude aperfeiçoar o projeto e perceber a dimensão e os desafios que eu teria que enfrentar para desenvolver, mas não tive medo, fui em frente. O professor Alexandre mostrou os caminhos que eu deveria seguir. Fui e aprendi muita coisa sobre léxico, glossário, dicionário, coisas que eu não tinha noção de como eram, sobretudo, a arquitetura de um dicionário. Isso ajudou a construir uma proposta de intervenção que colocasse os alunos para produzirem a partir dos textos e do contexto regional em que vivemos.



Ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional, percebi que há inúmeras produções sobre os seringueiros e seu modo de vida, muitos poemas, músicas, contos, romances e até minisséries, no entanto, com um objetivo didático para uso em sala de aula não vi nada específico. Por isso, elaborei minha pesquisa considerando textos já produzidos que trazem em seu bojo o vocabulário típico dos seringueiros nascido do processo de nomeação de objetos e espaços de trabalho no primeiro e segundo ciclo da borracha no Acre. Esse falar está ainda na memória de muitas pessoas, eu poderia ter optado pela entrevista, mas percebi que seria mais eficiente trabalhar com o texto escrito, pois eles estão nas bibliotecas das escolas, apenas não são acessados com objetivo didático às vezes. Por isso, o meu trabalho pretende ajudar outros professores a desenvolver propostas de trabalhos com outros textos sobre o tema, pois há inúmeras obras regionais disponíveis.

Certamente, a compreensão do léxico ajuda no processo de leitura de textos regionais, pois há nesses textos palavras nascidas e utilizadas pelos trabalhadores seringueiros que ganham novos sentidos devido a necessidade de nomeação de objetos e ações a partir das possibilidades linguísticas de adaptação e flexibilização da linguagem para atender ao processo de interação e comunicação entre os grupos de falantes, sejam eles de especialidades, como é o caso do grupo dos seringueiros, ou não. Por isso, devido a minha relação pessoal com o tema aqui defendido, espero contribuir muito com o ensino da língua e com o estudo e ensino do léxico e seus sentidos no texto e no contexto de uso da palavra.

Delimitamos o estudo e ensino do léxico referente ao contexto e atividades realizadas no seringal, o modo de vida dos seringueiros, os instrumentos de trabalho e o espaço ocupado nos seringais utilizando como *corpus* dois textos de autores regionais. O primeiro com o título “A Saga do Seringueiro”, publicado em um jornal local em 2005 e a obra “Vida do Seringueiro” de João Vieira de Souza sem data de publicação. Com este estudo, nossa pesquisa pretende contribuir com o ensino do léxico regional e mostrar como o estudo do léxico pode tornar o aprendizado significativo na escola, no tocante ao ensino de língua portuguesa.

O ensino da língua portuguesa nas escolas precisa atender às necessidades do aluno, contribuindo para que ele saiba se expressar por meio da oralidade e da escrita no contexto comunicativo e interativo, sendo necessário conhecimento das normas e dos recursos que a língua oferece para essa finalidade, temos o léxico ou o estudo lexical como um recurso que a língua dispõe para o ensino e aprendizado do aluno. Além disso, precisamos promover uma metodologia de ensino que permita que o estudante, sobretudo do Ensino Fundamental II,

acesse outros níveis de conhecimento, identificando a cultura e o contexto aos quais pertence. Esse papel é desenvolvido pelas interações entre os usuários da língua.

Para realizar esta pesquisa selecionamos textos, exibimos documentários sobre os seringueiros e soldado da borracha, apresentamos imagens de objetos e espaços do universo do seringueiro, realizamos diversas atividades motivadoras e de produção de glossário do vocabulário do seringueiro presente nos textos que tomamos como corpus desta pesquisa que também podemos denomina-la de pesquisa-ação, uma vez que realizamos e participamos simultaneamente da pesquisa, seja na coleta de dados, nas visitas que realizamos, nas atividades de confecção de material e espaços e na leitura dos textos e produção do glossário, tudo nos ajudou a mudar nosso olhar para o tema abordado aqui.

As atividades planejadas como proposta de intervenção no ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental II foram aplicadas numa turma de oitavo ano da escola Assis Vasconcelos em Sena Madureira – Acre. Também contamos com a colaboração da professora de história Altaíza Liane Marinho, da coordenadora de ensino Alda Brito, da professora de língua portuguesa Sebastiana Leandra Henrique, do coordenador pedagógico Marçilin da Silva Freitas, do professor Ediberto Lemos e da Diretora Sionilda Gadelha Barbosa. Estas pessoas contribuíram para que as atividades acontecessem na escola da melhor forma.

Ressaltamos que a pesquisa-ação, de acordo com as considerações de Thiollent (1988) nos permite compreendemos que a pesquisa-ação parte de uma ação de pesquisa realizada em estreita relação com as ações do pesquisador sobre objeto pesquisado de forma colaborativa e interativa e transformadora. Também nesta mesma linha de pensamento, Fonseca (2002) afirma que:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (FONSECA, 2002, p. 34).

Nosso trabalho com o léxico do seringueiro, partindo do seu modo de vida, dos espaços de trabalho e dos instrumentos ou ferramentas utilizadas na extração do látex e na produção de borracha pode-se afirmar que é uma pesquisa-ação, pois a metodologia que adotamos para realizar as atividades permite a construção conjunta a partir de um contexto histórico da região e de um grupo de falantes que dialoga com a realidade de um período de

produção de borracha na região que interferiu na formação da identidade linguística desta parte do Brasil. Além disso, na pesquisa-ação, segundo Fonseca (2002)

O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram (FONSECA, 2002, p. 35).

Portanto, apresentaremos nesta dissertação, os resultados de uma pesquisa-ação que partiu de uma realidade social de uma região, tendo como foco evidenciar a linguagem constituída a partir do processo de nomeação de objetos e espaços pelos trabalhadores seringueiros nos seringais acreanos. A maneira que abordamos o tema em sala de aula e na comunidade escolar permitiu o compartilhamento de experiências e conhecimento tanto do pesquisador, como dos alunos e das pessoas que ajudaram e visitaram a exposição do trabalho na escola.

Durante o processo de realização da pesquisa até a conclusão houve um crescimento intelectual do pesquisador sobre o objeto pesquisado, pois iniciamos a pesquisa com uma problemática e com o desafio de transformar o léxico do seringueiro em aula para o ensino fundamental II, com isso aprendemos muitas coisas sobre nossa prática em sala de aula e de quanto é gratificante promover atividades que promovam o encontro do ser com suas raízes históricas culturais e sociais, pois segundo Fonseca (2002, p. 35) “a reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador”.

Além disso, a língua de determinado povo carrega sua identidade, sua cultura, sua história e suas relações sociais. A *língua* pertence ao ser humano como parte dele como defende Bagno (2003, p. 18). O autor afirma que “a *língua*, como uma *essência* não existe: o que existe são seres humanos que falam línguas. A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos que se servem dela”. Por ela ser um instrumento vivo, dinâmico e social a língua se adapta e se transforma, conforme as mudanças na sociedade, pois é por meio dela que os sujeitos se comunicam e transmitem suas mensagens. Também, o surgimento de grupos de falantes por influências culturais, geográficas ou tecnológicas implica em mudanças significativas na língua, o que causa mudanças na estrutura e sentido das palavras.

A escola, de modo geral, tem buscado maneiras de promover um ensino de língua portuguesa de forma eficiente e significativa para os estudantes, certamente, o trabalho com léxico apresenta-se como uma possibilidade para novas atividades e novas metodologias para

o ensino em sala de aula. Pois entendemos que mesmo que muitos professores venham desenvolvendo projetos e didáticas que considerem o contexto e o conhecimento prévio do aluno acerca do léxico da língua, ainda tem muitas possibilidades para inserir o léxico nas aulas. Precisamos avançar nas discussões acerca do ensino e aprendizagem da língua, não limitar o trabalho apenas ao livro didático, mas ampliar sua abrangência, buscar textos que dialoguem com a realidade do falante, pois certamente o conhecimento do léxico presente em textos locais ou regionais implicará na qualidade da leitura. Sobre esse aspecto, Antunes (2003) afirma que:

Um exame cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém uma perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizada. Nesses limites, ficam reduzidos, naturalmente, os objetivos que uma compreensão mais relevante da linguagem poderia suscitar (ANTUNES, 2003, p. 19).

Antunes (2003) nos faz refletir acerca das limitações sobre o estudo da palavra e alerta-nos que é necessário ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem a partir da palavra, pois a linguagem é carregada de significados a partir da palavra, certamente ao contextualizar o estudo da palavra ou da frase, considerando seu contexto de produção e o lugar de onde ela parte pode-se surgir novas interpretações e novos conhecimentos sobre a linguagem. A autora nos permite entender que uma prática pedagógica com foco no estudo da palavra contextualizada pode levar o aluno a ampliar o campo de visão dele acerca do texto e de sua importância para o aprendizado.

Devemos conceber o ensino da língua portuguesa a partir das relações entre a gramática, o texto e o contexto de produção e circulação de informações. Além disso, deve-se considerar também o lugar de onde o texto fala, pois é nesse aspecto que o léxico empreende grande contribuição para a compreensão textual e ampliar repertório vocabular. Por esse viés, inferimos que o estudo do léxico deve partir do texto, pois é nesse nicho que encontramos a linguagem regional, a linguagem de especialidade, os neologismos, os fenômenos terminológicos, entre outras especificidades da língua importantes para o ensino e aprendizagem lexical. Brasil (2018) orienta que a língua e seus códigos devem ser trabalhados a partir do texto. Por isso, a proposta da nova base curricular:

[...] assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL, 2018, p.66).

Acreditamos que o texto é o instrumento por excelência de manifestação da língua em todos os seus aspectos a fim de promover a interação e a comunicação entre os interlocutores. É através dos textos regionais que os alunos poderão perceber o contexto social ao qual pertencem, e também desenvolver e aprimorar suas habilidades de leitura e escrita, bem como proporcionará as mudanças intelectuais e de atitudes diante da realidade, pois só assim se tornarão sujeitos da construção e transformação social e pessoal pelo conhecimento.

O que temos que almejar hoje é um ensino muito mais fundamentado no estudo da palavra, da linguagem, da cultura, do contexto comunicativo no qual o léxico é gerado. A escola deve promover a interação do aluno por meio da linguagem, a partir de uma concepção interativa, pois como afirma Geraldi (1996, p. 19), “a língua e o sujeito se constituem nos processos interativos”. O autor afirma que

[...] a escola se quisesse ser bem-sucedida numa direção diferente daquela que ela hoje já é bem-sucedida, poderia proporcionar a maior diversidade possível de interações: é delas que a criança extrairá diferentes regras de uso da linguagem porque diferentes são as instâncias (GERALDI, 1996, p. 41).

Comprendemos que as regras de uso da língua devem ser descobertas pelo aluno no interior do texto e no processo de comunicação por meio da linguagem em diferentes contextos.

Geraldi (1996, p. 46) diz que por meio de “uma concepção sociointeracionista da linguagem pretende recuperar, dando aos processos interlocutivos da sala de aula lugar preponderante no processo de ensino/aprendizagem”. Inferimos que através de práticas docente que proporcionem, por meio da linguagem, a interatividade do aluno com o meio social no qual está inserido, com os costumes, com os problemas políticos, econômico, ambiental, com os direitos humanos e com os direitos e deveres do cidadão, o ensino da língua terá mais significância para o aluno. O autor afirma ainda que

[...] o texto é condição para a leitura; e que a leitura vivifica os textos [...] a qualidade (profundidade) do mergulho de um leitor num texto depende de seus mergulhos anteriores. Mergulho não só nas obras que leu, mas também da leitura que faz da sua vida (GERALDI, 1996, p. 112).

Entendemos que há uma relação entre a realidade e a língua do falante. Essa relação não é aleatória, mas é resultado de suas leituras e experiências de vida que precisam ser considerados no processo de ensino.

Sobre a prática docente e o ensino da linguagem, Geraldi (2011) postula três concepções de linguagem que são importantes destacarmos neste trabalho. São elas: (a) a linguagem é a expressão do pensamento; (b) a linguagem é instrumento de comunicação; (c) a linguagem é uma forma de interação. Geraldi define estas concepções como:

a) linguagem como expressão do pensamento: esta concepção ilumina basicamente os estudos tradicionais. Se concebermos a linguagem como tal, somos levados a afirmações correntes de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam (GERALDI, 2011, p. 46).

Vale ressaltar que o ensino baseado nesta concepção condiciona o processo de expressão do pensamento ao bom uso da linguagem, seja ela verbal ou não-verbal. No entanto, temos de considerar as várias formas de linguagem que permitem que o falante nativo expresse suas opiniões, suas impressões da realidade, suas narrativas da vida cotidiana de várias formas. A poesia ou o texto literário é apenas uma das várias possibilidades que temos.

b) essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. Em livros didáticos, esta é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos títulos, embora em geral seja abandonada nos exercícios gramaticais (GERALDI, 2011, p. 46).

O ensino baseado nessa concepção não valoriza a relação com o contexto, desconsiderando os saberes do sujeito, as experiências de vida do sujeito leitor, e os conhecimentos prévios acerca do assunto tratado no texto, além de limitar a relação com outros textos, retornando às regras da gramática com exercícios baseado nas normas gramaticais como predominantes.

Já a concepção de que a linguagem é uma forma de interação, o autor postula que:

c) [...] mais do que possibilitar a transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala (GERALDI, 2011, p. 46).

Nesta concepção percebemos que a linguagem é vista como instrumento de interação social, de expressão de pensamento e de construção de relações. Portanto, seria essa concepção que permitiria ao aluno o aprendizado significativo sobre a língua, a linguagem e o léxico. Acerca do ato de ler como processo de interação, de acordo com Bakhtin (1997, p. 404), “toda palavra (signo) de um texto conduz para fora dos limites desse texto”.

Por este viés, compreendemos que os textos não são fechados em si mesmos, mas nascem de outros textos baseados nas interações discursivas do ser humano. Ler, portanto, é estabelecer o diálogo entre o sujeito e o mundo por meio do domínio da linguagem, sobretudo do léxico da língua.

Ao se referir à língua portuguesa e ao desafio de ensiná-la é preciso saber as dimensões do grande país que é o Brasil, com uma geografia diversificada e regiões tão diferentes. No entanto, temos o regionalismo como um detalhe a mais que enriquece o idioma, porém requer um esforço e a aplicabilidade das ciências da língua, como a Lexicologia, para descrever toda a realidade expressa através da língua em todas as regiões. Com vistas nisto, o léxico é uma forma de contribuir para a construção do conhecimento autêntico acerca da língua de cada região e de cada grupo de falante de especialidades.

Nesta perspectiva, surge o trabalho com o léxico, com suas técnicas de abordagem, bem como traz o enquadramento da palavra, seja em dicionário ou glossário que atuam nessas particularidades da língua contribuindo para sua preservação e compreensão. É preciso priorizar o estudo do léxico nas escolas, pois a partir da compreensão do sentido das palavras é possível ler e compreender um texto de forma proficiente.

A pretensão deste trabalho foi desenvolver uma sequência de atividades para o estudo do léxico na sala de aula do Ensino Fundamental II, que resgatasse a memória e o vocabulário do seringueiro, bem como valorizasse a cultura local e a linguagem regional constituída pelo grupo de trabalhadores seringueiros conforme suas necessidades de nomear objetos e espaços e interagir no contexto do seringal. Também se verificou as possibilidades de suas contribuições para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa nas escolas, a partir de uma metodologia que permitiu a leitura e o entendimento dos textos regionais, bem como de qualquer gênero, desde que retrate uma região ou um grupo de falantes.

As atividades foram planejadas tomando como base os textos poéticos regionais “A vida do Seringueiro”, de João Vieira de Souza; “Saga do Seringueiro”, de Manoel Passos, cujos temas fazem referencia ao contexto de produção e comercialização de borracha no Acre. No entanto, a partir da metodologia e das situações de aprendizagem que vamos apresentar neste trabalho, será possível aplicar em qualquer gênero textual, se o foco for o estudo do léxico e suas dimensões na língua portuguesa do Brasil.

A escolha de poesia regional de autores populares, regionais e anônimos se deu porque a história da extração de borracha no Acre faz parte da formação da cultura e da linguagem os quais relatam suas experiências e seu olhar sobre o tema. Além disso, a maioria dos alunos tem ou já teve um avô ou uma avó, um tio seringueiro, soldado da borracha e até mesmo

seringalista. Muitos pais e tios foram seringueiros, esse fato faz parte da vida cotidiana da sociedade acreana, da história e da formação dos falares do acreano<sup>1</sup>. No entanto, isso está se perdendo por falta de propostas para trabalhar o léxico regional na escola a partir de textos que dialoguem com a realidade da linguagem regional.

A leitura de um texto, independente de qual gênero pertença, torna-se significativa quando o aluno compreende que as palavras são polissêmicas, carregadas de conceitos e que se pode criar e recriar novas palavras e empregá-las nos textos a partir de um contexto comunicativo. Pretendemos com este trabalho contribuir com o ensino da língua portuguesa apresentando novas propostas de atividades para o ensino a partir do léxico. Planejamos e vivenciamos momentos de aprendizagem atividades que proporcionaram o desenvolvimento da leitura do aluno, ampliando de repertório lexical que se manifesta pela linguagem dos trabalhadores seringueiros que tomamos como ponto de partida para suscitar as discussões e reflexões sobre o tema de nossa pesquisa.

### **1.1 Aspectos metodológicos e estruturação do trabalho**

Para a realização desta pesquisa tivemos como objetivo geral a apresentação uma proposta de intervenção, uma sequência de atividades, que possibilite o estudo do vocabulário do seringueiro no Ensino Fundamental II, contribuindo para a valorização da cultura local. Tínhamos como objetivos específicos: promover o estudo do léxico regional a partir do vocabulário do seringueiro presente em obras literárias de autores locais: *A saga do seringueiro* e *Vida do seringueiro*; possibilitar a ampliação do repertório linguístico-vocabular de termos regionais utilizados na comunicação no contexto das relações socioculturais do seringal.

Além disso, resgatar a história e a importância dos seringueiros na formação cultural e social de Sena Madureira; contribuir com o ensino da Língua Portuguesa através de atividades que abordem o léxico em sala de aula; produzir um glossário com o léxico dos seringueiros e também envolver a escola e a comunidade na operacionalização da proposta, desde o conhecimento dos elementos (esquecidos) da cultura local até a socialização dos resultados alcançados.

---

<sup>1</sup> Acreano - o gentílico acreano foi adotado nesta dissertação porque é a forma mais antiga pronunciada pelos falantes desta região. O novo acordo ortográfico uniformizou o uso do sufixo "-eano para "-iano" possibilitando o uso da forma "acriano". Neste trabalho optamos por adotar a forma mais antiga de acordo com a Academia Acreana de Letras, pois a Academia reconhece o gentílico 'acreano' como "consagrado pelo uso regional".



Temos nos preocupado com a aprendizagem do aluno acerca da língua portuguesa, sentimos a necessidade de contribuir para minimizar os desafios do professor de língua portuguesa em envolver os alunos em atividades interativas e produtivas, por isso apresentamos nossa proposta de intervenção para o ensino do léxico em sala de aula a partir da construção de um glossário de palavras do universo dos seringueiros, pelos alunos, a partir das palavras encontradas nos textos selecionados para a aplicação da sequência de atividades. Para isso, planejamos e utilizamos uma sequência de situações de aprendizagem com atividades diversificadas e conteúdos que proporcionou um aprendizado significativo do léxico da língua referente um período histórico que faz parte da vida da maioria dos acreanos<sup>2</sup>.

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa-ação foi a seleção de textos regionais, exibição de documentários e imagens que transportassem o aluno para o universo do seringueiro, a leitura dos textos selecionados e a aplicação de uma sequência de atividades para abordar o estudo do léxico em sala de aula, tendo como produto destas ações a elaboração de um glossário do léxico do seringueiro. O método de abordagem dessa pesquisa será qualitativa, uma vez que o método qualitativo tem um caráter mais subjetivo e abarca a coleta e análise de dados a partir de significados e discurso.

De acordo com Silveira e Córdova (2009, p.31), a pesquisa qualitativa se preocupa “com o aprofundamento da compreensão do grupo social”. Esse método de abordagem permitiu uma análise lexical dos seringueiros, a partir da linguagem utilizadas por eles presente nos textos de expressão regional de vários gêneros, com mais expressividade no gênero literário. A partir da contextualização dos processos de comunicação entre os trabalhadores seringueiros, identificamos, contextualizamos e analisar os sentidos das palavras empregadas no texto escolhido, buscando compreender a identidade do sujeito falante, do grupo de falantes e da região à qual estes sujeitos estão inseridos.

Quanto à natureza, esta pesquisa foi de natureza aplicada, uma vez que utilizamos instrumentos para coleta de dados como aplicação de exercícios e atividades em grupo e individual para os alunos envolvidos, fizemos pesquisas em textos e internet, debates e socialização de atividades, confecção de materiais e apresentações de resultados na escola. De acordo com Silveira e Córdova (2009, p.35), esse tipo de pesquisa “objetiva gerar conhecimento para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve

---

<sup>2</sup> Acreano - o gentílico acreano foi adotado nesta dissertação porque é a forma mais antiga pronunciada pelos falantes desta região. O novo acordo ortográfico uniformizou o uso do sufixo "-eano para "-iano" possibilitando o uso da forma "acriano". Neste trabalho optamos por adotar a forma mais antiga de acordo com a Academia Acreana de Letras, pois a Academia reconhece o gentílico 'acreano' como "consagrado pelo uso regional".

verdades e interesses locais”. Por essa razão, esta pesquisa-ação sobre o léxico regional, especificamente, do grupo de trabalhadores seringueiros do Acre, nascido das relações socioculturais, do processo de nomeação e comunicação nos seringais é de natureza aplicada, pois planejamos atividades e aplicamos em uma turma 8º ano do ensino fundamental II, buscando desenvolver uma proposta de intervenção eficiente para o efetivo estudo e ensino do léxico regional.

Quanto aos objetivos desta pesquisa-ação, a classificamos como descritiva e explicativa. Descritiva porque para a coleta de dados utilizamos da aplicação de atividades, fizemos observação e análise dos fatos identificados, registramos dados coletados para análise e produção de resultados. De acordo com Andrade (2010, p.112), “uma das características da pesquisa descritiva é a técnica padronizada de coleta de dados, realizada principalmente através de questionários e da observação sistemática”. Esta pesquisa-ação também teve objetivo explicativo. Segundo Gil (2007, p.43), “uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado”.

Conforme Andrade (2010, p.112), esse tipo de pesquisa, “além de registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados procura identificar seus fatores determinantes”. Foi a partir deste viés que pautamos nossas ações durante o andamento da pesquisa. Além disso, de acordo com Andrade (2010, p.112), este tipo de pesquisa objetiva também “aprofundar o conhecimento da realidade, procurando a razão [...] das coisas”. Através desta pesquisa-ação elaboramos e aplicamos uma proposta de atividades para estudo e ensino do léxico regional em sala de aula.

Esta proposta didático-pedagógica para o ensino do léxico do grupo de trabalhadores seringueiros foi planejada e aplicada numa turma de oitavo ano do Ensino Fundamental II, buscando na produção científica, uma explicação fundamentada teoricamente para o problema do ensino do léxico regional na disciplina de língua portuguesa. Acreditamos que o estudo do léxico a partir de textos ambientados em determinada região é de fundamental importância para o conhecimento dos alunos sobre a linguagem e a língua portuguesa. De uma forma dinâmica foi possível com este trabalho aproximar os alunos do léxico dos seringueiros, pois ainda temos muitos ex-seringueiros vivos, há um acervo histórico, literários e documentários imensos sobre os seringueiros e sua história na região, mas pouca coisa é levada para a sala de aula, por isso desenvolvemos este trabalho.

Adotamos como procedimentos de abordagem do assunto, a pesquisa de campo, pois, de acordo com Andrade (2010, p. 131), “a pesquisa de campo utiliza técnicas específicas, que

têm o objetivo de recolher e registrar, de maneira ordenada, os dados sobre o assunto estudado.” Por essa razão, para colher os dados que precisávamos fizemos uso das técnicas da entrevista, registro de imagens e colhemos objetos representativos do léxico. Segundo Andrade (2010, p. 231), “A entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para elaboração de uma pesquisa”. Durante o processo de pesquisa, mesmo que de forma informal, utilizamos entrevistas, pois conversamos com várias pessoas no sentido de obter informações, os alunos fizeram pesquisas na comunidade e com seus familiares, visitamos diversos lugares, entre outras coisas.

O local onde pesquisa foi desenvolvida é uma escola de ensino fundamental II, Assis Vasconcelos, localizada no bairro Bom Sucesso no município de Sena Madureira. A turma escolhida para aplicar a proposta de intervenção no ensino do léxico da língua portuguesa foi o 8º Ano do turno da manhã com 30 alunos matriculados. Utilizamos textos impressos, o quadro branco, data show, slides, vídeos, objetos e instrumentos de trabalho dos seringueiros, caracterização de espaços e exposição escrita e oral dos resultados do trabalho desenvolvidos em sala de aula. Trabalhamos as definições básicas de linguagem, semântica, léxico, linguagem de grupo de especialidade e linguagem regional.

Além disso, trabalhamos também com a concepção de cultura regional, focado na evidência cultural e no modo de vida dos seringueiros do Estado do Acre e suas contribuições para constituição do léxico local presentes nos textos que utilizamos para tais atividades. Realizamos várias atividades de leitura, análise e identificação de palavras do léxico do seringueiro presente nos textos “A Saga do Seringueiro” de Manoel Passos e “Vida do Seringueiro” de João Vieira de Sousa.

A fim de repertoriar os alunos de informações sobre o tema confeccionamos instrumentos de trabalho do seringueiro, construímos uma réplica do defumador e todos os elementos que fazem parte do sistema de defumação de borracha ocorrido no Acre até meados do século XX. Com estes alunos debatemos e construímos os conceitos básicos de língua, linguagem regional, linguagem de grupo de especialidades, contexto histórico e social dos seringueiros que vieram dos estados do nordeste para a Amazônia cortar seringa e produzir borracha, sobretudo, no segundo ciclo de produção de 1939 a 1945 durante a Segunda Guerra Mundial.

Construímos também as concepções de glossário, léxico e léxico do seringueiro o qual nos propomos estudar. Realizamos atividades em grupo, pesquisas, debates, exposição de conteúdos e debates sobre o assunto em sala, compartilhamos experiências, socializamos atividades, elaboramos glossário numa constante atividade de pesquisa, escrita e reescrita do

texto do glossário, leitura dos textos elegidos para a pesquisa, levamos objetos para a sala e construímos e caracterizamos espaços com o tema para a apresentação do produto final.

O período de execução da proposta na escola durou cinco meses, iniciamos as atividades em maio e concluímos em setembro de 2019. Tínhamos dois encontros semanais nas quintas e sextas-feiras para trabalhar as atividades da proposta de nossa pesquisa, somando duas horas presenciais em sala de aula, também realizamos atividade extraclasse como também determinamos um tempo para pesquisa na internet, com familiares e comunidade sobre as atividades e instrumentos utilizados pelos seringueiros.

O total de horas/aulas utilizadas para o estudo do léxico e elaboração do glossário somou 30 horas. Este tempo corresponde à realização das atividades de apresentação e motivação do tema, leitura dos textos utilizados como fonte de pesquisa, atividades individuais e em grupo, pesquisas na internet, livros e comunidade, visitas a lugares e pessoas, construção de réplicas de borracha e defumador, registro de imagens para ilustrar o glossário, elaboração do glossário e apresentação na escola.

Dado o suporte necessário para que o estudo do léxico se fundamentasse de maneira prática e sistematizada a partir do aporte teórico que utilizamos para abordar o tema e da proposta de atividade que elaboramos e aplicamos na turma escolhida, objetivando promover o estudo e ensino do léxico para o ensino fundamental II percebemos que os resultados foram além do esperado. Mesmo com grandes desafios ao ensino e aprendizagem, sobretudo da língua portuguesa neste início de século XXI, nossa proposta de atividades foi executada com muito entusiasmo e cooperação dos alunos que se dedicaram ao máximo na execução das tarefas propostas em cada passo da pesquisa.

Planejamos uma proposta de atividades que consistia em estudar o léxico dos seringueiros a partir das obras: “A Saga do Seringueiro” de Manoel Passos e “Vida do Seringueiro” de João Vieira de Souza. Para contextualizar as obras utilizamos imagens do universo do seringal, documentários sobre os seringueiros soldados da borracha, objetos de trabalhos e recriamos espaços e seus elementos como o defumador que construímos no pátio da escola, visitamos lugares como: a fábrica de borracha em Sena Madureira, a colocação Lago Grande, visitamos também o poeta e autor Manoela Passos, levamos todas estas informações para a sala de aula a fim de que os alunos alcançassem os resultados desejados acerca do estudo e compreensão do léxico do seringueiro.

Fizemos atividades individuais e em grupos em sala de aula, os grupos socializaram suas atividades em sala, expomos conteúdos sobre a língua, a linguagem e a formação do léxico, utilizamos as informações adquiridas sobre os conceitos básicos de glossário e de sua

estrutura, por fim escrevemos e reescrevemos o glossário das obras que utilizamos como fonte de pesquisa, organizamos o glossário em molduras para facilitar e ilustrar a apresentação.

Fizemos uso das imagens registradas de objetos do universo do seringueiro para ilustrar o glossário para a apresentação. Esta ilustração resultou na produção do glossário ilustrado do seringueiro, fruto do trabalho desta pesquisa-ação com os alunos do 8º Ano da escola Assis Vasconcelos em Sena Madureira.

Para a execução das atividades propostas tivemos vários desafios que vale a pena resumir aqui. Dentre os diversos desafios que superamos neste trabalho tivemos o planejamento de uma proposta de atividades que abordasse o léxico pelo viés do ensino em sala de aula. Planejar atividades para tratar de um assunto que circula praticamente no meio acadêmico de estudos linguísticos e lexicais e não no meio escolar precisamos nos munir de toda experiência de ensino em sala de aula para que criássemos atividades exequíveis. Outro desafio foi conseguir imagens originais para ilustrar o trabalho. Para conseguir imagens originais fizemos visitas a uma colocação de seringa, visitamos o parque Capitão Ciríaco em Rio Branco onde fotografamos um defumador.

Visitar a colocação Lago Grande no seringal Iracema foi um grande desafio, pois o acesso era muito difícil, o carro não chega até o local, precisamos seguir por um varadouro pela floresta por quase duas horas de caminhada. Chegando a casa seguimos em busca da estrada de seringa para fazer umas imagens originais e conhecer o sistema de produção implementado no lugar. Foi uma viagem de dois dias, muito cansativa, mas gratificante, de muito aprendizado e descobertas sobre o léxico e a produção atual de borracha. Certamente tudo o que vimos, fotografamos e trouxemos para compartilhar na sala contribuiu positivamente para os resultados do trabalho em sala.

Também tivemos o desafio de construir o defumador no pátio da escola que só foi possível através do envolvimento de mais pessoas para ajudar e das doações de material, tivemos que pedir ajuda e graças à solidariedade de muitos conseguimos bastante material, tanto para construção do espaço, bem como para caracterização da sala de apresentação do glossário e confecção de material, sobretudo as molduras para fixar os verbetes do glossário. Para confeccionar as molduras pedimos ajuda à coordenadora e obtivemos um resultado maravilhoso com esta atividade, pois ilustrou significativamente a apresentação dos alunos.

Tivemos de pedir que os alunos reescrevessem o texto do glossário algumas vezes até atender à estrutura que adotamos para definir o verbe. Além da reescrita, nos preocupamos também com a formalidade da língua e a correção gramatical do texto dos alunos para que o trabalho ficasse bem escrito e estruturado. Conseguimos despertar a atenção dos alunos para o

cuidado com a escrita das palavras, com a pontuação e acentuação seguindo a norma padrão da língua. Enfim, fazer os alunos compreenderem e atribuírem uma definição para o léxico do seringueiro, para a linguagem de especialidades e a linguagem regional foram o maior desafio e com muitas atividades e vários recursos didáticos conseguimos superar esta dificuldade.

Entretanto, um dos maiores desafios para a realização deste trabalho foi estabelecer uma relação coerente entre os objetivos da pesquisa e os objetivos da proposta de atividades aplicada em sala de aula. Percebemos que a proposta de intervenção planejada precisa dialogar claramente com os objetivos da pesquisa e equalizar esta relação extrapola o nível de compreensão da pesquisa, pois vamos além quando inserimos uma proposta de atividades a serem executadas com objetivos e metodologias bem definidas e exequíveis dentro de uma pesquisa maior sobre o assunto, com todo embasamento teórico e científico.

Certamente esta tarefa torna o mestrado profissional diferenciado dos outros programas acadêmicos. Para o mestrando do Profletras este é e continuará sendo um grande desafio, mas é justamente nesta relação entre pesquisa e proposta de intervenção no ensino da língua portuguesa que reside nosso diferencial.

Assim, para ilustrar a elaboração do glossário conseguimos alguns instrumentos e materiais de trabalho do seringueiro que estão descritos nos textos que pesquisamos, fotografamos e utilizamos para ilustrar o glossário produzido. Primeiramente trouxemos uma cabrita comprada numa cooperativa em Sena Madureira. Em Rio Branco conseguimos o balde e a poronga. Um de nossos alunos trouxe uma raspadeira, adaptamos um barquinho para se tornar o regatão, com um tronco de madeira fizemos o cavaco.

Além disso, trouxemos para a escola todos os elementos que fazem parte do defumador de borracha como: a cuia, a bacia, o cepo de assento, os mourões, a fornalha, o porão da fornalha, o cavaco feito de fatias de madeira verde, o cavador e a réplica da péla de borracha. Ressaltamos que as palavras registradas acima, estão definidas no glossário produzido pelos alunos com nossas orientações e intervenções.

Construímos o defumador e todos os elementos que o compõem. Para isso contamos com a ajuda de pessoas da comunidade e doações de materiais como: madeiras para a armação e palhas para cobertura. Também tivemos ajuda dos alunos e servidores da escola. A coordenadora pedagógica orientou a construção da fornalha. Com o espaço construído tratamos de montar a parte interna com os instrumentos descritos no livreto de João Vieira de Souza, Vida do Seringueiro. A réplica da borracha, construímos transformando um troco de madeira doada por um produtor rural do município. Levamos este material para um

marceneiro para ele moldar a péla de borracha. Também o eixo de sustentação da borracha denominado cavador foi doado por este mesmo produtor.

Os mourões que sustentam o cavador com a borracha fabricamos utilizando troncos de pupunha da colônia do ex-seringueiro Antônio Germano da Silva. A cuia fizemos de coco da praia, também o cepo de assento trouxemos da propriedade rural do ex-seringueiro citado acima. Todos estes elementos foram levados para a sala de aula para que os alunos os nomes nos textos. Foi relevante esta interação no entre-espço texto e objeto, pois muitos alunos não entenderiam com tanta precisão o sentido de uma palavra apenas com a definição e o contexto, ver e manusear alguns instrumentos e objetos foi imprescindível, pois além de proporcionar o conhecimento do léxico ele puderam conhecer e interagir com estes elementos.

Através de imagens, objetos de uso na produção de borracha e vídeos buscamos construir, com os alunos, uma concepção de cultura do seringueiro com foco no legado cultural e linguístico deixado por eles na história. Buscamos olhar para o trabalho dos seringueiros na selva amazônica a partir do segundo ciclo da borracha. Olhamos para este processo pelo qual passou estes homens aqui nesta região como um processo contínuo de desagrupamento e reagrupamento simultâneo, fato que nos direciona para o estudo do léxico, pois acreditamos que através desta construção lexical podemos entender a história, a cultura por meio do estudo do léxico.

O trabalho está estruturado em seis capítulos. No primeiro apresentamos os aspectos relacionados ao tema escolhido, à pesquisa que foi desenvolvida, aos aspectos metodológicos e as orientações teóricas que fundamentam o estudo e ensino do léxico, bem como destacam sua importância e os objetivos que almejamos atingir com a pesquisa. No segundo capítulo trazemos as definições teóricas básicas do que é o léxico e de suas ciências como: lexicologia, lexicografia e terminologia, estão elencadas neste capítulo as definições de elementos de estudo do léxico como: Palavra, Vocábulo, Termo, Verbetes, Dicionário, Glossário e Vocabulário e suas contribuições para o ensino e aprendizagem da língua.

No terceiro capítulo discorremos sobre as definições básicas de neologia, neologismo com ênfase nas suas contribuições para a compreensão e ensino do léxico, bem como compreender o processo de sua construção. Embasamos nossa abordagem nos trabalhos de Alves (1998) e Barbosa (1998). Além dos conceitos básicos, trouxemos a classificação de alguns neologismos que mais se relacionam com o objeto da pesquisa, são eles: neologismo fonológico, sintático e semântico.

O quarto capítulo é composto pela proposta de intervenção elaborada para ser aplicada em sala de aula a partir de uma sequência de atividades planejada para este fim. Discorremos

sobre a escolha dos textos para o *corpus* da pesquisa, a escolha de autores locais e do gênero poesia. Também destacamos os desafios do ensino do léxico na escola, o uso do verbete para fins pedagógicos e as competências lexicais da língua. Disponibilizamos, neste capítulo, os textos que utilizamos durante todo o processo de estudo e de construção do glossário do léxico do seringueiro. Por fim apresentamos a proposta de atividade em forma de sequência didática. Primeiro elegemos o 8º Ano como a série para qual elaboramos a proposta. Em seguida destacamos os objetivos da proposta de intervenção, os conteúdos e elencamos as situações de aprendizagem com as quais acreditamos que alcançaremos as aprendizagens esperadas.

No quinto capítulo tratamos da aplicação da proposta de intervenção conforme a sequência de atividades que planejamos. Descrevemos as atividades de motivação e identificação dos conhecimentos prévios dos alunos, a explicação da estrutura do glossário adotada para definir os verbetes, as primeiras produções dos alunos, as intervenções do professor na escrita e reescrita das produções dos alunos, as visitas que fizemos ao poeta Manoel Passos, a nossa ida a uma colocação de seringa em Sena Madureira, nossa visita ao parque Capitão Ciríaco em Rio Branco em busca de informações para levar para a sala de aula, enfim temos neste capítulo os resultados da nossa pesquisa, bem como o passo a passo da aplicação das atividades e da apresentação na escola com algumas imagens dos momentos de atividade e construção da aprendizagem.

No sexto capítulo trazemos as considerações finais, apresentaremos as contribuições que esta pesquisa trouxe para o ensino da língua portuguesa, para o ensino do léxico, para o profissional das letras e apontamos para as possibilidades de novas pesquisas nesta mesma linha, pois visualizamos fontes inesgotáveis de pesquisa sobre o léxico e a cultura do seringueiro na região que podem contribuir para o ensino da língua materna. Além disso, construímos e disponibilizamos um caderno de atividades para instrumentalizar os professores de língua portuguesa que desejarem aplicar as atividades na escola.

Iremos perceber ao longo do trabalho que estes elementos conceituais e práticos ajudam o professor a preparar melhor as atividades para ensino do léxico. Para elaborar e estruturar a proposta, inicialmente explicaremos como se deu a escolha do gênero textual poesia para abordar o estudo do léxico na atividade, também esclarecemos o motivo da escolha de textos literários regionais, bem como o porquê da escolha de autores regionais. Além disso, fazemos uma abordagem sucinta acerca dos desafios para o professor de língua portuguesa trabalhar o léxico regional em sala de aula.



## II O LÉXICO: PRINCIPAIS CONCEITOS

O processo de extração do látex na região norte e suas relações sociais, culturais e econômicas fez surgir falares específicos na região, porém com o passar do tempo o não uso de alguns vocábulos faz com que caiam no esquecimento, com isso a leitura de determinado texto com linguagem regional fica comprometida, pois as palavras registram as ações humanas em diferentes épocas, o que contribui para que a língua se movimente e se transforme para atender aos fins comunicativos, uma vez que, segundo Bagno (2003, p. 19) a língua se realiza e existe verdadeiramente “dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os seres humanos que a falam e escrevem”. Essa vasta coleção de palavras novas ou neologismos estão nos registros escritos em jornais, músicas, poemas, contos, romance etc.

Nosso objetivo nesse trabalho não é fazer uma abordagem discursiva ou sociológica do assunto, e sim trabalhar com o léxico e suas contribuições para a linguagem regional a partir de um grupo de falantes específicos: os seringueiros, numa perspectiva didática para que chegue até a sala de aula. Acreditamos que o léxico abre inúmeras possibilidades para levar textos regionais para a sala de aula e mostrar aos alunos como o falar da região ou do local que o aluno habita surge a partir de mecanismos da língua que permitem o surgimento de novas palavras e que essas palavras não aparecem de forma aleatória, mas através de um grande processo que envolve também a sociedade de cada época. Conforme a BNCC (2018)

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p.67).

Com esta pesquisa pretende-se elaborar uma proposta didática para o ensino do léxico referente às atividades de extração de seringa no Acre a partir do estudo do poema “A saga do seringueiro”, do poeta, ex-seringueiro, músico e soldado da borracha Manoel Passos, morador de Sena Madureira – Acre e o poema “Vida do Seringueiro” de João Vieira de Sousa, ex-seringueiro, poeta e soldado da borracha. Esses textos carregam traços da linguagem e da cultura do seringueiro, são repletos de palavras específicas do léxico do seringal, além de nuances do modo de vida dos seringueiros, do seu cotidiano, das lutas sociais e das dificuldades enfrentadas.

A falta de propostas didáticas e metodológicas para abordar o léxico regional e, conseqüentemente, conhecer textos da literatura regional, pois elegemos para esse trabalho o

gênero textual poesia, o qual parte de uma perspectiva linguística, embora façamos uso de texto literário e tenhamos como consequência o acesso à literatura, nosso foco foi o léxico do seringueiro referente ao período histórico da extração de seringa nos seringais acreanos até meados do século XX. É preciso compreender o léxico e sua importância para o ensino da língua.

Biderman (1998a, p. 84) afirma que: “Nas numerosas tradições culturais dos homens a linguagem surge com a palavra instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Todas as culturas nascem de uma palavra criadora, dita em tempos imemoriais por um poder divino”. Por esse viés, percebe-se que é a partir das relações humanas com a realidade que se processam novas palavras surgidas das relações comunicativas de grupos de usuários da língua. Por essa razão, acreditamos que promover o estudo do léxico regional referente à contextualização do falar nos seringais é uma oportunidade para os alunos perceberem como a língua se renova e se amplia definindo os falares de determinado lugar ou região em diferentes épocas. Todo o acervo vocabular está registrado nos textos jornalísticos, nas obras literárias, nos documentos oficiais etc.

Antunes (2012) preconiza o léxico como uma forma de manifestação de identidade cultural. Essa visão da autora permite entender que o léxico é gerado a partir das relações sociais em determinadas áreas e contextos, no caso do léxico dos trabalhadores seringueiros surgiu das relações entre contratantes e contratados para a extração e comercialização do látex no Acre. Antunes (2012, p. 46) afirma, ainda, que “o repertório lexical que manejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade”. A relação do falar com a identidade de determinado grupo social fica evidente nas afirmações da autora, podendo-se afirmar que o estudo do léxico apresenta-se como uma oportunidade de descobrimento da identidade linguística que constitui a linguagem peculiar formada a partir do trabalho e das relações sociais e econômicas vivenciadas nos seringais.

O léxico do grupo de falantes de especialidades faz parte da identidade da região, adquire sentido diferenciado quando entendido a partir do contexto regional, registrado pela linguagem, seja ela verbal, sobretudo no texto de caráter regional. Nesse sentido, o léxico de determinado grupo social como o dos seringueiros representa a base de conhecimento de “espaços socioculturais tipicamente organizados nesses territórios”, conforme Antunes (2012, p. 46).

O legado lexical construído e deixado no período de exploração de látex para produção de borracha no Acre precisa se tornar objeto de estudo nas escolas, pois atualmente

há muito material produzido, como o livro de contos de Florentina Esteves, *Enredos da Memória*, os romances: *O Seringal*, de Miguel Ferrante, *A Selva*, de Ferreira de Castro, *Corações de Borracha*, de Silvio Martinelo, *Terra Caída*, de José Potiguara entre vários outros textos e composições musicais, porém estas obras circulam mais no âmbito acadêmico, e não no meio escolar, sobretudo no Ensino Fundamental II.

Por isso, é preciso possibilitar o acesso ao imenso acervo vocabular regional e utilizá-lo para construir conhecimento nas escolas através da leitura. Nesse sentido, o ensino do léxico deve considerar que a lexicalidade de uma língua reflete diferentes momentos históricos de um povo e que precisa ser ensinado a partir de tal aspecto. O léxico nasce de experiências humanas de uma comunidade através da linguagem. Biderman (2001, p. 179) diz que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades”. Por isso, o léxico deve ser analisado a partir do contexto de uso da palavra, pois dessa relação nasce seu aspecto semântico.

Com o passar do tempo, essas palavras podem cair em desuso caso não haja uma ação no sentido de problematizar o assunto nas escolas, pois a língua é um organismo vivo, a todo o momento surgem novas palavras, no entanto, o repertório vocabular dos seringueiros é imenso e está nos textos, caso não sejam acessados e compreendidos a leitura de um poema ou um conto regional pode ser prejudicada. Sobre esse aspecto, Biderman (2001, p.179) afirma que “as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir desaparecer”.

## **2.1 As dimensões do léxico**

As dimensões do léxico perpassam as dimensões da palavra. Biderman (1998a, p. 81) discorre sobre “dimensões da palavra”, partindo do princípio de que através da linguagem é que os falantes atribuíram significados às coisas do mundo, organizando-o conforme seus costumes e interesses. Inferimos que o processo de nomeação é inerente ao ser humano e suas ações e modo de estar no mundo. São as diferentes regiões e povos que engrandecem a língua, que a movimentam, fazendo com que haja uma palavra para cada ser, para cada objeto, para cada ação ou costume.

Para Biderman (1998a, p. 81), a palavra “assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental”. Depreende-se dessa afirmativa que a palavra é muito mais que um

vocábulo simples. Ela agrega sentidos e conceitos que a tornam poderosa no sentido de criar e organizar o mundo a partir da linguagem.

Concordando com Biderman (1998) sobre a importância da palavra para acessar a cultura de determinado povo, acreditamos que a identidade do ser seringueiro é carregada pelas palavras que fazem parte do acervo linguístico-textual da região. Não apenas no gênero poesia, mas também em outros gêneros como no conto, no romance, na música, nas artes plásticas temos a expressão da cultura, mas é na palavra que focamos neste trabalho.

Além disso, é detentora de um poder grandioso, visto que a partir dela se escondem e se revelam realidades, costumes e tradições por ser, segundo Biderman, “mágica, cabalística, sagrada, a *palavra* tende a construir uma realidade dotada de poder”. Certamente, o poder que envolve o domínio da palavra não é nosso objetivo nesse trabalho, nos concentramos na abordagem lexical de grupo de especialidade.

O estudo do léxico contribui para a construção de um conhecimento da linguagem de determinado grupo de falantes. De acordo com Biderman (2001):

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos [...]. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico de sua língua [...]. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir desaparece (BIDERMAN, 2001, p. 178).

Concordando com as afirmações de Biderman (2001), o que nos leva a preocupações com o risco do léxico ou de algumas unidades lexicais serem apagadas devido aos movimentos sociais, a inovação tecnológica trazida para a produção de borracha colocando o léxico em risco de marginalização, acreditamos que o léxico da seringa, com recorte para as contribuições do grupo social de falantes denominados aqui de trabalhadores seringueiros para a formação do léxico regional, presente em vários gêneros textuais será inovador levar para sala de aula uma proposta de trabalhos que facilite tanto para o professor quanto para o aluno as abordagens da língua a partir do estudo do léxico.

As relações entre patrão e trabalhador no contexto da produção de borracha no Acre, bem como todo o processo de produção, comercialização e o condicionamento do homem na floresta fez surgir novas palavras, contribuindo para a ampliação do campo linguístico da região através da palavra e dos sentidos que surgiram desse processo. Biderman (1998a, p. 88) diz que “é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e

identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”.

O registro dos falares dos trabalhadores seringueiros sejam os patrões, mateiros, caçadores, guarda-livros, comboieiro, marreteiros, todos envolvidos com o universo da produção e comercialização de borracha na Amazônia acreana têm suas *falas* registradas pela linguagem, seja ela verbal, através de poesia, conto, música, teatro ou pelas artes plásticas através de pinturas que revelam o cotidiano desses sujeitos.

Compreender como cada ação do seringueiro como “dá o rodo na estrada”, cada instrumento de trabalho dentre outras coisas foram nomeadas, adquirindo sentido específico no contexto de uso pelos seringueiros no seio da floresta acreana durante o processo de produção e comercialização de borracha foi imprescindível para entender a formação do léxico da região e divulgar os falares deste grupo de trabalhadores que aos poucos vai se distanciando da realidade dos falantes atuais.

Biderman (1998a, p. 88) afirma ainda que “a atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específica da espécie humana”. Por essa razão, o estudo do léxico dos trabalhadores seringueiros, do ponto de vista da pesquisa-ação, precisa ser desenvolvido de forma que os resultados da aplicação, em sala de aula, permitam aos estudantes ampliar seus conhecimentos linguísticos.

Ainda sobre o poder da palavra, Biderman (1998a, p. 89) diz que “as palavras não são meros rótulos de objetos específicos existentes no mundo real. Podemos afirmar que a maioria das palavras designam campos de conhecimentos em vez de coisas físicas”.

Por esse viés, percebe-se que o estudo do léxico, especificamente a partir do conhecimento lexical, é possível acessar e produzir novos conhecimentos, sobretudo acerca de aspectos linguísticos e culturais da língua, uma vez que o processo de nomeação da realidade parte do pensamento e ação do homem nas suas relações com o meio em que está inserido. Segundo Biderman (1998a, p. 92), “é esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais”.

Numa concepção mágica da língua, vista como criadora da realidade desde o texto bíblico do Gênese, no qual Deus atribuiu ao homem o poder de nomear a criação e ter controle sobre ela, conforme a autora, “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1998a, p. 92). Por essa razão, o gênero poesia, adotado para essa proposta de intervenção, é fonte inesgotável de registro lexical, pois surge das experiências cotidianas dos falantes nos seringais.

## **2.2 O estudo do léxico**

As áreas que se ocupam do estudo do léxico são: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Biderman (2001, p. 15) se refere a essas áreas de estudo com “disciplinas” e diz que elas “enfocam o seu objeto de estudo, o léxico, de modos distintos, porém, ambas têm como principal finalidade a descrição desse mesmo léxico”. A autora nos faz entender que há uma simbiose de ações e métodos de abordagem lexical convergindo para o mesmo fim que é o estudo do idioma nas suas dimensões linguístico-comunicativo e/ou sociolinguística.

Ao decidir abordar o léxico na escola nos apoiamos nas considerações de Biderman (1998 e 2001), além de outros autores como Sousa (2008), Isquierdo (1998), Antunes (2003 e 2012), Geraldi (1996) que nos deu a dimensão do nosso estudo à luz do referencial teórico que adotamos. Vimos a importância das “Ciências do Léxico” para nortear pesquisas e trabalhos que envolvam a palavra, a linguagem e a cultura de determinada região.

O campo de estudo lexical é imenso e requer base teórica para definir e identificar uma unidade lexical, pois envolve relação com outros conceitos da língua, como Palavra, Vocábulo, Termo, Verbetes, Dicionário, Glossário e Vocabulário. Para que haja a melhor compreensão acerca do trabalho de leitura e análise de texto a partir da compreensão do Léxico é preciso que o professor ou a equipe pedagógica conheça e entenda as relações e contribuições desses campos de estudo do idioma para o desenvolvimento de atividades de leitura e produção em sala de aula.

Compreendemos que há um campo de pesquisa a ser explorado por professores de língua portuguesa e levado para a sala de aula. É preciso um pouco de teoria para abordar o léxico em sala de aula, pois nos dá embasamento e segurança para adentrar neste universo. Por outro lado, é necessário compreender os conceitos e diferenças que envolvem estas ciências da palavra. Não pretendemos fazer aqui uma abordagem discursiva acerca dos detalhes que diferenciam cada elemento que constitui a base teórica que fundamenta pesquisas e estudos da palavra, queremos apresentar as principais definições e campo de atuação dos elementos que nos permitem pesquisar e produzir conhecimento acerca do léxico.

### **2.2.1 Palavra, Vocábulo, Termo, Verbetes**

É importante destacarmos nesse trabalho uma breve explanação das dimensões conceituais da palavra. De acordo com Biderman (1998a):

A *palavra* assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágica, cabalística, sagrada, a *palavra* tende a construir uma realidade dotada de poder. Os mitos falam dos segredos e das essências escondidas na *palavra* instituidora do universo. O homem primitivo acredita que o nome não é arbitrário mas existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa. Assim sendo, não separa a palavra do referente que ela nomeia (BIDERMAN, 1998a, p. 82).

A autora supracitada explica que há uma magia na palavra, a qual traduz a relação entre o homem e os objetos que ele nomeia. Entendemos que a necessidade humana de nomear os objetos, ações e fenômenos naturais fez com que a palavra seja entendida pela sua função de traduzir o pensamento e ações do homem, desse processo é que se forma e se amplia o léxico de uma língua.

Outra observação imprescindível trazida por Biderman (1998) diz respeito à função criadora da *palavra*. De acordo com a autora:

Nas numerosas tradições culturais dos homens a linguagem surge com a palavra instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Todas as culturas nascem de uma palavra criadora ditas em tempos imemoriais por um poder divino. [...] As coisas surgem em sua diversidade multiforme da palavra divina. [...]. A primeira página do primeiro capítulo do Gênesis, o primeiro dos livros bíblicos, conta-nos o mito da criação do mundo pela palavra criadora de Deus: “Deus disse: “Que a luz seja”! e a luz se fez. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz das trevas. Deus chamou a luz dia e as trevas noite. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia” (Genesis. Cap. I, v. 3-5) (BIDERMAN, 1998a, p. 84-85).

Essa alusão à criação do mundo pela palavra nos dá uma dimensão da importância dela para os diversos grupos e regiões de usuários da língua, bem como para cada ser que é nomeado através dela e suas regras de formação. Por outro lado, entendemos que as palavras são classificadas em classes que se relacionam para formar os enunciados. Silva, Sousa e Garcia (2016) defendem que:

É conveniente esclarecer para o aluno que os sentidos das palavras não emanam propriamente delas e assim enfatizar a competência do falante em criar, associar, alterar sentidos das palavras, explicitando a correlação dos sentidos das palavras com ambiente cultural, no sentido de ampliar a percepção do aluno no que concerne a relevância cultural da sua própria comunidade linguística como, também, valorizar a cultura das demais comunidades (SILVA; SOUSA; GARCIA, 2016, p. 26).

Entendemos que é a partir do agrupamento das classes de palavras que surgem os enunciados e que é na interação verbal que a palavra cumpre sua função comunicativa.

O Quadro 1, apresentado por Batista (2011, p. 70), mostra um pouco do funcionamento das classes gramaticais do ponto de vista da forma e da função.

Quadro 1 - Critérios de classificação vocabular.

Classe de palavra	Critério semântico	Critério morfológico	Critério sintático
Substantivo	Designa seres, entidades, eventos (há substantivos deverbais que indicam ações)	Apresenta flexão de gênero e número	Ocupa núcleo de sujeito e de complementos; é acompanhado de determinantes
Adjetivo	Caracteriza ou qualifica substantivo	Concorda em gênero e número com o substantivo ao qual se encontra relacionado	Pode atuar como modificador de um substantivo; acompanha o substantivo
Verbo	Indica relação de estado, eventos, processos, ações no tempo	Apresenta rico paradigma flexional, com desinência de tempo, modo, número e pessoa (nas formas conjugadas)	Apresenta função de predicação; não pode ser antecedido por determinantes
Advérbio	Indica circunstância de local, tempo, modo e outros	Palavra invariável	Modifica verbos, adjetivos, advérbios e sentenças

Fonte: Batista (2011, p. 70).

Observa-se, através do Quadro 1 que o substantivo, por exemplo, exerce várias funções atendendo a critérios diferentes de classificação. Dessa forma, é possível inferir que há diversas maneiras para classificação de determinada classe de palavra. Cada uma assume formas e funções diferentes, e ao mesmo tempo complementares, com o objetivo de construir enunciados claros para que não haja dúvida no processo comunicativo entre os interlocutores. De acordo com Correia e Almeida (2012), a palavra é definida como:

Um significante (sequência de sons, de grafemas, na língua escrita; sinal, na língua de sinais), ao qual associamos, de forma estável, um padrão flexional, uma categoria morfossintática e um significado ou conjunto de significados relacionados (CORREA; ALMEIDA, 2012, p. 12).

A partir do ponto de vista das autoras sobre o processo de formação da palavra, entendemos que é o conjunto de elementos gráficos, sonoros, sintáticos e semânticos que formam as unidades lexicais, às quais são utilizadas pelos falantes do idioma para se comunicarem. Por conseguinte, Garcia, Sousa e Santos (2016), em suas pesquisas sobre o



processo de formação de palavra por prefixo, em decorrência do Novo Acordo Ortográfico em vigor, chegaram à seguinte conclusão:

Sabemos que são muitos os mecanismos de ampliação lexical que dispomos na língua e que esses processos são atividades linguísticas fundamentais, uma vez que, como falantes, deparamo-nos com inúmeras situações comunicativas que nos exigem a utilização mecanismos de ampliação do léxico (GARCIA; SOUSA; SANTOS, 2016, p. 17).

Compreendemos a partir da pesquisa dos autores supra citados que há diversos mecanismos na língua que possibilita a formação de outras palavras acrescidas ao léxico da língua como as formações por prefixação, pelo uso do hífen dentre outros recursos postos no Novo Acordo Ortográfico, fonte de pesquisa dos autores. O desafio aos professores é entender a complexidade destes elementos e levar para a sala de aula de uma forma mais eficiente.

Os professores de língua portuguesa da maioria das escolas municipais e estaduais têm empreendido esforços no sentido de buscar metodologias efetivas para que os alunos conheçam sobre a origem das palavras que utilizam no cotidiano para se comunicar e nomear seres, objetos, sentimentos, ações etc. Trata-se de um resgate, também, de aspectos culturais do povo e sua relação com a língua, refletidos na palavra. Sobre o conceito de *palavra*, Correia e Almeida (2012) explicam:

As palavras atestadas são algumas vezes utilizadas por todos os falantes que considerassem está falando o português, em registro oral e em registro escrito, desde o aparecimento da língua portuguesa até os nossos dias, em todos os registros linguísticos. [...] As palavras possíveis levam em conta as regras de construção de palavras e os elementos que podem participar dessa construção (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 14).

Os estudos linguísticos e sociolinguísticos mostram que a dinâmica da criação de novas palavras a parte de elementos que possam ser utilizados na constituição da nova palavra e no sentido que a mesma carrega. Conclui-se que as palavras atestadas são aquelas já existentes no cânone da língua portuguesa, as quais podem ser acessadas por todos os falantes do idioma, entretanto, as palavras possíveis são as que nascem no processo de comunicação e interação humana.

Por outro lado, Biderman (2001, p. 13) citada por Silva, Sousa e Garcia (2016) consideram que:

[...] o ato de nomear, por sua vez, implica num processo cognitivo denominado de cognição da realidade, cuja função incide em captar as singularidades, as particularidades dos objetos e entidades, numa acepção classificatória que segue o critério de pontuar as diferenças e as semelhanças de tais entidades e objetos, no

sentido de agrupar para organizar, registrar o conhecimento adquirido através da experiência vivencial (SILVA; SOUSA; GARCIA, 2016, p. 22).

Os autores deixam evidente que o processo de criação de uma palavra nasce das possibilidades que os grupos de falantes têm na própria língua. O que permite que o nascimento de uma palavra nova encontre espaço no processo comunicativo, sem prejuízo semântico para esses falantes, mas trazendo para o idioma novos sentidos. Silva, Sousa e Garcia (2016, p. 22) acrescentam que “a palavra, no ato de nomeação, não funciona como designação às coisas físicas, mas sim designa campos de conceitos. Ou seja, nomeia-se, não um objeto em si, mas a ideia que criamos desse hipotético objeto/referente”.

Observamos que a definição de um verbete nascido de um processo de nomeação de objetos, espaços ou instrumentos traz em seu bojo sentidos e conceitos que devem ser compreendidos respeitando os limites do texto ao qual a palavra é utilizada. Biderman (1998) citada por Silva, Sousa e Garcia (2016, p. 23) afirmam que “numa acepção de conceptualização de caráter individual, o léxico é considerado um conjunto de representações mentais que se consolidam por meio de palavras”.

De acordo com Ferrarezi Jr. (2008):

Para construir palavras, usamos “pedacinhos de palavras” que podem ser usados em diferentes palavras, desde que sejamos capazes seguir algumas regras básicas. Esses pedacinhos de palavras podem ser associados a sentidos identificáveis dependendo da palavra e da forma como são usados (FERRAREZI JR. 2008, p. 43).

Entendemos que o surgimento de novas palavras ocorre pelo reagrupamento de partes de palavras, seja a raiz, sílaba ou afixos, elas têm o objetivo de atender às necessidades comunicativas do falante. Tecnicamente, Biderman (2001, p. 126) denominou esses “pedacinhos de palavras” como “o menor elemento significativo individualizado em um enunciado que não se pode dividir em unidades menores sem passar ao nível fonológico”, ou seja, a autora se refere ao morfema. Há uma diferença conceitual entre vocábulo e palavra. Para Dubois *et al.* (2006):

O termo vocábulo designa a ocorrência de um lexema no discurso, na terminologia da estatística lexical. Como o termo lexema está reservado às unidades (virtuais) que compõem o léxico, o termo palavra a qualquer ocorrência realizada em fala, o vocábulo será a atualização de um lexema particular no discurso (DUBOIS, et al. 2006, p. 614).

Observa-se que palavra e vocábulo atuam em campos diferentes. Sendo que a palavra é mais ampla na sua atuação sem se preocupar com um contexto específico para seu uso. Por

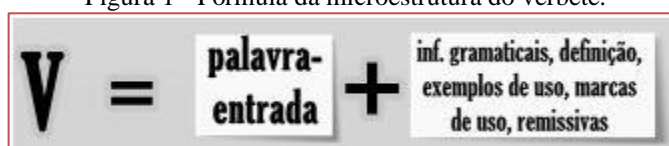
outro lado, o autor aponta que vocábulo atua conforme o contexto discursivo e disso depende seu significado. Souza (2018, p. 22), acerca dessa diferença, faz a seguinte afirmação: “palavra e vocábulo não são sinônimos” e conclui que “as palavras não são prontas e acabadas, elas se transformam, e são construídas e reconstruídas através de pedaços que se agrupam, formando sentido e compondo um corpo que supra a necessidade do falante”.

Outro elemento que precisamos compreender em relação ao estudo do léxico é a significação de “termo”. Segundo Krieger e Finato (2004, p. 77), considera-se termo “quando se distingue conceitualmente de outra unidade lexical de uma mesma terminologia”.

Também, Câmara Jr (2004, p. 232) diz que termo “em sentido gramatical estrito, vocábulo ou grupo de vocábulos que correspondem a uma unidade de significação ou de função, como elemento constitutivo para inteligibilidade do que se anuncia”.

Acerca da palavra “verbete”, Welker (2005, p. 107) define como “conjunto de *Entradas + Enunciados Lexicográficos*”. Para PONTES, 2000, p. 56-58, *apud* Sousa 2008a, p.7), a microestrutura de um verbete “compreende um conjunto de informações (*paradigmas*), organizadas horizontalmente, formando o *verbete*.” Compreendemos que um verbete possui uma arquitetura para facilitar a produção e a leitura de um verbete. Em relação à microestrutura do verbete, nesta pesquisa adotamos a estrutura trazida por PONTES, 2000, *apud*, Sousa 2008a), que se configura da seguinte fórmula (Figura 1):

Figura 1 - Fórmula da microestrutura do verbete.



Fonte: Sousa (2008a).

Inferimos, a partir do ponto de vista do autor, que o verbete ocupa-se da descrição e classificação detalhada de uma palavra e de sua aplicabilidade no processo semântico-comunicativo no contexto de uso da palavra.

São muitas informações de que se ocupa o verbete. Por esta razão, ele se torna um instrumento de estudo do léxico que deve ser considerado pela escola. Sobre este aspecto, Sousa (2008a) defende que:

[...] considerando-se o número de informações que podem ser exploradas através do dicionário, torna-se incontestável sua importância como instrumento didático – uma vez que configura-se como um instrumento auxiliar para o desenvolvimento de competências elementares para todo o aprendizado (SOUSA, 2008a, p. 20).

Por isso, o estudo do léxico recorre às informações descritas em verbetes para entender a língua do ponto de vista de suas unidades mínimas. Utilizaremos a seguir, o quadro apresentado por Krieger e Finato (2004) para apresentar a função desempenhada pelo verbebo em dois dicionários: o de língua geral e o terminológico. Observemos:

Quadro 2 - Função do verbebo no dicionário de língua geral e no terminológico.

<b>VERBETE</b>	
<b>Dicionário de língua geral</b>	<b>Dicionário terminológico</b>
Palavra-entrada: registro de forma canônica Informação de categoria gramatical Informação etimológica Informação morfológica Informação semânticas Informação sociolinguísticas Informação sintagmáticas e paradigmáticas (exemplos, abonações, sinonímia, antonímia) Comentários (linguísticos ou enciclopédicos) Locuções/informações terminológica Remissivas	Palavra-entrada: registro na forma utilizada Equivalente em língua estrangeira Informações de categoria gramatical Informação conceitual Fontes contextuais Fontes bibliográficas Gradação sinonímica Remissivas Notas explicativas (linguísticas, técnica enciclopédica)

Fonte: Krieger e Finato (2004, p. 132).

O dicionário de língua geral preocupa-se com a definição da palavra, conforme as normas gramaticais e linguísticas da língua. O Dicionário de Língua Geral obedece às normas da língua conforme o vernáculo, já que o verbebo abrange a língua da forma que é praticada pelos seus falantes nos contextos comunicativos, numa tentativa de descrever os sentidos das palavras conforme estes sentidos surgem em cada situação comunicativa. Biderman (1998, p. 129) diz que “os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico de uma língua”.

Sobre os dicionários e suas contribuições e importância para o registro e estudo da língua, Biderman (1998b) afirma que:

[...] apenas o dicionário geral da língua pode aproximar-se do ideal de descrever e documentar o léxico de uma língua. Ainda assim esse ideal é sempre intangível, já que o léxico cresce em progressão geométrica, hoje, sobretudo, em virtude da grande aceleração das mudanças socioculturais e tecnológicas (BIDERMAN, 1998b, p. 130).

Devido este aspecto dinâmico da formação do léxico por processo de crescimento e mudanças sociais ocasionadas também pela inserção da tecnologia na vida e no trabalho humano é que precisamos buscar implementar meios de acessar o léxico através de outras fontes como os glossários de textos.

### 2.2.2 Dicionário, Glossário, Vocabulário

Conhecer os conceitos fundamentais sobre dicionário, glossário e vocabulário é necessário para que entendamos como esses elementos são constituídos para nortear nosso trabalho, sobretudo em relação às atividades que iremos desenvolver em sala de aula, com vistas ao estudo do léxico. Biderman (2001) apresenta a seguinte definição para dicionário:

Dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do grande público. Assim sendo, é também um produto comercial, o que o faz diferente de outras obras culturais. É preciso considerar igualmente que o dicionário deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado (BIDERMAN, 2001, p. 132).

A autora explica que no dicionário, de forma geral, encontram-se agrupadas e classificadas todas as palavras de determinada língua. Entendemos que o dicionário de determinado idioma constitui o patrimônio lexical de referência, ao qual, estudantes, professores, pesquisadores, jornalista e qualquer falante da língua podem recorrer quando precisar saber o sentido de determinada palavra, daí, concluímos que o dicionário não se preocupa com a linguagem de especialidade ou terminológica, e sim com o vernáculo da língua. Acerca da arquitetura dos dicionários, Biderman (1998b) diz que:

O primeiro problema que se põe na elaboração de um dicionário é a extensão da sua nomenclatura e/ou macroestrutura. O tamanho desse índice de palavras é fator de algumas coordenadas: em primeiro lugar, o público a que se destina. Tal será o destinatário desejado, tal o numerário. [...] nas modernas línguas europeias, o modelo padrão de dicionário pode abrigar de 50.000 a 70.000 palavras entradas. Há quase um século o Petit Larousse vem registrando 50.000 entradas, sendo que cada nova edição, via de regra anual, descarta um certo número de vocábulos caídos em desuso e os substitui por neologismos entrados em uso (BIDERMAN, 1998b, p. 131).

Por esse viés, percebemos que a elaboração de dicionário segue orientações que vão desde ao público a que se destina, e isso é fator determinante para a escolha e definição de vocábulos, pois deve atender aos interesses de determinado público. Além disso, a autora alerta que muitas palavras caem em desuso e são descartadas em novas edições de dicionário e substituídas por neologismos em uso. Por isso, é tão importante a pesquisa de caráter lexical e sua transposição para sala de aula.

Biderman (1998) afirma ainda que:

De modo geral, os lexicólogos e lexicógrafos sabem que uma macroestrutura de 50.000 verbetes é mais do que suficiente para o grande público, já que ela contém

um número de palavras enormemente superior às reais necessidades vocabulares do homem médio, mesmo o culto. Via de regra, um homem culto domina, no máximo, 25.000 palavras no seu léxico tanto ativo como passivo. [...] Por conseguinte, um problema crucial a ser considerado é: como selecionar 50.000 palavras (ou mais) do gigantesco acervo lexical existente nas grandes culturas? (BIDERMAN, 1998b, p. 132).

A autora nos mostra que um dicionário de 50.000 palavras atende às necessidades de determinado público, uma vez que 25.000 palavras é o limite de domínio do sujeito falante. No entanto, a autora deixa um questionamento no ar acerca da seleção de palavras em um universo lexical quase que infinito.

Sousa (2008a) contribui com este trabalho e nos ajuda a compreender a classificação e descrição dos dicionários demonstrando os diferentes tipos de dicionário, a partir do estudo de bem como a classificação e descrição de suas definições trazidas pelo autor. Vajamos o quadro:

Quadro 3 - Tipos de dicionários.

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Dicionários gerais da língua	Apresentam um grande número de palavras, definidas em suas várias acepções ou significados, além de informações gramaticais.
Dicionários etimológicos	Apresentam a origem de cada palavra, desde a sua formação e evolução (mudança na forma ou quanto ao sentido)
Dicionários de sinônimos e antônimos	Apresentam o significado das palavras, informando as que são equivalentes ou afins (sinônimos) e as de significados opostos (antônimas).
Dicionários analógicos	Apresentam grupos de palavras reunidas por campos semânticos, ou por analogia a uma ideia. Esses dicionários não são organizados por ordem alfabética.
Dicionários temáticos	Apresentam o vocabulário específico de determinada ciência, arte ou atividade técnica: Dicionário de Linguística, Dicionário de Mitologia, Dicionário de Termos Literários, entre outros.
Dicionários de abreviaturas	Apresentam um elenco de abreviaturas e siglas que facilitam a comunicação, principalmente nesta época repleta de abreviaturas e siglas.
Dicionários bilíngues ou plurilíngues	Apresentam o significado dos vocábulos estrangeiros e sua equivalência com os vocábulos nativos.

Fonte: Sousa (2008a, p.5).

A partir da leitura do quadro acima, temos uma visão das tipologias dos dicionários que nos ajudam a entender o campo de atuação de cada um, bem como sua definição. Comprendemos que os dicionários auxiliam o pesquisador, o estudante ou o leitor a buscar informações obre o uso da língua nas mais diversas áreas.

Em sala de aula, a utilização do dicionário auxilia o aluno e o professor no processo de leitura de um texto, contribuindo para a compreensão de determinado termo presente no texto, a fim de ampliar o entendimento do léxico e de sua importância para a constituição da

linguagem regional. Sousa (2008a, p. 8) destaca a “importância do dicionário como instrumento didático”, além disso, o autor acrescenta que o dicionário “configura-se como instrumento auxiliar para o desenvolvimento de competências elementares para todo aprendiz”.

Entretanto, Sousa (2008a) conclui que “esse potencial não tem sido explorado no ambiente escolar, onde, de um modo geral, o dicionário ainda é visto, tão somente, como instrumento de consulta”. É preciso valorizar o uso de dicionário em sala de aula, mas para isso é necessária uma didática que tenha como foco o estudo do léxico, o que certamente dá um novo significado para a utilização desse instrumento nas aulas de língua portuguesa.

Outro elemento importante para o estudo do léxico é o glossário. Barros (2004, p. 144), define glossário como sendo “o conjunto de verbetes situados no nível da (s) norma(s), registrando unidades terminológicas de um ou vários domínios de especialidades”. Esse instrumento ajuda na compreensão de uma palavra empregada no contexto de uma linguagem de especialidades. Além dessa definição, Godoi (2007) entende que o glossário, além de destacar o léxico de determinado texto específico, não se prende apenas a esta função:

Mas pode ser visto também, como um dicionário especial ou uma lista de palavras que consigna vocábulos sobre os quais um leitor comum pode ter dificuldades para entendê-las. Por isso, é normal a anexação de glossário em livros especializados ou não a fim de elucidar as palavras técnicas, expressões regionais e as pouca usadas em um dado texto (GODOI, 2007, p. 70).

O uso de glossários pelo “leitor comum” permite que ele entenda a linguagem de especialidade ou regional, mesmo sendo com certas limitações sobre o léxico de determinada área de conhecimento, de grupos de especialidades, ou de uma região, com falares diferentes. As palavras técnicas de um texto, seja ele científico ou literário se tornam um obstáculo para a leitura de um leigo no assunto, porém, com a descrição de um glossário, a capacidade de leitura e entendimento do léxico é ampliada. Nesse contexto, de acordo com Welker (2005), o glossário constitui-se a partir do:

Levantamento das palavras-ocorrências e das acepções que têm num texto manifestado [...]. Portanto, se encontram geralmente no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelos autores (WELKER, 2005, p. 25).

Compreendemos que o glossário é um instrumento necessário ao estudo de texto de especialidades, pois permite a descrição e explicação de um termo utilizado no contexto

daquele enunciado, por isso precisa ser explicado para que não haja dúvida na mensagem que se deseja transmitir ao interlocutor.

O glossário, portanto, auxilia a linguagem de especialidade, pois permite o esclarecimento de termos específicos de determinada terminologia. Esse instrumento é de vital importância para ampliar a capacidade de leitura e compreensão de um texto. É possível também, a partir de um texto de especialidade utilizado em outros contextos, construir o glossário. Sobretudo no ensino, o docente pode utilizar-se desse instrumento para ampliar a capacidade de compreensão de um texto em sala de aula.

Por outro lado, Welker (2005) define vocabulário como:

[...] representativo de um universo de discursos manifestados, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; os vocabulários técnico-científicos especializados buscam situar-se ao nível de uma norma linguística e sociocultural [...]; o vocabulário fundamental, por sua vez, busca reunir os elementos constitutivos da intersecção dos conjuntos-vocabulários de uma comunidade, ou de um segmento social (WELKER, 2005, p. 25).

Entendemos que o vocabulário não se limita ao texto escrito ou oral, mas ao falar de determinado grupo social, técnico-científico ou cultural. Nesse sentido, o estudo do léxico de uma língua, coloca o pesquisador diante da representatividade cultural, histórica, social de determinado povo, pois o léxico é o instrumento que contém a descrição de valores, crenças, costumes, histórias, memórias, entre outras coisas que identifica o falante e seu saber. Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9) concebem o léxico como: “saber compartilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua”.

Souza (2018, p. 26) diz que é por meio do léxico que “se conhece a história, a cultura, os costumes, os valores éticos, religiosos, e socioeconômicos de uma determinada comunidade, pois a língua está intrínseca ao indivíduo e ele se mostra através dela”. Percebemos aqui, através das proposições da autora, que o estudo do léxico é abrangente, revelador e precisa estar presente na escola.

### **2.3 Lexicologia**

É importante saber o campo de atuação da lexicologia e suas contribuições, como ciência do léxico, para o estudo e ensino do léxico em sala de aula. Segundo Biderman (2001, p. 16), “a lexicologia, ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Dessa forma, não basta apenas considerar



o meio no qual o léxico se constitui, mas é preciso entendê-lo dentro das categorias gramaticais e, sobretudo, semânticas.

Sabemos que a língua está em constante transformação, pois obedece à dinâmica do processo comunicativo e interativo entre as pessoas, por isso, as palavras adquirem novos sentidos, mesmo que mantenha sua estrutura morfológica. Sobre esse aspecto, a autora afirma ainda que “a Lexicologia faz fronteira com a semântica, já que por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”.

Nesse sentido, Biderman (2001) aponta que muitos “lexicólogos vêm se dedicando também ao estudo da criação lexical”. Criação essa que surge das relações entre os falantes em suas várias formas de agir e pensar. Conforme as considerações da autora citada acima, a partir de 1950 foram feitas muitas pesquisas sobre o léxico, “visando a obter resultados aplicáveis ao ensino/aprendizagem do vocabulário”.

Percebemos então que é possível que o estudo lexical nas escolas contribua para o ensino/aprendizagem do aluno acerca da língua e de sua dinâmica. Portanto, a lexicologia ocupa-se do estudo da palavra e seus aspectos estruturais do ponto de vista gramatical e semântico numa relação entre “língua e cultura”.

## **2.4 Lexicografia**

A Lexicografia, por sua vez, segundo Biderman (2001, p. 17), “é a ciência dos dicionários”. Certamente o trabalho com o léxico requer um processo de descrição do vocábulo dentro de uma estrutura padrão, relacionando aos conceitos e sentidos compreendidos linguisticamente dentro da cultura ou grupo social que se refere.

Reportamos-nos ao que a autora pondera sobre a Lexicografia como ciência do léxico para entender que esta área de estudo do léxico atua no sentido de registrar o léxico e ordenar conforme estrutura de dicionário, dessa forma, entendemos que os dicionários são instrumentos que permitem aos usuários da língua acessar o léxico.

Biderman (2001) esclarece que a Lexicografia é uma atividade antiga, tem seu início datado entre os séculos XVI e XVII, ocupando-se da descrição dos primeiros dicionários da língua portuguesa em caráter superficial, sendo que de fato os dicionários de cunho científico só passaram a existir a partir do século XX. Porém, de acordo com Biderman (2001, p. 17), “a análise da significação da palavra tem sido o objeto principal da Lexicografia”.

De acordo com a autora, a Lexicografia ainda carece de fundamentos teóricos lexicais com critérios embasados cientificamente. Por outro lado, segundo a autora, “a Lexicologia

aplicou-se mais cientificamente ao estudo do léxico. Hoje, porém, é a Lexicografia que vem despertando grande interesse entre os linguistas” (BIDERMAN, 2001, p.17). Talvez esse interesse se dê por causa do caráter semântico-descritivo que a lexicografia carrega no trabalho com as palavras.

Diante das ponderações de Biderman (2001) inferimos que é inegável as contribuições da dos lexicólogos para o registro e ordenamento do léxico em forma de dicionário. No entanto, o que vislumbramos é que a produção de glossário por alunos bebe dessa fonte e apresenta-se como um instrumento importante para a compreensão de uma palavra utilizada em determinado contexto comunicativo.

A lexicografia ocupa-se do registro do léxico. De acordo com Salviano (2014, p.20), “a lexicografia é a ciência responsável pelo desenvolvimento de métodos e técnicas de produção de obras dicionarísticas na sua diversidade de formas”. Os dicionários constituem um monumento de palavras referentes ao léxico de determinada língua. Biderman (1998, p.129) diz que “os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. Compreendemos que os dicionários são fontes de pesquisa indiscutíveis acerca do léxico de determinada língua.

Biderman (1998, p. 130) defende que “um dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do grande público. Assim sendo, é também um produto comercial o que o faz diferente de outras obras culturais”. A pesquisadora esboça em suas entrelinhas que é inegável que os dicionários são instrumentos linguísticos abrangentes em relação ao léxico, mesmo que os objetivos nem sempre seja o caráter cultural e peculiar de determinado grupo, não deixa de ser um instrumento, que segundo Biderman, “os dicionários recolhem o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social”. Há muitos outros autores que contribuí com este ponto de vista, mas buscamos compreender a essência desta ciência e reconhecer que sua contribuição para nosso trabalho é de fundamental importância.

Porém, como “a língua é viva”, como defende Bagno (2003), e se modifica a todo instante a fim de atender seus propósitos comunicativos, conseqüentemente o léxico também cresce na mesma proporção. Por este viés, Biderman (1998) reconhece que os dicionários não conseguem abranger a totalidade descritiva de uma língua, pois segundo Biderman (1998, p. 130), “nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua de civilização”. Então, queremos, com nosso trabalho, contribuir também para que o léxico seja acessado por muitos estudantes e que estes aumente seus conhecimentos sobre a língua.

Acreditamos que é na lacuna entre a descrição e definição feita pelo dicionário geral da língua e o contexto de uso da língua pelo falante, bem como sua aplicabilidade no processo de nomeação da linguagem de grupo ou regional que os glossários têm grande importância para o estudo de vocábulos específicos, considerando que a palavra é retextualizada semanticamente no contexto social de uso.

O glossário permite uma descrição do léxico referente a determinado grupo, área de conhecimento ou atividade científica. A proposta de um glossário de termos utilizados no processo de comunicação nos seringais certamente atende aos aspectos culturais, sociais e linguísticos, pois faz o recorte de um grupo e de um falar muito peculiar que contribuiu para a formação linguística da região. Biderman (1998, p. 133) considera que o regionalismo é um problema de difícil solução, é evidente que o regionalismo contribuiu veementemente para o crescimento do monumento linguístico da língua portuguesa do Brasil, por isso, no dizer da autora, “os dicionários são lacônicos e até contraditórios no tratamento dessa matéria e formulam um conceito incompleto e inadequado do regionalismo”.

Por essa razão, acreditamos que a elaboração do glossário pode tratar do regionalismo e da cultura e costumes regionais de uma forma mais eficiente e próxima dos seus falantes. Isso porque é indispensável o entendimento do contexto comunicativo e a flexibilização que a língua sofre para fins comunicativos, sobretudo quando se trata de grupos específicos, o que exige contextualização e análise semântica, percebendo os novos sentidos do léxico de determinada região ou grupo social.

Além disso, de acordo com Biderman (1998, p.133), “quando termos regionais designam fenômenos ou referentes da realidade regional, tal fato ocorre por causa da coisa nomeada e não por causa do signo”. Esse fenômeno é verificado na vasta existência de novos vocábulos surgidos de relações de trabalho, comércio e extração do látex na Amazônia. Os textos literários, sobretudo poesia e conto, são textos enriquecidos de termos regionais contextualizados e específicos, o que torna a memória e a cultura da região viva e permissiva para pesquisa e organização metodológica para divulgação em escolas em meio aos estudantes. A lexicografia conduz o estudo lexical para que ele atinja objetivos eficientes acerca do registro e divulgação dos falares das gentes.

## **2.5 Terminologia**

Uma outra área importante para o estudo do léxico é a Terminologia tendo como objeto de pesquisa a língua. Para Andrade (1998, p. 189), “nas últimas décadas, nas áreas de

lexicologia, lexicografia e terminologia têm evidenciado a importância das pesquisas que vêm sendo empreendidas nesse campo”. A terminologia tem seu foco na linguagem de especialidades, de grupos específicos que agregam inovações linguísticas e semânticas ao léxico da língua. Sobre a terminologia, Cabré (1993) faz a seguinte consideração:

A terminologia é, antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa (CABRÉ, 1993, p. 52).

Percebemos que a terminologia tem seu foco na linguagem de especialidades, objetivando garantir a comunicação de determinados grupos, no dizer da autora, “comunicação profissional”. Podemos dizer que o processamento de informações sobre as relações das palavras com seus conceitos, este ponto de vista contribui com nosso pensamento acerca do vocabulário do grupo de trabalhadores seringueiros.

Também, Biderman (2001, p.19) aponta que “a terminologia se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano”. Esse subconjunto lexical que constitui seu objeto está inserido no universo referencial do falante. Além disso, a autora acrescenta que “a Terminologia deve estabelecer uma relação entre a estrutura conceitual e a estrutura léxica dessa língua”. O entendimento desta relação contribui para que compreendamos as relações de sentido que a palavra adquire para atender a uma necessidade comunicativa.

Considerando o contexto lexicográfico do seringal e de seus integrantes os referentes lexicais e suas relações conceituais com a estrutura da língua é um desafio, pois há uma relação entre língua, sujeitos e realidade, isso ultrapassa os limites referenciais, no entanto é nesse ponto que o estudo lexical desse grupo se torna interessante, pois as novas relações semânticas surgem a partir do mesmo vocábulo dentro da língua e de sua estrutura linguística-gramatical.

A Terminologia contribui para equacionar essa distorção no entendimento do uso do vocábulo é que utiliza-se um “padrão terminológico” (BIDERMAN, 2001, p.21). No caso dos termos surgidos a partir da extração do látex no Acre, já há um significado cristalizado entre os falantes e registrado a partir da linguagem, seja das artes plásticas, da música, do teatro e da poesia. Tem-se no falar dos trabalhadores seringueiros uma rica fonte léxica que precisa ser descrita, analisada e disponibilizada nas escolas, a fim de que os estudantes se apropriem do conhecimento linguístico-cultural que é parte de sua história.

A terminologia tem suas fundamentações nos estudos lexicológicos de caráter científico da língua. Nesse sentido, Andrade (1998, p. 189-190) defende que “A terminologia pode ser encarada como uma “especialidade” da lexicologia, uma vez que trata, não de todas as palavras da língua, mas daquelas que constituem as linguagens especializadas”. Inferimos então que a terminologia atua nas relações de sentidos estabelecidos entre o conteúdo da linguagem e a criação de unidades lexicais.

Além disso, Andrade (1998) afirma que:

As linguagens especializadas se caracterizam pelo emprego da terminologia, que representa a estrutura conceptual de determinada matéria, enquanto os termos denominam os conceitos da rede estruturada da matéria em questão. A diferença fundamental entre o texto da língua geral e outro de uma linguagem especializada, está no uso dos termos específicos de determinada área, que lhe confere o caráter de especialidade (ANDRADE, 1998, p. 191).

A definição que a autora defende aponta para o estudo de termos inerentes a uma área de conhecimento preocupando-se com os termos técnicos dessa área. Nesse diapasão, os estudos linguísticos ou sociolinguísticos têm mostrado que os termos específicos de determinada área exercem influência no processo de comunicação, bem como amplia o campo semântico de determinados termos, constituindo o que Andrade (1998, p.189) chama de “linguagens especializadas”.

De acordo com a afirmação da autora, compreendemos que há várias especialidades no universo da linguagem, pois a sociedade e seu funcionamento organizam-se a partir de relações com diferentes áreas, seja científicas, culturais, econômicas, legislativas, trabalhista, judiciária, cada uma com suas “especialidades” lexicais.

Com vistas ao emprego da linguagem de especialidades no processo comunicativo de grupos específicos, Andrade (1998) afirma que:

O uso da terminologia adequada torna possível a compreensão de um texto especializado, principalmente o técnico-científico, mesmo por quem não domine completamente o idioma que foi empregado. Do ponto de vista do usuário, há o aspecto linguístico da comunicação, visando à informação, à comunicação e a transferência de tecnologia. De outro lado, a consulta aos glossários e vocabulários especializados vem facilitar e normalizar a comunicação entre especialistas das mais variadas áreas científicas e profissionais (ANDRADE, 1998, p. 196).

A autora enfatiza que a terminologia tem seu foco de atuação nas especificidades linguísticas de cada área. Sabemos que cada área de conhecimento possui sua linguagem técnica própria, muitas vezes não compreendida por um leigo na área, além das especialidades citada pela escritora, temos, por exemplo, a linguagem sacra das religiões, cada uma com seus

termos específicos que definem sua doutrina, seja elas orientais, ocidentais, espíritas, união do vegetal, candomblé, evangélico, etc. Cada uma dessas denominações religiosas tem seu léxico específico.

Compreendemos então que a diversidade vocabular da língua permite, ao processo comunicativo através da linguagem, ultrapassar os limites semânticos e conceituais da palavra, gerando novas possibilidades de sentido ao se adaptarem a outros campos de relações, seja de áreas específicas, culturais e de outras atividades humanas. Nesse sentido, Krieger (2012) diz que:

[...] o léxico é um componente aberto, descontínuo e em constante mutação em razão do surgimento de novas palavras e do fato de que muitas caem em desuso. O léxico também comporta variações no campo semântico por meio de novos sentidos que se agregam ao já existente, configurando a dimensão polissêmica das palavras (KRIEGER, 2012, p. 172).

As palavras criadas ou declinadas ao longo dos anos por mudanças sociais e/ou no contexto de uso são abarcada pelo léxico e encontrada nos textos com novos sentidos, pois se compreende que a língua é viva e acompanha a evolução social do falante, por isso há essa renovação ou redução terminológica da língua.

Por essa razão, o estudo do léxico precisa apropriar-se desses apontamentos teóricos e transformá-los em propostas pedagógicas aplicáveis em sala de aula, com vistas ao entendimento efetivo dos textos a partir da leitura, uma vez que a língua e a linguagem não são restritas a determinadas áreas profissionais, mas sim adaptáveis a qualquer área ou grupo em que a palavra desempenhe sua função comunicativa, não tem como prender a palavra a uma determinada área profissional ou específica. Sobre esse aspecto, Andrade (1998, p. 32) afirma que “quanto ao objeto, portanto, observa-se que, enquanto a lexicologia trata da palavra e do seu conteúdo conceptual, na língua comum, geral, a terminologia se ocupa do termo, ou seja, da palavra especializada”.

Compreende-se, a partir das ponderações da pesquisadora, que os falares das áreas consideradas específicas são objeto de estudo da terminologia, uma vez que tanto a terminologia quanto lexicografia ocupa-se de estudar a praticidade do léxico no imensurável universo da comunicação. Andrade (1998) defende que:

Na realidade, a língua apresenta uma linguagem geral, comum a todos os falantes e inúmeras linguagens especializadas, sejam regionais, profissionais, sociais, técnicas ou científicas. Essas linguagens especializadas constituem um conjunto de subcódigos da língua comum, caracterizando-se por algumas peculiaridades, específicas de cada uma delas (ANDRADE, 1998, p. 191).

Compreendemos que é a partir da linguagem geral que surgem as linguagens especializadas, pois uma vez que a linguagem geral é comum a todos os falantes surge daí a liberdade do falante para atribuir novos sentidos a essa linguagem a fim de atender sua necessidade comunicativa. Esses novos sentidos não constituem apenas as linguagens especializadas e suas peculiaridades, eles vão além, se reinventam a partir de grupos ou de contextos sociocomunicativos.

Referindo-se às possibilidades que a linguagem tem para se ressignificar em outros contextos comunicativos e até mesmo em outras áreas específicas, Sousa (2008, p. 20) é enfático em dizer que: “Através da linguagem é possível reconhecer e diferenciar: a) os sujeitos dos diferentes agrupamentos, b) os estratos sociais a que pertencem os referidos sujeitos, c) o grau de escolaridade dos usuários, entre outros aspectos”. Compreendemos que através da linguagem os textos revelam a realidade e o modo de vida dos sujeitos falantes. Os textos, sobretudo os do gênero literário, são produtos da criação humana tendo como instrumento a palavra transformada em linguagem.

De acordo com Biderman (2003, p. 88) “é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. Os textos, sobretudo os regionais, confirmam o que a autora declara acerca da palavra.

Souza (2018) apresenta um quadro comparativo entre Lexicografia e Terminologia, baseado na análise de Krieger e Finato (2004). Essa análise ajuda a compreender a convergências e divergências entre essas duas áreas de abordagem e estudo lexical. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 4 - Comparativo entre Lexicografia e Terminologia.

	<b>Lexicografia</b>	<b>Terminologia</b>
<b>Vertente</b>	Prática e teórica	Prática e teórica
<b>Origem</b>	Tradição	Contemporaneidade
<b>Objeto</b>	Léxico geral/palavra	Léxico temático/termos
<b>Produto</b>	Dicionários de línguas mono, bi e multilíngues	Léxicos, glossários, dicionários terminológicos mono, bi e multilíngues, banco de dados terminológicos
<b>Natureza</b>	Linguístico-descritiva	Cognitiva-normatizada
<b>Objetivos e funções</b>	Repertoriar o léxico temático Oferecer informações terminológicas e conceituais de uma área de conhecimento especializado Delimitar conceitos de um sistema cognitivo específico (homonímia) Estabelecer padrões de designação e conceituação em áreas de especialidade (normatização)	Repertoriar o léxico geral Oferecer informações etimológicas, gramaticais, sociolinguísticas Oferecer informações semânticas gerais e especializadas de todas as unidades lexicais de um idioma (polissemia) Oferecer padrões de usos linguísticos Legitimar o léxico de uma língua
<b>Usuário</b>	Difuso	Específico
<b>Fontes</b>	Texto em geral	Textos de especialidades
<b>Método</b>	Semasiológico	Onomasiológico
<b>ENTRADAS</b>		
<b>Critério de seleção</b>	Frequência	Pertinência do termo à área de conhecimento/frequência em menor escala
<b>Tipologia</b>	Verbal: palavras gramaticais lexicais	Verbal: termos simples, compostos, siglas e acrônimos Não-verbal: símbolos e fórmulas
<b>Tratamento</b>	Lematização, forma canônica	Manutenção da forma plena e recorrente

Fonte: Krieger e Finato (2004, p. 54).

Na simplificação das diferenças e convergências dessas duas áreas de estudo lexicais: lexicografia e terminologia, descritas no quadro acima, é possível inferir que essas semelhanças e diferenças são complementares com vistas ao objetivo maior que é o estudo do léxico do ponto de vista teórico e prático. De acordo com Biderman (1998, p. 15) “a lexicografia é a ciência dos dicionários”. Além disso, acordo com a autora, a lexicografia “é também uma atividade antiga e tradicional”, pois se ocupou “com a elaboração dos primeiros dicionários”. Atualmente, “a análise da significação das palavras tem sido o objeto principal da lexicografia”. Esta área de estudo lexical vem crescendo entre os pesquisadores da língua, sobretudo os “linguistas”.

Por outro lado, a terminologia é atuante no estudo lexical de especialidades. Sabemos que a linguagem utilizada em áreas específicas quando empregada em outros contextos ou utilizadas em grupos diferentes sofre um processo de adaptação semântica. A lexicografia, como área mais abrangente depende da Terminologia para adentrar em outras dimensões do estudo lexical. Biderman (1998, p. 17) afirma que “a terminologia se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano”. De acordo com Cabré (1993)



Os terminógrafos, que são os práticos da terminologia, têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam pois do conceito para o termo (processo onomasiológico); os lexicógrafos, práticos da lexicografia, partem da denominação, que é a entrada de dicionário, e a caracterizam funcional e semanticamente: movem-se na direção contrária do termo para o conceito (processo semasiológico) (CABRÉ, 1993, p. 33).

Logo, inferimos que para o estudo do léxico o método de atuação da Terminologia contribui para o aprofundamento dos estudos lexicais de grupos específicos, facilitando o processo de análise e descrição da linguagem de especialidades. O trabalho com o léxico regional, sobretudo o de grupos como o dos trabalhadores seringueiros recorre aos conceitos terminológicos para que pesquisas e trabalhos científicos produzidos nessa área tragam em seu bojo novos sentidos e formas de entendimento do idioma pelos seus falantes em meio às diversidades de “línguas” que convivem intrínsecos ao idioma.

Portanto, para se compreender o léxico de uma língua é preciso entender a relação entre lexicologia, lexicografia e terminologia. Essas abordagens convergem para o objetivo maior que é a compreensão do léxico da língua pelos seus falantes, no entanto, cada uma atua em pontos diferentes contribuindo com os estudos conceituais, descritivos, semântico, dentro das especialidades constituídas por cada área. Inferimos que as ciências do léxico atuam numa simbiose rumo aos sentidos das palavras em cada área ou contexto em que ela é utilizada, obedecendo ao caráter dinâmico e criativo da linguagem como organismo vivo e mutável para fins comunicativos.

## 2.6 O léxico e a escola

Atualmente, os estudos de base lexicais têm surgido como um instrumento eficaz de registro de processos comunicativos de grupos sociais. Sobre os estudos lexicais, Silva (1998, p. 115) afirma que “o interesse pela competência e perspectivas dos estudos léxicos decorre do fato incontestado de que a língua se vale dos recursos de natureza léxica, no seu sentido mais amplo, para cumprir os propósitos comunicativos dos grupos humanos”. Biderman (1998b), acerca dos dicionários, postula que:

Os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua. Existem vários tipos de dicionários monolíngues: os dicionários de língua, os dicionários analógicos (ou ideológicos), os dicionários temáticos ou especializados (de verbos e/ou regência verbal, de sinônimos e antônimos, os dicionários etimológicos, os dicionários históricos, os dicionários terminológicos das diferentes áreas de conhecimento: astronomia, biologia, comunicações, ecologia, [...]. Vou considerar apenas os dicionários de língua (BIDERMAN, 1998b, p. 129).

Vivemos em um país continental cujo processo de formação linguística é diversificado, por essa razão é que Biderman fala que os dicionários são “uma espécie de tentativa de descrição do léxico”, pois ela reconhece que os mesmos não abarcam toda a realidade de uma determinada língua, sobretudo, a língua portuguesa do Brasil. Biderman (1998) reconhece que:

Um dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do grande público. Assim sendo, é também um produto comercial, o que o faz diferente de outras obras culturais. É preciso considerar igualmente que o dicionário deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado, documentando a práxis linguística dessa sociedade (BIDERMAN, 1998b, p. 130).

Percebemos que um dicionário, além de ser um produto comercial e também didático, esse instrumento da língua procura registrar o léxico, obedecendo às normas da língua, mas focado no uso prático da língua na sociedade. Nesse processo, o verbete exerce função específica, tanto nos dicionários de língua geral, quanto no terminológico, esse último, tem como entrada, o registro da palavra na forma utilizada pelo falante. Biderman (1998b) constata em seus estudos que;

[...] que apenas o *dicionário geral da língua* pode aproximar-se do ideal de descrever e documentar o léxico de uma língua. Ainda assim, esse ideal é sempre intangível, já que o léxico cresce em progressão geométrica, hoje sobretudo, em virtude de grande aceleração das mudanças socioculturais e tecnológica. A rigor, nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua de civilização (BIDERMAN, 1998b, p. 130).

Compreendemos a partir do ponto de vista da autora, que a língua conta com outros recursos descritivos como vocabulário e glossário que ajudam a esclarecer palavras no contexto de uso, uma vez que os dicionários não são suficientes para a tarefa de descrição lexical de uma língua. Os verbetes atuam nos detalhes lexicais da língua

Sabe-se que o Brasil é plurilinguístico, sua variação linguística é rica por sua variação geográfica, o que reflete no falar das pessoas e nas adaptações que a língua vai adquirindo para cumprir seu propósito comunicativo. Silva (1998, p. 117) aponta três “competências” e “perspectivas” referentes aos estudos lexicais. A primeira, de acordo com Silva, “trata o léxico como *locus observandi* do percurso social dos usuários de uma língua”.

Por essa perspectiva, entende-se que a reunião de vocábulos utilizados pelos trabalhadores seringueiros permite entender a trajetória social desses trabalhadores, bem como

perceber as mudanças no signo linguístico para se adequar ao contexto comunicativo, já que segundo Silva, essa primeira competência:

Promove a possibilidade de o falante configurar e arquivar não só a realidade extralinguística, mas também o saber linguístico de uma comunidade, propiciando que, simultaneamente, se possa apreciar a língua e a cultura de um grupo: incontestavelmente, a palavra é o lugar de observação dos fatos e dos feitos que pontuam o fazer das gentes (SILVA, 1998, p. 117).

O pensamento da autora corrobora a importância do léxico de determinados grupos para manter viva a memória e a cultura, bem como se visualiza a importância de se estudar e divulgar nas escolas o léxico seja através de projetos ou outras metodologias que permita ao aluno o acesso a esse conhecimento de forma efetiva.

A segunda competência trazida pela autora trata da categorização “das variáveis *tempo e espaço* do discurso”. É nesse percurso comunicativo que as palavras ganham novas significações condicionadas a determinado tempo e espaço de interação verbal. Silva (1998, p. 117) afirma que “a diversidade de nichos culturais institui variantes combinatória que recortam as significações de forma peculiar”. Por isso, estudar o léxico é adentrar nesses espaços de comunicação registrado através da poesia, do conto, da música, da oralidade, etc. Pois são nesses textos que se registram as palavras com seus significados no contexto de uso comunicativo, ampliando o acervo linguístico da língua.

A escritora faz referência também à terceira competência dos estudos lexicais, porque, de acordo com Silva, essa competência “propicia a ampliação do universo mental do falante”. Esse ponto de vista alude que os estudos de base lexical podem determinar, de acordo com Silva (1998, p. 118), “o universo físico e cultural, transcodificado em língua, em que o usuário se insere, posto que o vocabulário empregado no processo comunicativo é extraído léxico mental do indivíduo”.

Como o texto literário é um instrumento de registro do modo de vida e do pensamento humano através da língua, tem-se no gênero literário a presença da linguagem regional, do léxico regional. Por esse viés, o texto literário é fonte inesgotável de vocabulários e termos ressignificados semanticamente para atender às necessidades comunicativas em um contexto específico. Esse acervo de palavra precisa ser levado para a escola e disponibilizado aos alunos, sobretudo do Ensino Fundamental II.

Segundo Silva (1998, p. 118);

O conhecimento de que o indivíduo dispõe resulta da transformação da realidade percebida em codificação linguística a ser rotulada em forma de palavras-lexema,

unidades abstratas armazenadas na memória semântica, onde ficarão aguardando nova decodificação com propósito comunicativo (SILVA, 1998, p. 118).

O cotidiano dos seringais acreanos, na era de produção de borracha, foi retratado por vários escritores regionais em contos, poesias, romances, músicas, etc. Vive-se nesse início de século XXI um dilema em relação ao ensino da leitura, é desafiador motivar os alunos para a leitura de um gênero textual, sobretudo o literário que vem sofrendo uma depreciação atualmente. Por essa razão, acredita-se que os estudos lexicais podem contribuir com o ensino, sobretudo de leitura de texto literário.

Um dos instrumentos práticos para alavancar o estudo do léxico é a lexicografia. Ainda de acordo com Silva (1998, p. 119), “os instrumentos lexicográficos servem admiravelmente à pesquisa dialetal e sociolinguística pela qual se pretende dar a conhecer as peculiaridades que dão corpo, e também alma, à modalidade brasileira do português”. Os estudos lexicais e seus instrumentos e competências permitem, através da pesquisa, compreender as relações entre os falantes por meio da língua, evidenciando outros espaços socioculturais que compõem a realidade linguística do Brasil.

Expostos os conceitos principais relacionados ao léxico e suas ciências, trataremos, no próximo capítulo, a respeito da neologia e dos tipos de neologismos – temas importantes para o tratamento do vocabulário do seringueiro em sala de aula, que proporemos adiante.

### III NEOLOGIA E NEOLOGISMO: EXPANSÃO DO LÉXICO

Neste capítulo discorreremos sobre o fenômeno do neologia e suas contribuições para o crescimento da língua a partir do surgimento de novas palavras incorporadas ao idioma. Falaremos também sobre neologismos, pois a formação do léxico passa por este fenômeno de combinação de fonemas e de sentidos para criação de novas palavras. Certamente, é a partir do som dos fonemas que o seringueiro se utiliza para imitar um som de algum fenômeno natural ou de um ruído de animal na floresta. Para concluir o capítulo abordaremos a expansão do léxico a partir dos recursos linguísticos que permitem a formação e crescimento da língua.

Sabemos que é por meio a linguagem que se constroem as relações sociais, que os indivíduos se redescobrem, se posicionam criticamente, se identificam e participam da sociedade, seja de forma individual ou em grupo de representatividade. De acordo com Sousa (2008a, p. 22); “O homem como ser social utiliza-se de diferentes sistemas de linguagem para interagir com os outros indivíduos e com o mundo em que está inserido”. O léxico é apenas mais uma das diversas formas de conhecer os sujeitos falantes por meio da linguagem que utilizam no seu cotidiano.

Além disso, Souza (2018, p. 56) sustenta que “a língua manifesta os costumes e a cultura do seu povo, funciona como uma espécie de espelho, que traduz a imagem de um objeto tal qual ele é”. Então, proporcionar um ensino que proporcione ao aluno o conhecimento do eu e do outro a partir da linguagem é um avanço para que os falantes passem a interagir e compreender o mundo a partir da identidade linguística.

No universo da composição do léxico dos trabalhadores seringueiros, denominados assim porque não envolve somente o trabalhador “extrator” do látex, mas todos os envolvidos no processo, seja o seringalista, o gerente, o mateiro, o comboieiro, o mateiro, o guarda-livros e até mesmo os “capangas” se encaixam na denominação “seringueiros”, e não apenas aquele que corta a seringueira.

Os trabalhadores seringueiros constituem um grupo de falantes, que ocuparam um espaço e contribuíram para o crescimento do léxico da língua portuguesa e contribuíram para a formação do léxico regional. Sousa (2008b), afirma que:

[...] a estrutura da língua sofre a ação de seus usuários de acordo com as práticas (e os contextos) socioculturais em que eles estão inseridos, a saber: o espaço geográfico em que vivem, camada social (socioeconômica) em que se enquadram, agrupamentos humanos do qual fazem parte, faixa etária entre outros –

características reveladas, especialmente, no léxico que utilizam (SOUSA, 2008b, p. 21).

A afirmação do pesquisados deixa evidente que é por meio dos usuários da língua que se processam as mudanças linguísticas na sua estrutura. Sousa (2008a) enumera alguns fatores que cooperam incisivamente para essas mudanças, como os fatores de níveis sociais, econômicos e geográficos. No caso da região amazônica, especificamente, no grupo de falantes seringueiros, há interferência direta dessas relações no surgimento do léxico desse grupo.

Entretanto, ao considerar o contexto do seringal e o trabalho, não só do extrator do látex, mas de todos os envolvidos, há então um planificação de uso de novos termos, por exemplo, quando se usa a palavra “colocação”, “brabo” e até mesmo “arigó”, essas palavras não se restringem apenas ao seringalista ou ao gerente que são considerados “cultos” na hierarquia do seringal, mas a todo o grupo por influência do meio ao qual estão inseridos. Para Sousa (2008); “É inegável o papel que a linguagem exerce na sociedade: é por meio dela que o homem se constitui sujeito, estabelecendo as diversas relações sociais e retratando o conhecimento de si próprio e do mundo, valores ideológicos e visões de mundo”. Reconhecemos o papel da linguagem na propagação da cultura, do modo de vida e das características sociais de determinada região e de sua gente.

O léxico do seringueiro se faz presente nos textos de caráter regional, sobretudo na poesia, na música, no conto, no romance dentre outros meios de propagação, porém, o acesso geralmente é de estudantes de graduação, de pesquisadores ou de leitores que apreciam as temáticas e conhecem boa parte das lexias regionais.

Por isso temos como *corpus* da presente pesquisa dois textos em forma de cordel de autores regionais, ricos em linguagem regional. Nossa intenção é favorecer que os alunos da educação básica se apropriem do acervo vocabular presente nesses textos, e, ainda, que a prática de leitura tenha no estudo do léxico um componente pedagógico significativo para o ensino da língua.

Após apresentarmos os principais conceitos relacionados aos campos dos estudos lexicais, no presente capítulo, trataremos da neologia e sua relação com o processo de expansão do léxico. Inicialmente, apresentamos os conceitos gerais de neologia e neologismo para, em seguida, definirmos os tipos de neologismos.

### 3.1 A neologia

A neologia é um fenômeno que ocorre na língua por causa da dinâmica comunicativa e ocupa-se com as novas palavras que surgem na língua. Por essa razão devemos ter uma noção básica do campo de atuação desta área e como ela está ligada à constituição e ensino do léxico. Segundo Alves (1994):

A história das línguas mostra que a incorporação de unidades lexicais neológicas sempre acompanhou o desenvolvimento do acervo lexical dos idiomas. Como consequência, estudos sobre a neologia, particularmente no século XX, refletem a importância atribuída ao fenômeno neológico no nível lexical (ALVES, 1994, p. 23).

Percebemos que a neologia também integra o acervo de estudos lexicais e assim temos um conjunto de fontes de pesquisa com diferentes enfoques, mas que converge para o objetivo maior que é o estudo, a compreensão e a valorização do léxico da língua. Ainda sobre neologia, Alves (1994) faz a seguinte afirmação:

A partir da década de 70, o conceito de neologia, que até então se referia apenas aos aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais, começa a tornar-se polissêmico [...] em razão das políticas de planejamento linguístico que passaram a emergir em vários países ou comunidades linguísticas (ALVES, 1994, p. 24).

A evolução do conceito de neologia, trazido pela autora, passando do nível linguístico ao polissêmico mostra que a neologia atua diretamente no estudo de linguagem de especialidades ou terminológicas, contribuindo para que os estudos lexicais abarquem cada vez mais a realidade viva do idioma. Com vistas nesse propósito, Alves (1994) explica que:

A neologia estabelece, assim, relações mais estreitas com a Terminologia, já que o ato de nomear começa também a ser realizado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e de intervenção linguísticas. Tal fato dá lugar ao aparecimento de denominações específicas para o neologismo terminológico (ALVES, 1994, p. 24).

Além disso, destacamos aqui o que afirmam Correia e Almeida (2012, p. 17) sobre a etimologia das palavras neologia e neologismo. Para elas, “as palavras neologia e neologismo têm por base a composição como recurso às raízes de origem grega *neo*, com o significado de “novo” e *logos*, com o significado de “noção.” Inferimos que esses termos de origem grega ao se juntarem passam a transmitir a ideia de algo novo, o que se aplica diretamente ao léxico quando há o surgimento de uma nova palavra com novos sentidos. Dessa forma, Correia e Almeida (2012) dizem que:

Neologia é tradicionalmente entendida como uma denominação que corresponde a dois conceitos distintos: A neologia traduz a capacidade natural de renovação do

léxico de uma língua pela incorporação de unidades novas, os neologismos. A neologia é entendida ainda, como estudo (observação, registro, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 17).

Percebemos que há uma simbiose dessas definições trazidas pelas autoras, cujo único fim é descrever os fenômenos de surgimento de novas unidades lexicais em determinada língua, considerando as divergências no modo de renovação, seja ele natural ou incorporada ao idioma. Portanto, a neologia ocupa-se do fenômeno de renovação do léxico, seja esse surgimento novo de maneira espontânea ou formada por outros processos e incorporada à língua.

A falta de palavras para estabelecer um sentido na mensagem faz com que os falantes busquem recursos linguísticos disponibilizados pela língua e criam palavras novas para atender ao processo comunicativo. Alves (1996, p. 11) explica que “o conceito de neologia refere-se a todos os fenômenos novos que atingem uma língua”. Esses fenômenos podem ser entendidos como inovações lexicais no uso da língua. Além disso, Alves (1996) alude que:

O desenvolvimento dos trabalhos terminológicos quer sejam eles considerados de um ponto de vista apenas descritivo, ou também de uma perspectiva normalizadora que incentiva a criação de termos, redimensiona as características do fenômeno terminológico. O neologismo passa assim, a ter uma relevante função não somente na língua geral (ALVES, 1996, p. 13).

Percebemos que há uma evolução no conceito de Neologia. Sendo que a formação de novas palavras é redirecionada, passando atuar não apenas na língua geral, mas também na língua de “especialidade”. Nesse contexto, a autora esclarece sobre a evolução e ampliação da definição de neologia dizendo que:

[...] o conceito de neologia, que inicialmente se referia apenas aos aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais, sofreu uma evolução, como consequência de um planejamento linguístico que passaram a emergir em países e comunidades linguísticas. A neologia passou, assim, a estabelecer relações mais estreitas com a Terminologia, pois o ato de nomear um conceito, que sempre existiu, passou também a ser realizado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e de intervenção linguística (ALVES, 1996, p. 12 – 13).

Entendemos que, por consequência do surgimento de comunidades linguística diversificada, a aproximação da Neologia com a Terminologia foi se concretizando, visto que tanto a primeira, como a segunda atuam no processamento e acolhida de novos termos agregados à língua pelos falantes, assim como se entrelaçam com as linguagens terminológicas de grupos sociais ou áreas específicas, e também da aplicabilidade de palavras existentes em novos contextos comunicativos que atendam a interação entre os falantes.



Além disso, devido essa evolução, Alves (1996, p. 14) diz que;

[...] os neologismos terminológicos, que resultam de uma criação motivada para responderem às necessidades do desenvolvimento técnico-científico, devem estar vinculados a uma política de planificação linguística capaz de determinar critérios de criação de termos” (ALVES, 1996, p. 14).

Então, passamos a compreender que as várias regras e critérios de criação de novos termos, e das regras de registros, seja em dicionários, glossário ou verbetes, ocorrem devido a ampliação e aproximação da neologia com a terminologia, o que de certa forma, contribui para o crescimento lexical da língua.

A língua oferece possibilidades para essa inovação léxica, o que enriquece o idioma. Sobre esse aspecto, Alves (1996) afirma que “A criação de um neologismo terminológico deve, pois, obedecer aos seguintes princípios”. Vejamos os critérios elencados pela autora em forma de quadro:

Quadro 5 - Princípios para criação de neologismo terminológico.

<b>De caráter linguístico</b>	<b>De caráter sociolinguístico</b>	<b>De caráter metodológico</b>
O neologismo deve estar em conformidade com as regras morfosintáticas da língua e adaptar-se ao seu sistema fonológico e ortográfico;	O neologismo deve estar em conformidade com a política linguística do idioma;	A criação do neologismo deve contar com a presença de profissionais da área em estudo que possam orientar as propostas neológicas;
Deve ser adaptável a outros idiomas, por meio do emprego de elementos greco-latinos e de sufixos comuns a outros idiomas;	Deve estar de acordo com o nível de língua de trabalho em que será utilizado;	Deve levar em conta o sistema conceitual e demonstrativo de que o neologismo forma parte;
Deve denominar, o mais claramente possível, um conceito previamente delimitado e com ele estabelecer uma relação	Deve ser fruto de uma necessidade;	Deve considerar que uma forma não adequada ao sistema da língua, mesmo consolidada, pode ser revista.
Deve ser capaz de construir derivados.	Não deve apresentar conotações negativas.	

Fonte: Adaptado de Alves (1996, p. 14 – 15).

A partir da análise do quadro acima, podemos compreender que a os princípios de criação de neologismo deixa evidente a importância de observar as regras linguísticas, sociolinguísticas e metodológicas que orientam a criação de novas palavras na língua, percebemos que esse processo não ocorre aleatoriamente, embora uma palavra surja para atender a uma necessidade comunicativa, seja em língua geral ou na língua de especialidades.

## 3.2 O neologismo

Apesar de parecer que os termos neologia e neologismo são sinônimos, há diferenças conceituais entre eles que precisam ser destacadas, a fim de melhor entender suas contribuições para o estudo do léxico.

Com vistas a esta distinção, Alves (1994, p. 5) postula que “ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”. A partir dessa colocação, entendemos que neologia e neologismos são fenômenos complementares, sem essa conexão mútua entre essas áreas não é possível entender de forma clara o processo de renovação do léxico.

Nesse contexto, Biderman (2001, p. 203) destaca que “neologismo é uma criação vocabular nova incorporada à língua”. Essas novas palavras podem surgir de contextos socioculturais, técnicos, científicos, etc. Vale ressaltar outro aspecto do neologismo trazido por Batista (2011), o qual afirma que:

Os neologismos classificam-se como processos produtivos de formação de palavras, reveladores, muitas vezes, de transformações de caráter sociocultural, caracterizadores da relação íntima que existe entre o léxico e os fatores externos da língua (BATISTA, 2011, p. 63).

Percebemos então, que a formação das palavras ou das novas palavras tem raízes no tripé: sociedade, cultura e língua. Os fatores sociais e culturais contribuem para a formação do léxico, pois é a partir das relações entre os falantes pertencentes a diversos níveis e classes que a língua se realiza, se reinventa e cresce, e ao atender às necessidades de comunicação desses grupos, contribui para alavancar o patrimônio linguístico, bem como o léxico. Destacaremos a seguir alguns tipos de neologismos, importantes ao estudo do léxico que essa pesquisa está propondo realizar: neologismo fonológico, neologismo sintático e neologismo semântico.

### 3.2.1 Neologismo fonológico

O neologismo fonológico vai tratar de combinações sonoras a partir da fonética e fonologia da língua disponível aos seus falantes. Segundo Alves (2009, p. 1821), “a neologia lexical, comumente mais estudada no âmbito dos estudos morfológicos, estabelece também relações com outros níveis de análise linguística. Desse modo, a permuta de um fonema por outro pode gerar um neologismo fonológico”.

A autora continua explicando que “os neologismos fonológicos são criados a partir de uma combinação fonológica nova, sem necessariamente derivar-se de outras preexistentes”. Seguindo o raciocínio da autora, podemos dizer que quando o seringueiro combina sons para representar o som de um animal, do ranger das árvores, do estalar da fruta de seringa ou o canto de uma ave ele está combinando sons e criando neologismos. Desse modo, podemos considerar que quando o seringueiro reproduz o som do “porquim” (cateto): “buf, buf, buf” (quando o animal se espanta no bando), ou “téco, téco, téco” (quando é caçado e encurralado em um buraco no solo ou no oco de uma árvore caída), há produção de neologismos fonológicos, também conhecidos como onomatopeias.

Acerca da formação desse neologismo, Barbosa (1998, p.38) afirma que “o neologismo fonológico resulta de um novo recorte cultural instaurado por uma grandeza-signo, constituída de expressão e conteúdo inéditos, uma nova função semiótica”. Esse ineditismo é o que caracteriza a formação desse novo item lexical. Essa combinação de som é compreendida pelos falantes do contexto do seringal, da floresta, do cotidiano daquele grupo cultural. Alves (2009) afirma que:

A neologia lexical, comumente mais estudada no âmbito dos estudos morfológicos, estabelece também relações com os outros níveis de análise linguística. Desse modo, a permuta de um fonema por outro pode gerar um neologismo fonológico, uma mudança de significado frequentemente condiciona a criação de um neologismo semântico, assim como a adição de um prefixo ou de um sufixo implica alterações semânticas na palavra-base e também sintáticas, no contexto frasal (ALVES, 2008, p. 1821).

Esse pensamento da autora vai ao encontro da ideia de que há várias onomatopeias criadas pelos seringueiros em meio à floresta, como: pooou! (som de tiro de espingarda ao caçar), tuum, tuum, tuum (o piado do mutum) e hãammm, hõommm, hãammm, hõommm, hõommm (o esturro da onça), entre outros que convém pesquisar. Nesse sentido, Alves (1994) diz que:

A criação onomatopaica está calcada em significantes inéditos. Entretanto, sabemos que a formação não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia, numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos (ALVES, 1994, p. 12).

Temos nesse tipo de neologismo, a possibilidade de criação de várias palavras, utilizando-se do recurso da onomatopeia e da cultura e do meio ao qual o falante está inserido. Observamos que a língua vai sendo criada a partir da relação entre o sujeito, os recursos linguísticos e o meio.

### 3.2.2 Neologismo sintático

O neologismo sintático é formado a partir de elementos já existente na língua, ou seja, a partir dos elementos gramaticais e linguísticos que já são conhecidos pelos falantes. De acordo com Carvalho (1998, p. 64) “sempre que se faz necessário nomear um objeto ou uma ideia, um novo termo é criado ou um termo já existente passa a ser empregado com um novo significado”. Desse processo nascem neologismos que contribuem para a ampliação do léxico da língua. Acerca disso, Alves (2009) postula que:

O neologismo – exceto os empregos de caráter internacional no âmbito literário, publicitário – é fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, e resulta de uma necessidade de nomeação ou de um fato social que, em um momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical (ALVES, 2008, p. 1821).

A autora reforça a relação da formação de neologismos com o uso social da linguagem. Esse uso social pode ocorrer tanto com a linguagem geral, como com a de especialidades, o importante é entender que a formação de uma unidade lexical ocorre para atender a uma necessidade de uso social da linguagem para nomear algo em determinado momento histórico.

O ensino da morfologia da língua na escola oferece pouco resultado acerca do aprendizado da língua. Falta compreender que as classes de palavras assumem diversas funções nos enunciados e isso interfere no processo de leitura e análise de uma palavra no texto. Sobre esse fato, Perini (2002, p. 49) afirma que “o ensino de gramática tem três defeitos, enquanto disciplina: primeiro, seus objetivos estão mal colocados; segundo, a metodologia adotada é seriamente inadequada; e, terceiro, a própria matéria carece de organização lógica”.

Esse problema apontado pelo autor, nos leva a crer que é preciso repensar o papel da gramática para o ensino da língua, pois há uma importância imprescindível para a aprendizagem do aluno, uma vez que é por meio das funções sintáticas das classes de palavras que se constroem os enunciados. São os elementos gramaticais que têm o poder de interferir na raiz de uma palavra e alterá-la sintaticamente como os artigos, as flexões e os afixos. Estes elementos atuam no interior dos enunciados e têm poder de mudar a função de uma palavra, bem como o seu sentido.

Perini (2002, p. 49) diz ainda que “muitos professores dizem (e acreditam) que o estudo da gramática um dos instrumentos que levarão o aluno a ler e a escrever a um domínio

adequado da linguagem padrão escrita”. Consequentemente, o domínio da escrita requer também o domínio semântico, sintático, fonológico, linguístico da palavra. Por exemplo, o advérbio de afirmação “sim”, se antecedido por um artigo “o”, torna-se um substantivo, “o sim”. Esses fenômenos que ocorrem internamente na língua precisam ser considerados ao propor o estudo do léxico da língua pela formação de neologismos.

Acerca do estudo gramatical e a formação de neologismo sintático, é indispensável atentar-se para o que diz Travaglia (2011, p. 97) sobre os estudos teóricos-gramaticais, de acordo com o autor, “pode-se propor o estudo de teoria gramatical ou linguística para atender uma exigência cultural de nossa sociedade, na formação de uma massa de conhecimentos que se espera que todo cidadão instruído dessa sociedade”.

Nesse sentido, há de reconhecer que os estudos gramaticais do ponto de vista sintático contribui tanto para o aluno compreender a estrutura da língua, bem como para saber como se formam as unidades lexicais. Sobre este aspecto, Perini (2002) acrescenta que:

O estudo da gramática pode ser um instrumento para exercitar o raciocínio e a observação; pode dar a oportunidade de formular e testar hipóteses; e pode levar à descoberta de fatias dessa admirável e complexa estrutura que é a língua natural. O aluno pode sentir que está participando desse ato de descoberta (PERINI, 2002, p. 31).

Então, inferimos que a formação desse tipo de neologismo se dá no interior da frase, considerando a mudança de função e de sentido da palavra. Além disso, o estudo gramatical deve proporcionar ao aluno a descoberta de novas possibilidades de construção linguística a partir do domínio da estrutura gramatical da língua.

### **3.2.3 Neologismo semântico**

De acordo com Barbosa (1998, p. 38) “o *neologismo semântico* é gerado a partir de uma grandeza-signo já existente”. Dessa característica apontada pela autora inferimos que este fenômeno acontece com determinadas palavras em contextos específicos de comunicação e nomeação de objetos, lugares, espaços entre outras coisas. Sabe-se que os Neologismos são criados de várias formas, seguindo regras diferentes, já existentes na língua. De acordo com Alves (2004, p. 62), o neologismo semântico é um processo de formação de unidades lexicais que ocorre condicionado a “mudança formal em unidades já existentes”.

Barbosa (1998, 34), por sua vez, diz que “a dinâmica de renovação lexical pode ser abordada de diferentes ângulos, que ultrapassam os limites do estudo dos mecanismos de criação de novas palavras”. Cabe-nos refletir que outros fatores, sobretudo, contextuais e

culturais, interferem no processo de surgimento de novas palavras. Para a autora, há de se considerar fatores linguísticos, espaciais e temporais para que, de fato, tenha-se a criação de uma nova palavra com aceitabilidade pelos falantes.

Além disso, Alves (2004, p. 62) explica que “por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia e da sinédoque [...] vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais”. Dessa forma, entendemos que quando se diz que alguém fez um *gato* na rede elétrica, na verdade este fez uma ligação clandestina, também a palavra *madeira*, utilizada pelos seringueiros para se referir a árvore *hevea brasiliense*, da qual se extrai o látex, popularmente conhecida como seringueira, não é o mesmo sentido de madeira utilizada na construção de móveis e casas, bem como a formação de madeira, local onde se vende ou se processa a madeira. E assim vão surgindo novos sentidos formando novas unidades lexicais.

Barbosa (1998, p. 35) alerta que não se deve dispensar “o papel dos contextos intra e extralinguísticos e as circunstâncias espaço-temporais em que se dá”. A autora provoca uma reflexão sobre a formação do léxico, sem descartar os contextos de criação, isto é, como se deu o processo todo. Para Barbosa (1998):

[...] é necessário propor questões como: quem criou a nova palavra, em que universo de discurso foi produzida, em que tempo, em que lugar geográfico e semântico surgiu, para quem foi criada, como foi criada [...]. No que concerne à gênese neológica, às circunstâncias espaciais e temporais de criação, é preciso dizer, desde logo, que não é pelo fato de uma palavra ter caráter inédito que possa a ser imediatamente considerada neológica (BARBOSA, 1998, p. 35).

A autora aponta para uma série de elementos circunstanciais que estão no caminho do surgimento de uma nova palavra, não basta apenas o ineditismo, há de se considerar esse fatores apontados pela autora. Dessa forma, quando tratamos do léxico regional ou mais especificamente, de um grupo regional, como é o caso do léxico do trabalhador seringueiro é preciso certificar-se de que efetivamente trata-se de uma palavra criada e aceita no grupo e que atende os critérios canônicos da língua em todas as dimensões. Barbosa (1998) fala ainda de alguns momentos importantes para criação de um neologismo. São eles:

a) o instante mesmo de sua criação; b) o momento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo linguístico cultural; c) o momento em que começa a dar-se sua desneologização (BARBOSA, 1998, p. 35).

Entendemos, portanto, que o processo de criação e incorporação de uma palavra ao léxico ocorre pelo um processo que depende de vários fatores, que vão desde a localização

geográfica, a aceitação da palavra pelo grupo de falantes, isso mediante o cumprimento da função comunicativa, até o momento em que determinada palavra não causa estranhamento ao idioma, o que a autora denomina de “desneologização”, isto é, a palavra passa a ser incorporada e naturalizada e sujeita às normas da língua, além de passar a ser usada em outros contextos por outros interlocutores.

Um exemplo disso é a palavra “brabo”, utilizada pelos seringalistas para se referir aos novos trabalhadores recrutados para a extração do látex sem experiência na atividade. Ao convencionar a palavra “brabo” com esse sentido, os demais trabalhadores, considerados “experientes” entendiam que se tratava de um trabalhador sem experiência no corte de seringa, e não um sujeito valente ou violento.

Pelo exposto nesses dois primeiros capítulos, vimos o quanto o trabalho no âmbito do léxico pode contribuir para o enriquecimento vocabular e, portanto, linguístico dos alunos. Entendendo o léxico como o ponto de intersecção entre língua e cultura, e, especialmente, no caso do léxico do seringueiro, o retrato do contexto sócio-histórico-cultural do homem amazônico, apresentaremos, no próximo capítulo, uma sugestão didática para o trabalho com o léxico na sala de aula.

#### IV O LÉXICO DO SERINGUEIRO EM SALA DE AULA: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo apresentaremos uma proposta para o ensino do léxico do seringueiro em sala de aula, baseado nas novas orientações curriculares, a saber, a Base Nacional Comum Curricular homologada em 2017 no Brasil. Além disso, mostraremos alguns desafios ao estudo e ensino do léxico, bem como a importância e relevância do léxico para o conhecimento da língua e de seus falantes em sua região e no contexto comunicativo ao qual o usuário da língua está inserido. Também falaremos sobre a escolha dos textos e dos autores que utilizaremos como *corpus* da pesquisa-ação e apresentaremos uma proposta de atividades para o ensino do léxico no Ensino Fundamental II.

O aprender a ler e não apenas decodificar uma palavra é um desafio que precisa ser enfrentado com intervenções incisivas e eficientes, pois é crescente o número de analfabetos funcionais, o que é preocupante para a escola. Todos os anos milhares de alunos zeram a redação do Enem por não saber ler e interpretar o tema proposto.

Os estudos lexicais propostos nos livros didáticos não são suficientes para desenvolver habilidades de leitura. Nesse cenário, o estudo do léxico na escola precisa ser sistematizado. Antunes (2012, p. 27) define o léxico como “o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação”. Quando a compreensão de uma palavra não é compreendida pelo leitor o ato comunicativo ou a mensagem fica comprometido.

Proporcionar o desenvolvimento de capacidade de leitura no aluno tem sido um desafio para os professores de língua portuguesa. Tem se observado um grande número de alunos que chegam ao ensino médio e até mesmo ao ensino superior sem proficiência na língua portuguesa, uma consequência de leitura ineficiente ou até mesmo do domínio básico da língua formal. Nesse sentido, o estudo do léxico contribuirá de forma direta para facilitar o desenvolvimento da leitura e repertoriar o aluno acerca do vocabulário da língua, a fim de que o mesmo tenha maior conhecimento sobre a linguagem e seu uso. Silva (1998, p. 115) aponta que;

O interesse pela competência e perspectivas dos estudos léxicos decorre do fato incontestado de que a língua se vale de recursos de natureza léxica – no seu sentido mais amplo, para cumprir os propósitos comunicativos dos grupos humanos, que, ao realizarem, atendem as exigências das transformações de ordem social lato sensu, lançando mão dos processos de ampliação vocabular que dão conta da aquisição e da alteração a que o signo se submete por forças de pressões fônicas e semânticas com as quais ritualizam as pressões de uso decorrentes da interação de sociedades (SILVA, 1998, p. 115).



O léxico de uma língua, bem como sua compreensão de sua importância para o domínio da língua é de fundamental importância para tornar um aluno proficiente em leitura, sobretudo de texto literário. Entender as mudanças na palavra por meio dos recursos linguísticos para atender fins comunicativos ajuda ao aluno a ampliar a compreensão de um enunciado. No entanto, os professores precisam ser instrumentalizados com metodologias de ensino, com propostas inovadoras para promover leitura de textos que contemplem a linguagem e o léxico regional, a fim de ampliar o conhecimento do aluno acerca da língua e do léxico.

O ensino do léxico ainda não foi desenvolvido efetivamente como uma prática constante na escola. Atualmente, as orientações oficiais constantes na BNCC (2018) apontam para um ensino da língua partindo do texto e dos gêneros textuais. Neste documento:

Há preocupações expressas nos documentos oficiais que tratam do ensino da língua portuguesa, com o ensino da linguagem na perspectiva das relações do ser com o outro e com o mundo. Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica (BRASIL, 2018, p. 67).

A nova Base Nacional Comum Curricular amplia o que outros documentos como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 78) já apontava para a contextualização da linguagem como propostas para o ensino da língua portuguesa. Sobre o ensino da língua portuguesa, o referido documento dizia que “para ampliar as competências discursivas dos alunos, no entanto, a criação de contextos efetivos de uso da linguagem é condição necessária”. Este objetivo foi ampliado com a nova BNCC (2018), pois temos mais clareza da necessidade de contextualizar o uso e emprego da linguagem, sobretudo destacando o caráter regional da língua. Sabemos que devemos promover um ensino considerando a dimensão do ser aprendiz e do mundo que o cerca.

Antunes (2012, p. 21) destaca que “o estudo do léxico fica reduzido em um capítulo em que são abordados os processos de “formação de palavras”, com especificação de cada um desses processos, acrescida de exemplos e de exercícios finais de análises de palavras”. Isso se percebe quando os livros didáticos dão maior atenção à gramática que aos demais conteúdos que formam a língua.

Dessa forma, percebe-se que é preciso propor mais atividades que contemplem o ensino da palavra de uma forma mais ampla, considerando sua importância semântica e seu uso contextualizado no texto. Outra observação feita por Antunes (2012, p. 22) é em relação

ao contexto de uso da linguagem. Segundo a autora “o aluno não reconhece seu próprio vocabulário, tão mutante, tão naturalmente ajustado às determinações de cada contexto e de cada cena de interação”. Daí a importância de se estudar o vocabulário e não fazer apenas exercícios programados no livro didático.

Antunes (2012, p. 27) postula que “se é verdade que não existe uma língua sem gramática, mais verdade ainda é que não há língua sem léxico”. Inferimos dessas considerações que gramática e léxico são complementares, no entanto, é necessário propor novas atividades com foco no léxico ou que considere o léxico da língua como fator indispensável para o aprendizado do aluno.

Acerca disso, a BNCC (2018, p. 81) afirma que “no que tange ao estilo, serão levadas em conta as escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero”. Estes elementos da língua apontados na BNCC só podem ser estudados com mais eficiência e significância a partir do texto. Conforme a BNCC (2018):

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido (BRASIL, 2018, p. 81).

Observamos que as complexidades que envolvem o ensino da língua exigem estratégias e objetivos claros a serem alcançados tanto na leitura de textos, como na produção textual, sem se descuidar das relações entre os conteúdos do texto e pelo contexto de produção. Vemos a importância desta relação para estabelecer sentido na leitura e produção dos alunos. Além disso, a BNCC (2018) afirma ainda que:

Os conhecimentos grafofônicos, ortográficos, lexicais, morfológicos, sintáticos, textuais, discursivos, sociolinguísticos e semióticos que operam nas análises linguísticas e semióticas necessárias à compreensão e à produção de linguagens estarão, concomitantemente, sendo construídos durante o Ensino Fundamental (BRASIL, 2018, p. 81).

Observamos e temos consciência de que o Ensino Fundamental, sobretudo a partir deste novo documento (BNCC), é a etapa mais importante para consolidar os conhecimentos acerca da língua e dos seus operadores normativos, linguísticos e textuais. Este processo exige qualificação profissional e novas formas de abordagem de conteúdos, buscando implementar

um diálogo do ser aprendiz com o mundo através da linguagem ou das várias linguagens disponíveis no universo comunicativo.

Em relação ao campo semântico de conhecimentos linguísticos a BNCC (2018) aponta o seguinte objetivo:

Conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos léxico-semânticos, tais como aumentativo/diminutivo; sinonímia/antonímia; polissemia ou homonímia; figuras de linguagem; modalizações epistêmicas, deônticas, apreciativas; modos e aspectos verbais (BRASIL, 2018, p. 83).

Essas orientações procuram interferir na prática do professor em sala de aula, pois o ensino da língua deve levar o aluno a entender a capacidade de criação através da linguagem oral ou escrita, não pode a escola limitar essa capacidade. A beleza de uma língua está na capacidade de reinvenção, de mudança de estrutura e de sentido de uma palavra para atender fins comunicativos, sobretudo dos grupos socioculturais. Por essa razão, há cada vez mais essa preocupação com o aprendizado do aluno. Antunes (2012), ao se referir ao processo dinâmico das coisas do mundo, afirma que:

Tudo muda; tudo está em processo de definição e redefinição; até mesmo as concepções que temos das coisas. Consequentemente, a língua é instável e invariável, ajustando-se a cada contorno sociocognitivo dos contextos em que têm lugar as ações de linguagem que empreendemos (ANTUNES, 2012, p. 28).

Portanto, o ensino da língua precisa considerar a dinâmica da vida, dos acontecimentos, do contexto ao qual o aluno está inserido e precisa do domínio da língua para interagir e acessar conhecimento.

Essa dinâmica dos elementos estruturais da língua precisa ser inculcada na mente do aluno. Ele precisa passar por um processo de aprendizagem que o leve a perceber essas possibilidades que a língua dispõe.

A BNCC (2018) traz orientações que permitem o estudo das variações linguísticas no campo da “análise linguística/semiótica”, considerando o “objeto de conhecimento”: “variação linguística” e as habilidades pretendidas pelo aluno. Vejamos:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (BRASIL, 2018, p. 161).

Estas são algumas orientações presentes em documento oficial que possibilitam adentrar ao estudo mais significativo da palavra, no entanto, percebemos que o professor

individualmente não consegue atender, precisa de apoio didático, precisa que seja um projeto da escola como um todo, pois do contrário o ensino se prenderá ao livro didático apenas.

De acordo com os pressupostos de Antunes (2012), é necessário considerar o contexto de uso de uma palavra para que haja entendimento. O sujeito falante está inserido em um contexto social, em uma cultura por isso a palavra assume novos sentidos, além da significação dicionarizada.

O ensino de língua portuguesa ou de qualquer língua precisa considerar o aspecto dinâmico da língua e do ser humano, a vivacidade da palavra e capacidade de adaptação ao contexto social no qual o processo comunicativo ocorre. Nesse contexto, é necessário que o docente tenha como suporte para o ensino do léxico o contexto sociocultural do aluno.

Partindo desse pressuposto, acredita-se que o léxico dos seringueiros tem muito a contribuir com a leitura de um texto literário regional, no entanto é preciso instrumentalizar os professores, acreditamos que o uso de glossário regional poderá tornar as atividades de leitura mais significativa para os alunos.

Os estudos lexicais com propósitos descritivos da memória, costumes, relações sociais e registro de vocabulário de determinado grupo social fornecem à língua novos sentidos e outras possibilidades de construções semânticas a partir da alteração do signo linguístico decorrente do meio social em que o ato comunicativo se realiza.

Como destacamos, esta pesquisa está fundamentada no estudo do léxico e sua relação com a linguagem regional, especialmente no contexto do seringal no Acre, registrado nas poesias de João Vieira de Souza, em sua obra “Vida do Seringueiro” e na poesia “A saga do seringueiro”, de Manoel Passos, as quais são fonte inesgotável de termos referente ao trabalho dos seringueiros na extração, produção e comercialização da borracha no Acre.

Esses autores registraram suas memórias e experiências de trabalho nos seringais através do gênero poesia, trazendo em seu bojo uma diversidade de termos que precisam ser compreendidos pelos alunos, como resgate e valorização léxico-cultural. Aqui, aplicaremos a proposta em uma turma do nono ano do Ensino Fundamental II, em uma escola pública do município acreano de Sena Madureira.

#### **4.1 Como se deu a escolha do gênero poesia para abordar o léxico**

Escolhemos textos poéticos regionais para seleção e a abordagem do léxico regional em sala de aula como instrumento didático da pesquisa para desenvolver essa proposta de intervenção porque é um gênero proposto pela BNCC (2018) que pauta as orientações para o

ensino da língua partindo do texto. Através desta proposta de atividades que estamos implementando, queremos que o aluno possa estabeleça uma relação do texto com o contexto de produção, seja histórico, social, regional, tecnológico e seu cotidiano. A fim de que a leitura se torne mais significativa e as palavras compreendidas no seu uso comunicativo expreso no texto.

A BNCC (2018) orienta sobre a leitura as estratégias de leitura que devem ser adotadas em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental, que o aluno deve:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2018, p. 187).

De acordo com a BNCC, a variedade de gêneros e suportes textuais é um desafio para formação de leitor autônomo. Por isso, o professor precisa propor atividades que possibilite o aprendizado, não só da língua em si, mas a partir do domínio da mesma, a fim de que o aluno se desenvolva intelectualmente em todas as dimensões. Além disso, os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, em vigor até 2018, postulavam que:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos [...]. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, construindo formas relativamente estáveis de enunciados disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: conteúdo temático: o que é ou o que pode tornar-se dizível por meio do gênero; construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor (BRASIL, 1998, p. 21).

Compreendemos que o trabalho com o gênero em sala de aula pressupõe conhecer sua estrutura, função e conteúdo, considerando a intenção comunicativa e o contexto de produção. Reforçando as concepções do ensino com um olhar para os diversos gêneros textuais, a nova BNCC (2018) reafirma a importância do gênero textual para o ensino da língua a partir do texto. Vejamos:

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerados a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das

linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas (BRASIL, 2018, p. 67).

Perceber esses detalhes do gênero é a condição para o desenvolvimento de habilidades de leitura em sala de aula. Ainda sobre gênero, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* traziam em seu bojo o seguinte entendimento:

A noção de gênero refere-se assim, a família de textos que compartilham características comuns, embora heterogênea, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, existindo em número quase ilimitado (BRASIL, 1998, p. 22).

Mesmo os textos partilhando características comuns, devemos entender que cada gênero de sua identidade linguística, seja no estilo de abordagem ou no conteúdo, isso faz com que a escola venha, nos últimos anos, planejando atividades partindo do estudo do gênero textual. Por esse motivo, há insistência para que atividades sejam implementadas em sala de aula, bem como aponta para necessidade do docente em proporcionar uma mediação tendo o gênero textual como ponto de partida para a leitura.

Outra observação relevante que os *Parâmetros Curriculares Nacionais, em vigor até 2018*, destacavam e que vale ressaltar nesta pesquisa diz respeito ao gênero textual como objeto de ensino, vejamos:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencente a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, as diversidades de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas (BRASIL, 1998, p. 23).

Inferimos daí, que o ensino de língua portuguesa precisa focar as atividades no trabalho com o gênero para desenvolver capacidades de leitura. Nesse sentido, e considerando a diversidade de gênero, Souza (2018, p. 62) diz que essa diversidade de gênero textual “dá suporte ao professor para desenvolver um trabalho em todos os âmbitos do ensino da língua, na leitura, na interpretação e na produção textual”. Portanto, não restam dúvidas de que é necessário implementar propostas de atividades que o professor de língua portuguesa possa utilizar em sala de aula e atinjam resultados positivos para o aluno.

## 4.2 Por que a escolha de texto literário regional

A falta de propostas didáticas e metodológicas para abordar o léxico e as memórias descritas em poesias e obras de arte referentes ao período histórico da extração de seringa nos seringais acreanos representa um desafio para os docentes de língua portuguesa. Conhecer a linguagem regional possibilita uma melhor interpretação e compreensão de um texto de literatura regional.

Além disso, a escolha do texto literário de temática regional é porque permite ao aluno o contanto com a história, a cultura e a memória da região a partir do texto literário. Também se deu por sua relevância para o estudo e ensino do léxico referente ao contexto sociocultural do seringal, tendo como *corpus* poesias de autores regionais, que retratem as relações sociais no seringal no processo de extração e comercialização do látex, focando no uso da linguagem e nas nomeações específicas, o que torna a linguagem referente ao trabalhador seringueiro, uma linguagem de especialidade.

Além disso, justifica-se também pela necessidade dos estudantes acreanos, sobretudo do Ensino Fundamental II, conhecerem o léxico referente a um período significativo da história do Acre que contribuiu para a formação de um falar peculiar que precisa ser estudado e analisado do ponto de vista da pesquisa.

Por essa razão, a poesia é o gênero que melhor aborda a temática regional, pois é produto da criatividade e experiência de vida do poeta, revelando seu olhar sobre a história, o homem e o meio. Além disso, há poucos registros de trabalhos acerca desse assunto com foco didático, por essa razão, esta pesquisa pretende contribuir com propostas didáticas e metodológicas para colaborar com o professor e com a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental II.

Portanto, entende-se que o ensino do léxico acreano referente ao contexto sociocultural do seringal aos alunos do ensino fundamental II, apresenta-se como uma oportunidade de descobrimento da identidade linguística que constitui a linguagem peculiar formada a partir das relações sociais, tradicionais, culturais, econômicas vivenciadas nos seringais acreanos, o que contribuiu para o surgimento de várias obras literárias, como romances, contos, poesia, música, teatro, etc. Nosso recorte concentra-se somente na poesia que aborda o tema seringal e suas características.

### 4.3 Por que escolher autores locais como João Vieira de Souza e Manoel Passos

A escolha da obra de João Vieira de Souza, morador da zona rural, hoje trabalha como agricultor no município de Plácido de Castro se deu por ele ser um ex-seringueiro que cortou seringa durante 40 (quarenta anos) e vivenciou o período áureo de produção de borracha no Acre, sendo uma testemunha viva de toda rotina e atividades desenvolvidas no seringal, com maestria ele registrou um pouco de sua experiência no poema *A vida do seringueiro*, objeto de estudo dessa pesquisa-ação. Ele é um poeta popular, nascido em Manaus em 1921.

Por isso, seu texto é carregado de experiência de vida, evidencia o modo de vida dos seringueiros e o contexto social dos mesmos, é também autobiográfico, de denúncia social e de registro histórico. Utiliza uma linguagem simples, mas repleta de significados e criatividade. Para quem viveu e trabalhou nos seringais a obra é saudosista, pode-se concluir que “a vida desse poeta é a vida de todo um povo que vive no meio da mata”.

Também, há no seu pequeno livro *Vida do Seringueiro*, além do estilo poético cordelista, evidenciado pelo ritmo e melodia do texto, fruto de árduo trabalho com a linguagem, há uma diversidade de termos regionais, o que facilita a abordagem do léxico, também há utilização de ilustrações com obras de arte, fazendo uso da linguagem não-verbal, o que complementa o sentido dos textos.

A escolha do texto do poeta Manoel Passos, morador do município de Sena Madureira – Acre, denominado *A saga do Seringueiro*, se deu porque ele é ex-seringueiro, soldado da borracha, músico e poeta. Ele nasceu no interior do Estado do Pará em 1922, no município de Tiboteua, próximo a Belém. Veio para o Acre, acompanhado de seus pais, no navio Rio Madeira, em 1927 com dois anos de idade. De Manaus vieram direto para Sena Madureira, acompanhado do patrão de seus pais, Major Alcântara, e foram trabalhar no seringal Porongaba, colocação Pedrinha no rio Iaco.

Manoel Passos da Silva criou-se no seringal, aprendeu o ofício da extração de látex, com a primeira crise da borracha, seus pais vieram para a cidade de Sena Madureira, mas Manoel foi para o seringal Guanabara cortar seringa, como meeiro, uma vez que não tinha uma colocação somente para ele. Neste seringal, casou-se, teve seis filhos e ficou viúvo. Casou-se novamente com dona Odicéia Roberto da Silva, com a qual vive atualmente e tiveram 13 filhos, atualmente 11 filhos de Manoel estão vivos.

Trabalhou também no seringal Amapá, também no rio Iaco. Ele era tocador de sanfona (acordeon) nas festas do seringal, gostava muito de dançar também. Ele parou de tocar e dançar nas festas do seringal depois que dona Odicéia o proibiu, nas palavras dela: “dei uma



ordi pra ele não dançar mais nas festas”. Veio para Sena Madureira em busca de estudo para os filhos. Como cidadão madureirense, título dado a ele pela Câmara de vereadores do município, trabalhou em oficina produzindo utensílios para os seringueiros como: balde, cabrita, tijelinas etc. Também foi marreteiro (regatão) no rio Iaco, comprando borracha e vendendo mercadoria no seu batelão.

Ele contou em entrevista realizada dia 09 de julho de 2019, em sua residência, que sua habilidade como tocador facilitou a composição das poesias. Ele tem várias poesias sobre diversos temas, mas as que ele mais gosta de recitar e de ouvir são as que tratam da vida no seringal, segundo ele, ainda chora quando lembra, pois sente muita saudade. Seu texto é um retrato fiel do cotidiano dos trabalhadores seringueiros na época dos seringais ativos. Além da temática, há no texto várias palavras que surgiram dessa relação de trabalho na produção de borracha nos seringais acreanos.

Mesmo não sendo escritores renomados, o texto desses autores são ímpares, utiliza o estilo de cordel, uma linguagem bem simples, mas enraizada nos falares dos seringueiros e na linguagem regional. Essas características permitem a criação de momentos de leitura e estudo do léxico, além de revelar o estilo de vida dos seringueiros no período de ascensão e queda da economia da borracha no Acre, através do conteúdo do poema. Por esses motivos é que optamos por adotar esses dois autores, praticamente anônimos, para propor as atividades desse trabalho.

Temos na poesia desses autores o *corpus* que iremos nos debruçar e planejar atividades que promova o estudo do léxico como forma de ampliar a compreensão do léxico regional contexto do seringal e do trabalho dos seringueiros. Enfatizamos que há outros autores renomados e reconhecidos pela crítica literária que escreveram sobre o seringal e os seringueiros, com muito mais complexidade discursiva e estilo como é o caso de *Terra Caída*, de José Potiguara, *A Selva*, de Ferreira de Castro, *Seringal*, de Miguel Ferrante, *Enredos da Memória*, de Florentina Esteves, *O Rio Comanda a Vida*, de Leandro Tocantins entre tantos outros autores renomados.

Também há várias músicas, como *Os Cantares do Seringueiro*, de Amâncio Leite, entre outras tantas composições que têm imprimido em seus versos os falares do seringueiro, só pra citar alguns, portanto, temos uma vasta produção de textos que trazem em seu bojo o léxico do seringueiro. Todas estas obras abordam temas ligados ao modo de vida dos seringueiros e trazem uma rica contribuição para o léxico da região. Porém, entre tantas opções, escolhemos esses anônimos trabalhadores seringueiros e poeta de suas vidas.

#### 4.4 A proposta de intervenção

A falta de propostas didáticas e metodológicas para abordar o léxico e as memórias descritas em textos de diversos gêneros, poesias e obras de arte referentes ao período histórico da extração de seringa nos seringais acreanos representa um desafio para os docentes de língua portuguesa. O ensino de língua portuguesa atualmente enfrenta o desafio de tornar o aluno proficiente. Por isso, o trabalho com o léxico feito de uma forma contextualizada, planejada para envolver os alunos na descoberta semântica dos vocábulos contribui para que se tenha uma aprendizagem significativa da língua materna.

A vivência cultural humana está sempre voltada em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, língua é uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade” (MARCUSCHI 2008, p. 163).

Não se pode artificializar o ensino de língua portuguesa, mas possibilitar o acesso aos diversos modos de manifestações de gêneros textuais, caso contrário, produzirá um distanciamento desse relacionamento com a linguagem, isso dificulta a construção de conhecimento.

O aluno, em contato com diferentes gêneros textuais precisa descobrir o prazer de ler, interpretar, descobrir ideias nos textos e construir as próprias. Segundo Dolz e Schneuly (2004), “colocar os alunos em situações de comunicação que sejam as mais próximas possíveis de verdadeiras situações de comunicação, que tenham um sentido para eles, a fim de melhor dominá-las”. Nesse sentido, buscaremos abordar o ensino da língua portuguesa a partir do lugar onde o aluno está inserido, educando o seu olhar e sua leitura.

O ensino léxico-semântico da língua portuguesa é cada vez mais necessário nas escolas, sobretudo no ensino fundamental. O legado lexical construído e deixado no período de exploração de látex para produção de borracha no Acre precisa se tornar objeto de estudo nas escolas, pois atualmente há muito material produzido, porém circula no âmbito da academia.

Por isso, é preciso agrupar essas palavras e utilizá-las para construir conhecimento nas escolas, ou melhor, descobrir com os alunos os seus sentidos. Por isso, o ensino do léxico deve considerar que a lexicalidade de uma língua reflete diferentes momentos históricos de um povo e que precisa ser ensinado a partir de tal aspecto.

Biderman (2001, p. 179) defende que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades”. Por

isso, o léxico deve ser analisado a partir do contexto de uso da palavra, pois dessa relação nasce seu aspecto semântico. Essas palavras encontram-se nos textos poéticos. E por esse diapasão, a poesia regional revela a experiência ou até mesmo a saga de determinados grupos sociais, como é o caso dos trabalhadores seringueiros. O conteúdo da literatura regional, seja poesia, conto ou romance mostra esse acervo cultura através da linguagem e da composição literária.

#### **4.4.1 Dados Gerais da Proposta e Procedimentos**

##### **Sequência de atividades da proposta de intervenção**

**a) Série:** 8º ano – Ensino Fundamental II

**b) Número de alunos:** 30

**c) Quantidades de aulas:** 30h/a

#### **I – OBJETIVOS**

Esta proposta de atividade para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Assis Vasconcelos tem os seguintes objetivos:

1. Construir o conceito de léxico e de léxico regional;
2. Promover o estudo do léxico regional, em sala de aula, referente ao vocabulário do seringal, formado a partir das atividades de produção de borracha pelos trabalhadores seringueiros;
3. Identificar as lexias utilizadas nos textos selecionados e apreender o significado a partir dos recursos textuais, respeitando os limites do texto;
4. Construir um glossário do léxico regional do grupo de trabalhadores seringueiros presentes nos textos selecionados para a realização da atividade;
5. Produzir objetos, instrumentos de trabalho e espaços que compõem o cenário do seringal e identificar com o referido nome feito pelos alunos durante a elaboração do glossário;
6. Apresentar os resultados da proposta de atividades aplicada aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II para a escola como culminância do projeto e da proposta de intervenção.

## II - CONTEÚDOS

1. Língua, Linguagem;
2. Estrutura e formação de palavras;
3. Léxico, semântica e linguagem de grupo;
4. Léxico e linguagem regional;
5. Léxico da seringa;
6. Glossário, vocabulário e verbetes;
7. Ciclos da borracha e contextualização histórico-social do seringal e do trabalhador seringueiro no Acre;
8. Contextualização histórica da expressão: “Soldado da Borracha”.

## III - SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

### 1º Momento (3 horas)

Identificar o conhecimento prévio dos alunos acerca do conteúdo que será estudado, por meio do seguinte questionário:

- a) Qual a diferença entre língua e linguagem?
- b) Que papel a linguagem desempenha no processo de comunicação e interação entre os falantes da língua?
- c) O que caracteriza um grupo de falante de especialidades?
- d) Por que os trabalhadores seringueiros são considerados um grupo de falantes de especialidades?
- e) Que grupo de falantes de especialidades estudaremos?
- f) O que estudaremos desse grupo de falantes?
- g) Em que região e Estado estão localizado esse grupo de falantes?
- h) Faça um desenho representativo do grupo de falantes seringueiros que caracterize o seu modo de vida, suas atividades no seringal, seu local de trabalho, seus instrumentos ou seus objetos.

Após a conclusão, os alunos entregarão ao professor a folha de respostas, após análise, será feita a mediação com os esclarecimentos necessários para alcançar os objetivos da atividade.

**2º momento (2 horas)**

Contextualização histórica e interdisciplinaridade com a disciplina de história.

- a) Foi exibido o documentário Amazônia: Soldado da borracha, disponível no site <https://www.google.com/search?q=video+soldado+da+borracha&oq=video+soldado+da+bo>;
- b) A professora de história Altaíza Liane Marinho<sup>3</sup> conduziu o debate acerca do documentário;
- c) Foram utilizadas, também, algumas imagens em slide para ilustrar a contextualização histórica desses trabalhadores;
- d) Foi realizada uma avaliação oral (debate) para verificar o entendimento do assunto.

**3º Momento (3 horas)**

Exposição e explicação dos conteúdos selecionados. Foram utilizados slides e debate com a turma para abordar esses conteúdos. Para avaliar fizemos os seguintes questionamentos:

1. O que significa a semântica de uma palavra?
2. O que você entende por neologismo?
3. O que significa vocabulário do seringueiro?
4. O que significa a expressão “soldado da borracha”?
5. O que é um glossário e qual sua função?
6. Onde encontramos a linguagem do seringueiro com mais frequência atualmente?

Após análise das respostas dos alunos, o professor fará as intervenções necessárias a fim de sanar possíveis dúvidas dos alunos, a fim de se chegar ao consenso e domínio do assunto.

---

<sup>3</sup> A professora de história Altaíza Liane Marinho possui Graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (2013), tem Mestrado em Letras - Linguagem e Identidade - UFAC (2016). Tem experiência na área de História e Estudos Culturais. Atuou como Professora substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC 2016 – 2018. Atualmente é professora do Ensino Fundamental e Médio da Escola Estadual Assis Vasconcelos em Sena Madureira.

**4º Momento (4 horas)**

Apresentar a biografia de Manoel Passos da Silva e seu o poema “A saga do seringueiro”, bem como realizar a leitura do mesmo. Para isso adotamos os seguintes procedimentos descritos abaixo:

- a) Fazer um resumo da biografia de Manoel Passos da Silva e apresentar aos alunos em slides;
- b) Formar quatro grupos e distribuir o texto “A saga do seringueiro” para o líder de cada grupo. O objetivo é fazer a leitura do texto. Para isso, será dado um comando para discussão, indagando sobre o assunto, o contexto e a linguagem;
- a) Distribuir para cada grupo seis palavras retiradas do texto para que eles a identifique e destaque no texto a partir da litura.
- b) Em seguida buscar o sentido das palavras no texto, considerando o contexto de uso. Após a definição de cada palavra, pedir para os alunos iniciar a construção do glossário, seguindo as orientações estruturais e colocando os verbetes em ordem alfabética, utilizando a estrutura: verbe = palavra entrada + definição gramatical + conceito + contexto de uso + exemplos.
- c) Socializar na turma os resultados da atividade e entregar a atividade escrita para o professor;
- d) Realizar análise semântica e polissêmica das palavras selecionadas pelos alunos e contextualizar os itens destacados com linguagem de especialidades e a linguagem regional;
- e) Exibir o vídeo com recitação da poesia “A saga do seringueiro” pelo autor Manoel Passos.

**5º Momento (4 horas)**

Apresentar a biografia de João Vieira de Souza e trabalhar com o seu poema “A vida do Seringueiro”, identificar e construir o glossário do texto. Para alcançar esse objetivo, realizamos as seguintes atividades:

- a) Apresentar biografia resumida de João Vieira de Souza e o livreto onde o texto está publicado;
- b) Feita a leitura e a discussão em sala, reunir os quatro grupos, pedir que os alunos passem as palavras destacadas anteriormente para o caderno para iniciar a elaboração do glossário colocando os verbetes em ordem alfabética, obedecendo a seguinte

estrutura: verbete = palavra entrada + definição gramatical + conceito + contexto de uso + exemplos;

- c) Receber a produção do glossário para as devidas intervenções;
- d) Reescrever o glossário e fazer os ajustes necessários;
- e) Socializar na turma o glossário elaborado e socializar como foi a experiência de leitura e da realização da atividade.

### **6º Momento (2 horas)**

Construir glossário do texto “Pai nosso do Seringueiro”, de Jaime da Silva Araújo, localizado na primeira página do livro Vida do Seringueiro.

- a) Escrever o texto no quadro e pedir que os alunos copiem no caderno;
- b) Fazer a leitura do texto, tecer alguns comentários acerca do contexto de produção;
- c) Construir o glossário das palavras selecionadas: leite; borracha; prensa; caixa; regatão.
- d) Esclarecer que os vocábulos: prensa e caixa surgiram quando a borracha deixou de ser defumada e passou a ser prensada, a partir do final do segundo ciclo da borracha.

### **7º Momento (3 horas)**

Identificar objetos de uso do seringueiro como instrumento de trabalho presentes no texto de imagem pintado por Hélio Melo<sup>4</sup> que ilustra o poema na p. 37 do livro Vida do Seringueiro.

- a) Distribuir a pintura de Hélio Melo que ilustra o poema Vida do Seringueiro e fazer a leitura de imagem com os alunos;
- b) Reunir os quatro grupos e distribuir as palavras referentes a cada objeto presente na imagem e pedir que os alunos identifiquem numerando cada palavra conforme a imagem correspondente, pois os objetos estão numerados na pintura. Socializar com a turma e fazer as devidas intervenções para concluir a atividade.
- c) Construir maquetes com os objetos da imagem, pesquisar na comunidade alguns objetos que podem ser trazidos para exposição;
- d) Selecionar as palavras: estoupa, tijelinha, capanga, bandoleira, tubiba e saco, em seguida pedir que cada aluno busque o sentido observando as imagens e utilizando as

---

<sup>4</sup> Hélio Melo (1926-2001) foi um seringueiro que se tornou um grande artista plástico, músico e poeta. Era autodidata, só cursou até a 3ª série primária. Nasceu e viveu no seringal por muito tempo, vivenciou o cotidiano do seringal em todas as dimensões e intensidade. Destas experiências nasceram obras de arte reconhecidas internacionalmente retratando e valorizando o modo de vida e a cultura e a luta dos seringueiros na Amazônia.

informações já adquiridas sobre o assunto e façam o glossário destas palavras. O professor deve fazer as intervenções necessárias para definição e estruturação do verbete.

### **8º Momento (3 horas)**

Fazer uma pesquisa na comunidade sobre os componentes do defumador de látex ou *tapiri* descrito no texto de Imagem de Hélio Melo na p. 39 do livro *Vida do Seringueiro*.

- a) Distribuir a imagem do defumador pintada por Hélio Melo;
- b) Os alunos serão convidados a fazerem uma pesquisa na comunidade a fim de descobrir o nome dos objetos numerados na imagem que compõem o defumador e anotar para posterior construção do glossário;
- c) Elaborar o glossário;
- d) Socializar a pesquisa e o glossário na sala de aula.

### **9º Momento (5 horas)**

Construção do defumador na escola para exposição do glossário, tendo como suporte os objetos construídos pelos alunos, os objetos emprestados pela comunidade para expor e o defumador construídos pelos alunos com ajuda da comunidade.

- a) Construir um defumador na escola com ajuda dos alunos e da comunidade para expor o glossário e todos os objetos confeccionados e trazidos pelos alunos para exposição.
- b) Construir os objetos que compõem o defumador e identificar com o glossário;
- c) Listar e organizar os objetos conseguidos na comunidade para a exposição com seus respectivos glossários

### **9º Momento (3 horas)**

Exposição do trabalho na escola

- a) Preparar o ambiente temático para a apresentação do vocabulário do seringueiro na escola. Caracterizar a sala de aula, alunos caracterizados de seringueiro e mulher seringueira; expor os objetos e instrumentos de trabalho do seringueiro e seus respectivos glossários, colocar som ambiente na sala, espalhar folhas secas no piso para simular a floresta, use a criatividade.



- b) A apresentação foi realizada em dois espaços: sala temática e o defumador localizado no pátio da escola. A apresentação para os visitantes se iniciou pela sala temática, onde os alunos e visitantes conheceram a história, os instrumentos de trabalho, o glossário de algumas palavras e sentirão o ambiente de floresta.
- c) Prepara o defumador construído para visitação com os objetos confeccionados e identificados em forma de glossário e o grupo de alunos responsáveis pela apresentação do espaço e do glossário correspondente;

Ressaltamos que no defumador devem estar todos os objetos reunidos para a exposição, bem como os alunos estarão responsáveis em apresentar cada objeto, cada parte que compõe o espaço de produção de borracha defumada e falar da linguagem regional, do contexto histórico, do grupo de falantes seringueiros e da importância de conhecer o vocabulário falado pelos seringueiros.

#### **10º Avaliação (3 horas)**

- a) Em sala de aula colher relato dos alunos sobre a experiência de participar do projeto e do aprendizado que adquiriam com as atividades.
- b) Organizar um glossário geral com palavras selecionadas dos textos trabalhados e da pesquisa dos alunos, organizar em ordem alfabética para se tornar um instrumento para as pessoas conhecerem o vocabulário dos seringueiros;
- c) Reunir com a coordenação da escola e com os professores que contribuíram com o trabalho para avaliar também a importância e relevância do trabalho para a escola.
- d) Fazer o relato da exposição dos trabalhos, sua relevância, resultados alcançados na aprendizagem dos alunos, contribuições para a escola e para o ensino da língua portuguesa e concluir os trabalhos.

#### **IV - TEXTOS DE SUPORTE PARA DESENVOLVER A SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES**

##### **Texto 01**

**A Saga do Seringueiro no Acre**  
Manoel Passo da Silva

Amigo escute, preste bem atenção

O que é que eu vou contar no tempo dos  
patrão,  
A vida dos seringueiros nas suas colocação.

Naquele tempo era uma grande alegria  
 Porque o seringueiro tinha valor  
 E o produto que ele fazia.  
 Era o ouro do Amazonas  
 Que todo mundo vivia.

Morei 60 anos em Guanabara e Amapá  
 Lá tinha muita fartura de Pirarucu e Jabá,  
 Até a farinha d' água era importada do  
 Pará.

Comecei a cortar seringa com 14 anos de  
 idade  
 Cortei 18 anos no tempo de minha  
 mocidade  
 Hoje só resta lembrança, da seringa tenho  
 saudade.

Saía de madrugada enfrentando a surucucu  
 A cobra jararaca e a onça canguçu  
 O grito da raposa e o ruído do Janaú.

Quando o dia vinha amanhecendo  
 Esturrava o Jacamim  
 O grito do Jacu  
 E o rasgo do cujubim  
 O ronco do capelão  
 E o bufado do porquim.

Quando dava 8 horas  
 Apitava a nambú azul  
 O grito do macaco zogue  
 O canto do uirapuru  
 A carreira da cutiara  
 E o pulo do quatipuru.

Seringueiro dormia pouco,  
 Saía de madrugada  
 Porque era obrigatório  
 Dar dois rodos na estrada,  
 Ele não se incomodava muito  
 Com o esturro da onça pintada.

Ele usava seu rifle na bandoleira,  
 O seu balde na mão  
 A cabrita e a raspadeira  
 A poronga na cabeça  
 Para alumiar as seringueira.

Quando dava 11 horas,

O corte da estrada ele fechava  
 Na boca da estrada  
 E ali ele sentava,  
 Arrastava uma boa farofa  
 E ali ele almoçava.

A água que ele bebia  
 Era num cano de taboca,  
 Então fazia uma cuinha  
 De folha de sororoca.  
 Discia pra um garapezim  
 Onde tivesse uma barroca.

Quando ele chegava de tarde  
 Gritava pra mulher  
 Faz aí um copo de leite  
 E mistura com café  
 Que eu vou tomar um banho  
 Na água do garapé.

Despejava o leite na bacia  
 Ali não tinha sujeira  
 Botava fogo na fonalha  
 Bem debaixo da fumaceira,  
 Uma casinha enfeitada de palha  
 Tirada da palheira.

O cavaco era partido  
 Espécie de uma fatia  
 Com a cuia na mão  
 E o leite na bacia  
 O saco difumado  
 Pra ir de novo no outro dia.

Tinha colocação  
 Que cabia quatro meeiro  
 Começava no mês de abril  
 E ia até o mês de janeiro  
 Defendia o mês de setembro  
 Pra descanso dos seringueiros.

Quando dava no começo do mês  
 Chegava a aviação  
 Ali vinha de tudo  
 A mandado do patrão,  
 Pirarucu e jabá  
 Arroz e o feijão.

A borracha era transportada  
 Em costa de animal,

Usavam a cangaia  
Feito de gancho de pau,  
Dava quatro viagens no mês  
Conforme o seringal.

Quando dava no fim do ano  
Todo mundo pra margem saía  
A espera do navio  
Com muita mercadoria,  
Pesar sua borracha  
Que no correr do ano fazia.

Quando se reuniam  
Era aquela animação  
Porque o saldo era pago  
Em cima do balcão  
Seguia a conta corrente  
Extraída pelo patrão.

Muitos seringueiros  
O rio resolvia baixar  
Uns pra Manaus  
Outros pro Ceará  
Visitar sua família  
Que morava naquele lugar.

Quando voltava  
Pra suas colocação  
Começava o novo traço  
No verão,  
Roçar suas estradas  
Na maior animação.

Quando iam entrando  
Na maior alegria,  
Que o patrão tinha dinheiro  
E muita mercadoria  
Pra não faltar nada  
Pra sua freguesia.

Seringueiro chegava numa festa  
Parecia um coronel  
Nos pés um bom sapato  
Na cabeça um bom chapéu,  
Vestido num paletó  
E no dedo um bom anel.

Ele usava um relógio  
De algibeira  
Quando caía na festa

Dançava a noite inteira  
Quando dava de madrugada  
Ainda dançava a saidêra.

Passava a noite  
Na maior alegria  
Porque tinha muita mulher bonita  
E o safoneiro sofria,  
Só parava de dançar  
Ao amanhecer do dia.

Quando ele saía  
Uma salva de tiro ele dava  
Com o seu 44 era a arma que ele usava  
O dono da casa respondia  
Porque bala tinha que sobrava.

A festa de São João  
Dançava a noite inteira,  
Quando dava de madrugada  
Tinha muita brincadeira  
Todo mundo passando fogo  
Na cinza da fogueira.

São João disse, São Pedro confirmou  
Nós haveremos de ser cumpadi  
Que o nosso Senhor mandou  
Na tristeza e na alegria  
E no espaço do amor.

A festa era animada  
Por sanfona e violão,  
Uns batia no fundo de um balde  
Outros no fundo de um caixão,  
Passava a noite toda  
Na maior animação.

E aí meu amigo  
Acabou sua animação  
Entrada do sulista no Acre  
Fazendo a maior confusão  
Expulsando os seringueiro  
Das suas colocação.

E o patrão crescia os olhos  
Na quantidade de dinheiro  
Vendia os seringais  
Expulsando os seringueiros  
Quem não tinha pra onde ir,  
Ia tudo para o estrangeiro.

Mandaram fazer logo  
Um campo de aviação  
Tinha 80 motosserras  
Pra fazer a devastação,  
Seringueiro ia pra Bolívia  
Que maldita situação.

Ao redor do seringueiro  
Metiam uma derrubada  
Derrubava as arvores de seringa  
Ali não ficava mais nada  
Seringueiro caladinho  
Senão levava pancada.

## Texto 02

### A vida do seringueiro

João Vieira de Souza

A Vida do Seringueiro  
Estamos apresentando uma poesia  
Pra seringueira ofertar,  
Pois no ronco do motosserra  
Elas vão se acabar,  
E no grande fogo  
Em cinza se transformar.

Os ricos se esqueceram  
Que o verde da bandeira  
É a FLORESTA BRASILEIRA.  
Eu te dou alimentação,  
Mas do pouco que você tira  
Três quarto é do patrão  
[...]

Se o seringueiro é esperto  
Faz borracha e plantação,  
Compra pouca mercadoria  
Tem saldo no barracão.  
O patrão se faz de amigo  
Prá tramar a traição.

O patrão ganha dinheiro  
E vive com regalia.  
Passeia por onde quer,  
Na cidade todo dia.  
Enquanto o seringueiro  
Sofre com a tirania.

Os filhos do Seringueiro  
Nem se quer conhecem um pão.  
Dinheiro eles nunca viram,  
Nunca pegaram num tostão.  
Só conhecem bicho do mato  
E o ronco do capelão.

O pobre do Seringueiro  
Sai nas madrugadas frias.  
Enfrentas as onças no mato  
Do patrão a carestia.  
Enfrenta cobras venenosas  
E não conhece a sua valia.

A mulher quase despida,  
Os filhos dormem no chão.  
E se ele adoecer  
Não vai nem no barracão,  
Prefere morrer a míngua  
Com medo do seu patrão.

O patrão não reconhece  
Que ele rouba demais.  
Rouba na mercadoria.  
E na borracha ele é assim,  
Maltrata o seringueiro,  
Como Miguel a Satanás.

O pobre não tem direito,  
Nem se quer de reclamar,  
Porque o patrão se engrandece  
E começa a esculhambar.  
Diz: “Você é preguiçoso,  
E não gosta de trabalhar!”

Ele fica cabisbaixo  
Não sabe se defender  
Nem conhece seus direitos,  
Nem tem para onde correr.  
Se ele bancar valente  
Segue preso ou vai morrer.

As vezes sai de manhã  
Sem ter ao menos o café.

Se ele faz pouca borracha,  
É tratado com má fé.  
Só come os rebotalhos  
Que nem o diabo quer.

Roupa boa é pro gerente  
Que anda todo bonitão.  
Só ele quem é sabido  
Puxa o saco do patrão.  
Come à custa do Seringueiro  
E não conhece a razão.

Jabá boa é pro gerente  
Prá temperar seu feijão.  
Come farinha de trigo;  
Come queijo e macarrão.  
Enquanto o seringueiro  
Só lhe toca podridão.  
O patrão tem direito  
Que só barão do império.  
Com o dinheiro compra tudo,  
Parece até um mistério.  
Enquanto o Seringueiro  
É baixado o seu critério.

Havia seringalista  
Que era bem bagunceiro.  
Com a cara muito cínica  
Agradava o seringueiro.  
Violava a mulher dele  
E nem lhe dava dinheiro.

Quando o bicho era sabido  
O patrão lhe odiava.  
Vinha com conversas loucas  
Pra ver se o conformava.  
Assim fizeram comigo  
E quase que me pegaram.

As vezes não tem um cartucho  
Para uma caça matar.  
Não tem uma lata de leite  
Para o seu filho tomar.  
Um corpo fraco e com fome  
Não pode se levantar.

Eu comparo o seringueiro  
Com os negros africanos.  
Que dormiam na senzala  
Sem ter direito de um pano.

Nem direito de família  
Nem do pão cotidiano.

O Seringueiro veste estopa,  
A mulher veste murim.  
Dorme na carapanã  
Quando o patrão é ruim.  
Se reclamar leva peia  
E sua vida toma fim.

Eu digo e posso afirmar  
Que seringal foi cativoiro.  
Isto deixou um mancha  
Em nosso País brasileiro,  
Porque as autoridades  
Não olham pro Seringueiro.

Ainda hoje o governo  
Não olha pros explorados.  
Somente os patrões  
São de honra coroados.  
Não podem perder o time  
E nem ser desmoralizados.

O que foi que aconteceu  
Com os pobres dos arigós,  
Que o governo controlou  
E mandou pros cafundós,  
Recebendo do patrão  
O que o diabo injeitou.

Isto foi uma mancha  
Que ficou em nossa floresta.  
Os defensores da nação  
Sofrerem uma coisa desta.  
Morriam e o patrão dizia:  
“Este povo é que não presta!”

Veio gente de todo estado,  
Inclusive do Ceará,  
Deixando esposa e filhos  
Na esperança de voltar.  
Deixaram seu lar querido  
Prá vir aqui se acabar.

Vieram recomendados  
E com toda garantia.  
Morrer nas mãos dos patrões  
Debaixo da tirania.  
Massacrados do maltrato

E também de epidemia.

O governo não puniu  
Nem cumpriu o seu contrato.  
Quando a guerra acabou  
Acabou também o pacto.  
Alguns morreram na estrada  
Se acabou dentro do mato.

Os patrões do Ituxi  
Possuíam jagunçada.  
Matavam seringueiro  
Como quem mata queixada.  
Lá em cada seringueira  
Havia uma alma trepada.

Tinha um tal de Freitas  
Que de lá era o patrão.  
Tinha um capanga Chá-Chá,  
O gerente era o Galvão.  
Tinha o Camilo Morato,  
Que também era mandão.

Eram quatro carnicheiros,  
Digo porque conheci.  
Eu era muito criança  
Assisti crimes alí.  
Coisas de fazer horror  
Que eu nunca me esqueci.

Se o Seringueiro fugisse,  
Os capangas iam atrás.  
Se ele fosse pego  
Ia entregue ao capataz.  
Apanhavam uma surra  
Até não resistir mais.

A mulher ficava aí  
Para o patrão se gozar.  
E depois oferecia  
Pra que pudesse pagar.  
Só seringueiro de saldo  
É que podia levar.

No ano de 31  
Dentro de um seringal,  
Aqui no Rio Abunã  
Deu-se uma morte fatal.  
Mataram dois Seringueiros  
Que a ninguém faziam mal.

Morreram pela justiça,  
Reclamando o que era seu.  
Quiseram roubar-lhe a castanha  
E ele não se convenceu.  
Questionou com o gerente  
Só por isso ele morreu.

No seringal Nova vida,  
No mês de fevereiro,  
Do ano 31,  
Mataram os seringueiros.  
Um se chamava Evaristo  
O outro José Pereira.

Foram quatro bandidos  
Mandado do Otávio Reis.  
Um se chamava Sabino  
O outro Joaquim Pará.  
E o Linca e Leopoldo,  
Que eram gerentes de lá.

Zé Pereira era solteiro,  
Evaristo era casado.  
Mataram o pobre homem  
Quando vinha do roçado,  
E forçaram a mulher  
Satisfazer os desgraçados.

Fizeram estes crimes  
Ficaram sem punição.  
Foram para Porto Velho  
E lá bancaram barão.  
Que nó dá para a justiça  
E que vergonha para a Nação.

Como eram tratados  
Os pobres heróis brasileiros,  
Que moravam nas florestas  
Errantes sem paradeiros.  
Roubado e explorados  
Pelos ladrões traiçoeiros.

Com todo este sofrimento  
Que houve em tempos passados  
Também havia diversões  
Em um tempo muito atrasado.  
Sempre era nos dias santos,  
Ou então nos feriados.

Eu vou explicar aqui  
 Como era a diversão:  
 Primeiro rezava o terço,  
 Depois vinha a refeição;  
 Reunia a mocidade  
 E começava o festão.

Ali tinha carne de porco  
 Também algumas galinhas.  
 Ficava tudo animado,  
 Se tomava uma caninha.  
 Como as mulheres eram poucas  
 Dançava velha e mocinha.

Os instrumentos eram:  
 Armônica, marca veado;  
 Um tambor de Jaracatiá,  
 Feito de couro de gato.  
 Batia duas colheres  
 E acompanhava num prato.

Um bumbo de sernambi  
 No fundo de uma lata.  
 Grosava um prego num rabo  
 Prá fazer a combinata.  
 Dançavam chote e mazurca  
 Ficava a festa barata.

Dançavam também o cherém  
 E a música rancheira.  
 A valsa de madrugada  
 Ou então a disfeiteira.  
 Aí discutiam os versos  
 Cada um com sua parceira.

Por acaso a festa fosse  
 Feita pelo patrão,  
 Desparavam suas armas  
 Ao chegar no barracão.  
 Isto era cortesia  
 E sinal de saudação.

Era assim caros leitores  
 Que havia a diversão.  
 No meio de um povo oprimido  
 Não havia corrupção.  
 Respeitavam uns aos outros  
 Não se via chingação.

Quando os pobres pensavam

Que findou a perseguição,  
 Que o governo trabalhava  
 Em seu favor e proteção.  
 Foi quando veio o pior,  
 Tomando a colocação.

Os governos dos Estados  
 Com o governo federal  
 Fizeram o plano tirano  
 De vender o seringal,  
 Deixando os seringueiros  
 Sem trabalho e na mal.

Chegaram aqui os sulistas  
 Pois tudo era barão.  
 Botando o povo pra fora  
 Sem lhe dá nenhum tostão.  
 E ninguém achasse ruim  
 Se não ia ao empurrão.

Se o seringueiro é sabido  
 Não deixa a colocação.  
 Mas vem a tal da polícia,  
 Junto com o patrão.  
 Matam e enterram por lá  
 E ficam sem punição.

A maior perseguição  
 Tem sido a dos fazendeiros.  
 Que criaram uma lei  
 Pro Brasil inteiro:  
 Desvalorizar a borracha  
 E acabar com o seringueiro.

Parece que o governo  
 É dominado por barão.  
 Não vê as calamidades  
 Que existem na Nação.  
 O pobre é assassinado  
 E a justiça não vê não.

O pobre do Seringueiro  
 Sofre toda tirania.  
 Ainda depois de velho  
 Não tem quase garantia,  
 Porque o pior salário  
 É da sua aposentadoria.

Se ele não tiver  
 Um parente para lhe proteger,

Com este salário péssimo,  
Ele é obrigado a viver.  
É melhor se suicidar  
Do que de fome morrer.

De todos os trabalhadores  
São os que mais prestam serviço.  
Mas os nossos presidentes  
Nunca consideram isso.  
Pra trabalhar igual,  
Só abelha no cortiço.

O seringueiro sofreu  
Em todas estas regiões.  
No Xingú e no Jaú,  
Sofreram sem compaixão,  
No Amazonas e no Acre  
O patrão era o mandão.

Os patrões eram Delegados,  
Juiz e Tabelião.  
Dentro do seringal  
Era o homem de galão,  
E sua autoridade  
Nunca caía no chão.

Agora meus companheiros  
Vou por aqui terminar.  
Não escrevi nem a metade  
Que eu devia contar.  
Isso só foi um apanhado  
Que eu pude me lembrar.

Alguns que foram patrão  
Não vão ficar magoados,  
Porque quem fala a verdade  
Não pode ser molestado,  
E ninguém pode negar  
Aquilo que foi passado.

Quem disser que é mentira  
Eu chamo para provar:  
Que os velhos da minha idade  
Têm muita história a contar.  
Só mesmo quem viu as cenas  
É que pode conversar.

Se hoje não é mais assim  
Agradeça ao Sindicato  
Que com organização  
Matou o salto dos gatos.  
Hoje os patrões são bonzinhos  
Generosos e pacatos.

Quem escreveu estes versos  
Foi João Ferreira de Souza.  
É velho e é inteligente,  
E sempre da fé de coisas,  
Não adianta injustiça.  
Nem da galinha à raposa.

### Texto 03

#### **Pai nosso do seringueiro**

Jaime da Silva Araújo

Seringueira que estais na selva  
Multiplicado sejam os vossos dias.  
Venha a nós o vosso leite  
Seja feita a nossa borracha  
Assim na prensa como na caixa  
Para o sustento de nossas famílias  
Nos dai hoje e todos os dias



Perdoai nossa ingratidão  
Assim como nós perdoamos  
As maldades do patrão  
E ajudai a nos libertar  
Das garras do regatão.  
Amém!!!

#### **Texto 04**

Descrição dos objetos utilizados pelo seringueiro (imagem p.37, Figura 2).

1. A Raspadeira, para raspar a seringueira
2. A Lâmina, faca que serve para fazer o corte
3. A Cabrita, para encastoar a lâmina da faca
4. O Balde, para carregar o látex
5. A Tigelinha, para apanhar o látex
6. O Saco, onde se guarda o látex depois de colhido
7. A Tubiba, tira de borracha para amarrar o saco
8. O Bernal, para juntar o sernambi carregando a tiracolo
9. A Poronga, lamparina para o seringueiro alumiar seu caminho
10. A espingarda, para se proteger das feras
11. A Bandoleira, cinto que se amarra na coronha para o coice da espingarda
12. A Faca de defesa
13. A Capanga ou Bossoroca, para carregar os cartuchos da espingarda
14. Estopa ou sarrapilha, serve para carregar os utensílios conforme vemos nas costas do Seringueiro.

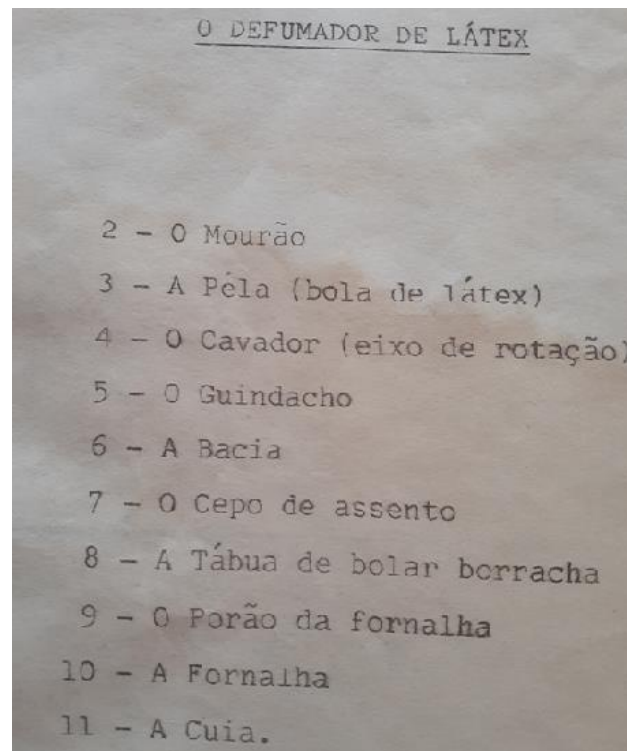
Figura 2 - Ilustração dos objetos utilizados pelo seringueiro.



Fonte: Souza (1987).

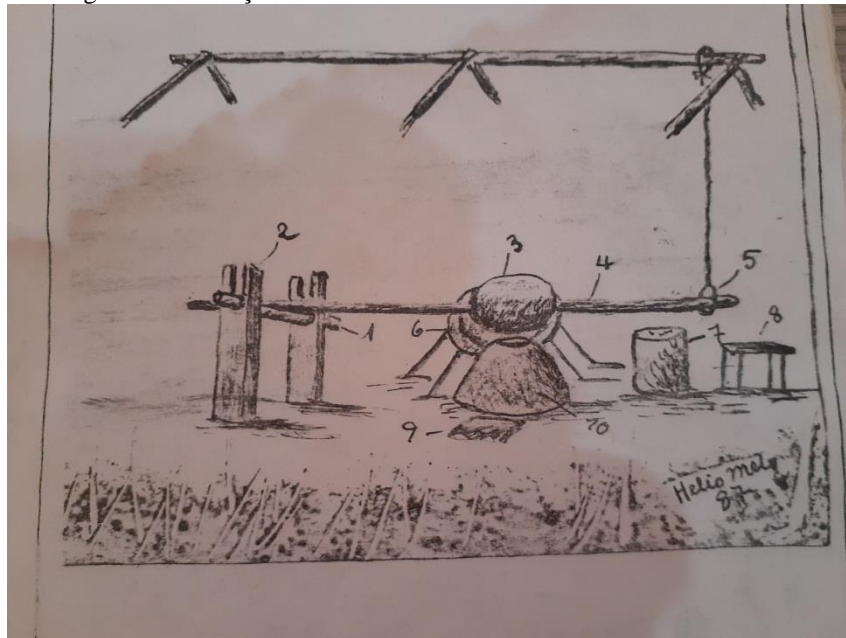
## Texto 05

Utensílios do defumador de látex (imagem p. 39, Figura 3).



Fonte: Souza (1987, p. 38).

Figura 3 - Ilustração dos utensílios e estrutura do defumador de látex.



Fonte: Souza (1987, p. 39).

## V RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Atividades prévias e motivação

No caso específico do estudo que propomos, entendemos que, com o passar do tempo, o conhecimento dessas palavras da linguagem dos seringueiros podem cair no esquecimento caso não haja uma ação no sentido de manter viva a memória de determinado grupo social. Sobre esse aspecto, Biderman (2001, p.179) afirma que “as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir desaparecer”. Por isso, urge a necessidade de inserção desse conteúdo no currículo escolar, na sala de aula, buscando metodologias para transpor para os alunos, oportunizando aos mesmos ampliar seu repertório semântico-vocabular, e também melhor desenvolver sua capacidade de leitura.

Aqui propomos de atividade com base no estudo do léxico, sua relação com a cultura refletida no vocabulário do seringueiro e suas contribuições para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Utilizamos os textos poéticos regionais “A vida do Seringueiro”, João Vieira de Souza; “Saga do Seringueiro”, de Manoel Passos, cujos temas fazem relação ao referente ao contexto de produção e comercialização de borracha no Acre, para aplicar o conjunto de atividades no nono ano do Ensino Fundamental II, numa escola da rede pública do município de Sena Madureira, no estado do Acre. Acreditamos que, conforme Antunes (2012, p. 46) “o repertório lexical que manejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem “pistas” claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade”. Os textos de poetas populares regionais trazem em seu bojo as marcas da cultura, da linguagem e da identidade linguística dos falantes da região.

Ao iniciar as atividades percebi que se conseguíssemos objetos e instrumentos de trabalho dos seringueiros, caracterizássemos espaços e construíssemos uma réplica do defumador de borracha o trabalho envolveria os alunos e a comunidade. Então buscamos instrumentalizar os alunos, dá vida às palavras dos textos trazendo para a realidade os instrumentos e espaços utilizados pelos seringueiros, bem como o seu modo de vida a fim de que os alunos vivenciassem um pouco para compreenderem melhor as contribuições desse grupo de trabalhadoras para a formação do léxico e da linguagem regional a partir da língua portuguesa.

Buscamos parceria com a disciplina de história para contextualizar melhor a história e luta dos trabalhadores seringueiros que vieram produzir borracha no Acre. A interdisciplinaridade com a disciplina de história foi bastante enriquecedora, pois a professora

Altaíza Liane Marinho contribuiu muito para que os alunos conhecessem melhor esse grupo de trabalhadores a partir do eixo histórico.

Então pedimos que os alunos conseguissem os objetos que estão descritos nos textos, sobretudo no texto *Vida do Seringueiro*, pois lá temos a descrição de vários objetos e instrumentos de trabalho, bem como um projeto de um defumador de borracha. Com a ajuda de muitas pessoas conseguimos o máximo de objetos possíveis, construímos o defumador no pátio da escola, construímos as peças que compõem o espaço de modo que ficasse legítimo. Com estes objetos em sala de aula a leitura dos textos ganharam vida e significância.

A aplicação da proposta de intervenção planejada para a turma de 8º Ano da Escola Estadual Assis Vasconcelos em Sena Madureira ocorreu no período de maio a setembro de 2019, contabilizando 30 horas de atividade realizada em sala de aula. Além disso, desenvolvemos atividade extraclasse como reuniões com a coordenação e direção da escola, visitas ao Parque Capitão Ciríaco em Rio Branco, visita ao poeta Manoel Passos, autor de um dos textos utilizados na pesquisa-ação, visita a ex-seringueiros e a um seringal na região de Sena Madureira. Todas estas visitas foram feitas a fim de buscar mais informações sobre o modo de vida e as atividades dos seringueiros que deram origem ao léxico que nos propomos estudar, e conseqüentemente contribuiu para a formação da linguagem desta região. Bakhtin (1995, p.115) diz que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros, se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e interlocutor”. Buscamos construir conhecimento por meio do estudo da palavra, pois acreditamos que é por meio dela que acessamos informações, produzimos e divulgamos conhecimento.

Inicialmente realizamos uma reunião com a Diretora e a Coordenação Pedagógica da escola para apresentar a proposta de atividade a ser desenvolvida com a turma do 8º Ano. Também conversamos sobre a possibilidade de outros professores se envolverem no projeto, sobretudo a professora de história, uma vez que o tema passa pela história do Acre e do município. Após a conversa, no dia 27 de maio, recebemos autorização para realizar a atividade e o apoio da coordenação para auxiliar no que fosse possível.

Além disso, a professora de história Altaíza Liane Marinho se disponibilizou a contribuir, juntamente com a professora Leandra de língua portuguesa. Neste encontro também marcamos a culminância do projeto para 20 de setembro de 2019, data na qual a escola estava planejada a apresentação de outras atividades de um projeto da escola denominado *Resgatando a Nossa História*. Então a coordenação sugeriu que a apresentação do léxico do seringueiro fosse nesta dada.

## 5.2 Aplicação da sequência de atividades

Atualmente propostas de atividades para o estudo e ensino do léxico vêm sendo desenvolvidas dada a importância deste tema para a compreensão da língua materna. Pesquisadores do ensino como Silva, Souza e Garcia (2016, p. 21) apontam para “a relevância do estudo do léxico e as possíveis alterações de sentido das palavras, com intuito de desenvolver no aluno a consciência sobre relação intrínseca entre língua e cultura”. Por isso, em nossa proposta de atividades buscamos perceber as relações entre a língua e a cultura do seringueiro a partir do estudo do léxico de textos regionais. Elaboramos e aplicamos a sequência de atividades valorizando o texto regional, a linguagem e a cultura.

Acreditando no direcionamento que os autores acima apontam, elaboramos uma apresentação da proposta para a turma. Utilizamos projetor de multimídia para apresentar o título do projeto, os objetivos, a proposta de atividades a ser desenvolvidas e umas imagens de *seringueiras*, *defumador*, cartaz de campanha de recrutamento de *soldados da borracha*, alguns instrumentos como *lamparina*, *poronga*, *borracha*, casa do seringueiro retiradas da internet. Além disso, apresentei três obras que tratam de temas de expressão regional e em linguagem regional. As obras eram: *A Selva* de Ferreira de Castro, *Terra Caída*, de José Potiguara e *Vida de Seringueiro*, de João Vieira de Souza, um dos textos que iremos utilizar na elaboração do glossário. Segue a imagem desse momento (Figura 4).

Figura 4 - Apresentação da proposta de atividades aos alunos do 8º Ano.



Fonte: Dados da pesquisa.

Este momento foi uma apresentação simples, mas focada na linguagem presente nos textos de expressão regional surgida a partir do trabalho dos seringueiros, uma história de homens destemidos no meio da selva em busca de sobrevivência, mas que envolve todo um sistema econômico, político, social e cultural, pois muitas palavras reconhecidas pelos cânones da língua portuguesa do Brasil têm origem a partir da fala dos sujeitos envolvidos na

produção de borracha na Amazônia, ou seja, os seringueiros, sobretudo, do Acre por um processo de nomeação de instrumentos, objetos e espaços no contexto comunicativo do seringal. De acordo com Biderman (2001, P. 179) “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades”. Por isso, o léxico deve ser analisado a partir do contexto de uso da palavra, pois dessa relação nasce seu aspecto semântico.

O propósito deste momento era contextualizar o trabalho, motivar os alunos e verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os seringueiros, a noção de linguagem regional, a história dos seringueiros e sua trajetória de Fortaleza – CE até o Acre, pois os textos que utilizaremos nas atividades trazem, através das palavras, o contexto histórico e social, o modo de vida dos trabalhadores seringueiros através de uma linguagem que dialoga com a realidade vivida na selva no final do século XIX até meados do século XX durante o primeiro e segundo ciclo de produção de borracha. Com essa apresentação fomos ambientando os alunos à realidade que iremos trabalhar nas próximas atividades.

Nesta apresentação das imagens fizemos uma sondagem sobre o nome dos objetos mostrados. Para a *lamparina*, poucos alunos sabiam o nome, sabiam a função. Apenas uma aluna soube definir porque tinha parentes ex-seringueiros. Para o *defumador*, saíram nomes como *oca*, *casinha*, *barraca*. Percebemos que teríamos um grande desafio, pois boa parte dos alunos não tinham base sobre o assunto, mesmo inseridos no contexto amazônico-seringueiro, habitando uma cidade que se originou dentro de um seringal à 115 anos. No entanto, a turma ficou muito atenta aos esclarecimentos dos termos elencados e as condições sociais dos seringueiros retratados nas imagens que exibimos. Dai enfatizamos o que Biderman (2001) destaca sobre a importância da palavra para promover esta relação do sujeito com a cultura, sobretudo a partir do lugar em que ele habita e interage com o mundo.

Estas atividades prévias foram de suma importância para direcionar as ações posteriores. Ao encerrar a aula, percebemos que muitos alunos ficaram motivados e curiosos sobre o projeto que propomos. Alguns falaram de seus avós, de seus pais e tios que vieram dos seringais, Percebi que para muitos alunos a história dos seringueiros começava a fazer sentido. Havia uma identificação possível pelas próprias histórias familiares. Isso foi bom, pois através dessa compreensão iríamos inserir os conceitos de léxico, linguagem regional e linguagem de grupo. Estas definições precisavam ser abordadas previamente antes de iniciar a produção do glossário.

Figura 5 - Imagens utilizadas na primeira atividade na turma.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagens+do+seringal&tb>.

A apresentação das imagens apresentadas na Figura 5 geraram uma discussão na sala que revelou que mesmo sem ter estudado os conceitos de léxico, linguagem regional, linguagem de especialidades e glossário os alunos se interessaram pelo assunto. Nestes primeiros encontros queremos construir com os alunos os conceitos básicos da linguagem e do léxico que nortearão as atividades de estudo do léxico e a produção do glossário, antes de adentrar na leitura e análise dos textos que utilizaremos para este estudo. Ainda como parte das atividades prévias, planejamos a introdução dos conceitos de léxico, linguagem regional, linguagem de especialidades.

A partir das considerações acerca da língua e da linguagem trazidas pelos autores Travaglia (1998 e 2000), Koch (2003) e Marcuschi (2008). Os alunos foram indagados oralmente sobre o que eles entendiam como língua e como linguagem e se havia diferenças entre essas duas palavras. As respostas quanto à língua foi “o que nós falamos”, “o alfabeto”, “a fala” etc. Em seguida, com ajuda dos slides, foi explicado a eles as definições de língua esclarecendo de acordo com o referencial teórico e exemplificando.

Sentimos a necessidade de verificar se estávamos conseguindo alcançar os objetivos das atividades com os alunos. Por isso aplicamos um questionário baseado no conteúdo ministrado e nas atividades feitas até este momento. As questões foram as seguintes: Qual a diferença entre língua e linguagem? Que papel a linguagem desempenha no processo de comunicação e interação entre os falantes da língua? O que caracteriza um grupo de falante de especialidades? Por que os trabalhadores seringueiros são considerados um grupo de falantes de especialidades? Que grupo de falantes de especialidades estudará? E o que estudaremos desse grupo de falantes? Em que região e Estado estão localizado esse grupo de falantes? Faça um desenho representativo do grupo de falantes seringueiros que caracterize o seu modo de vida, suas atividades no seringal, seu local de trabalho, seus instrumentos ou seus objetos.

Após a aplicação desse questionário, a análise nos deixou bastante preocupado, pois muitas respostas não foram satisfatórias, revelando muitos problemas de coerência e organização sintática das respostas. Percebemos que os alunos precisavam melhorar a leitura e



compreensão dos assuntos abordados, pois algumas respostas foram incompletas, o que fez com que tivéssemos uma roda de conversa para discutir as respostas e buscar reorganizar as ideias sobre as questões levantadas. No entanto, a questão cinco foi a que os alunos conseguiram demonstrar a capacidade de compreender o tema e superar as dificuldades.

A proposta da questão era desenhar algo que retratasse o trabalho e o modo de vida do seringueiro. Nessa questão os alunos conseguiram demonstrar por meio das pinturas que fizeram o contexto, o modo de vida e os instrumentos de trabalho do seringueiro. A partir dessa constatação, entendemos que necessitávamos dinamizar mais as atividades, buscar materializar mais o trabalho a partir dos textos.

Estas questões nortearam as discussões prévias sobre o assunto em fomos preparando os alunos para o estudo do léxico. Conforme as concepções de língua e linguagem adotadas neste trabalho, já esclarecida no referencial teórico, realizamos as intervenções necessárias na turma no sentido de garantir que os alunos entendessem que o processo de comunicação e interação através da língua em determinada região ou em determinado grupo de falantes constituem as especificidades da linguagem regional.

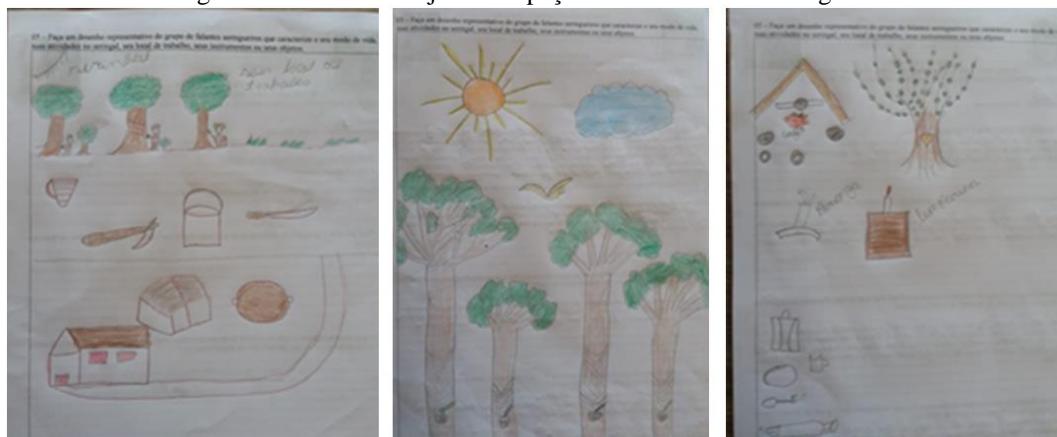
Além disso, identifica o grupo de grupos de falantes de grupos específicos, o que constitui a linguagem de especialidades, pois o grupo de trabalhadores seringueiros que deram origem à grande parte léxico dessa região têm seu modo de vida e suas ações registradas em textos e obras dos mais variados gêneros. Por isso, precisamos focar no estudo do léxico regional a partir deles. Segundo Marcuschi (2008, p. 163) “a vivência cultural humana está sempre voltada em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros”, além disso, sobre o aspecto e concepções da linguística no contexto regional recorreremos às ponderações do autor acima ao afirmar que “a língua é uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade”.

A partir da análise do questionário, sobretudo da questão cinco que consistia na atividade de pintura, podemos perceber que os alunos se expressaram através do texto de imagem e pudemos compreender melhor o potencial e as fragilidades da turma em relação ao conhecimento acerca do modo de vida dos seringueiros, dos seus espaços de trabalho e de seus instrumentos e de seu vocabulário. Esse fato, juntamente com a constatação de que precisávamos dinamizar o trabalho.

A fim de tornar as atividades de leitura e análise dos textos mais palpáveis fez com que planejássemos outras ações no sentido de aprofundar o conhecimento sobre a realidade

dos seringueiros respeitando os limites dos textos escolhidos para a produção do glossário. Segue a imagem (Figura 6) de algumas pinturas que os alunos fizeram:

Figura 6 - Pintura de objetos e espaços do cotidiano do seringueiro.



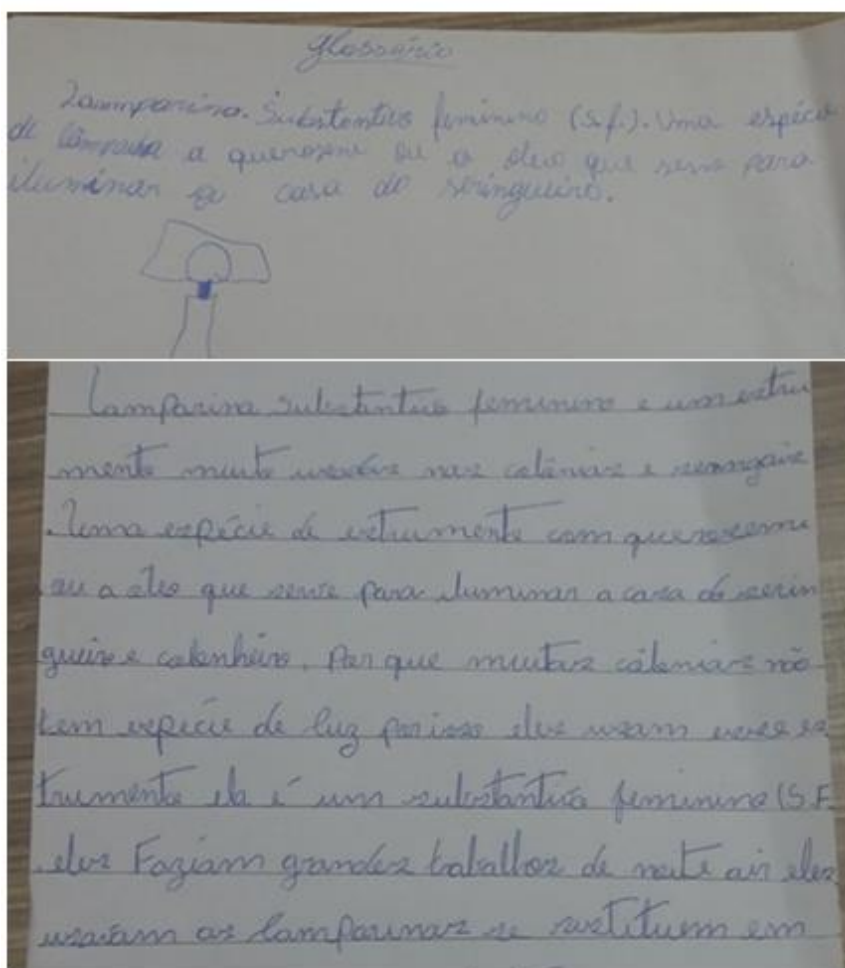
Fonte: Dados da pesquisa.

Para introduzir as atividades de produção do glossário, retomamos o texto de imagem produzido anteriormente em sala de aula. Pedimos que cada aluno escolhesse uma imagem que desenhou e escrevesse o nome. Concluído esta parte, fomos para a classificação gramatical. Para isso, escrevemos no quadro a palavra *lamparina*, pedi que os alunos copiassem no caderno e sublinhassem para destacar. Em seguida pedi para classificarem gramaticalmente e socializassem na sala. Muitas classificações surgiram para esta palavra: verbo, adjetivo, substantivo entre outras. Precisamos fazer uma intervenção no sentido de esclarecer a classificação gramatical dos substantivos. No quadro, retomamos a definição de substantivo, conforme o livro didático, e suas variações em masculino e feminino, singular e plural, pois o nosso foco era garantir que os alunos identificassem um substantivo e o classificassem em suas variações.

O próximo passo foi construir as definições da palavra a partir do conhecimento prévio dos alunos sobre a mesma. O resultado foi satisfatório, pois as definições atenderam ao propósito da atividade e conceituaram de acordo com as informações que possuíam e as discussões que tivemos em sala. Conseguimos mostrar aos alunos parte da estrutura do glossário que iremos adotar: *palavra entrada + informação gramatical + definição + contexto + legenda*. Conseguimos fazer as três primeiras partes: palavra entrada, informação gramatical e definição. Em seguida esclarecemos na sala as partes da estrutura que conseguimos produzir com a palavra entrada *lamparina*. Feito esta atividade, esclarecemos para a turma que a linguagem regional tem na atividade dos seringueiros uma importante fonte de palavras que contribuem para a formação do léxico da língua e precisam ser

compreendidas em seu contexto de uso na escrita a partir de elementos trazidos pelo texto. Na imagem a seguir (Figura 7) temos alguns exemplos do resultado da atividade.

Figura 7 - Primeira atividade de produção do glossário.



Fonte: Dados da pesquisa.

Ressaltamos que nesta atividade trabalhamos apenas com a palavra-entrada + informação gramatical + definição, os três primeiros itens que compõem a definição do verbete *lamparina*. Retomaremos as pinturas dos alunos para concluir a atividade de elaboração do primeiro glossário construído com os alunos passo a passo.

Para continuar a construção do glossário foi escrito no quadro a palavra *rodo* retirada do poema A Saga do Seringueiro. Colocamos no quadro a estrutura do glossário como é possível observar na imagem abaixo. Apesar do quadro branco da sala está em estado precário foi possível utilizá-lo. Colocamos a estrutura composta pelos seis itens que compõem a estrutura do glossário que iremos produzir. Em seguida explicamos cada parte passo a passo. Entregamos o poema completo e pedimos para os alunos encontrarem a estrofe com a palavra

rodo e lessem com atenção. Não foi difícil, logo todos conseguiram localizar no texto. Então procedemos a leitura da estrofe que trazia a referida palavra.

Contextualizamos com os alunos relendo o texto e procurando atribuir o sentido presente nas entrelinhas de cada verso. Realizamos uma leitura dos versos da referida estrofe e logo os alunos concluíram que o sentido da palavra rodo, presente no verso “Dar dois *rodos* na estrada” significa “dá voltas na estrada”, alguns disseram que queria dizer “as voltas que o seringueiro dá na floresta” e assim fizemos as intervenções necessárias e construímos junta a explicação do verbete adequando-o à estrutura proposta. A seguir temos a imagem do quadro da sala com a finalização da atividade (Figura 8).

Figura 8 - Glossário construído passo a passo com os alunos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Para concluir a definição do verbete *rodo*, após a discussão oral, pedimos que cada aluno registrasse no caderno a definição da palavra. Após todos concluírem o registro pedi que socializassem e a partir das respostas registramos no quadro a definição sugerida pelos alunos. Na parte superior do quadro branco registramos a estrutura sobre a qual iremos elaborar o glossário, na parte inferior explicamos a legenda que utilizaremos. Disponibilizamos a seguir a digitalização das informações da imagem acima composta por três partes: estrutura de produção do glossário, descrição do verbete *rodo* e a legenda de referencia ao texto abonador. Temos então as seguintes informações (Quadro 6):

Quadro 6 - Estrutura do glossário e exemplo.

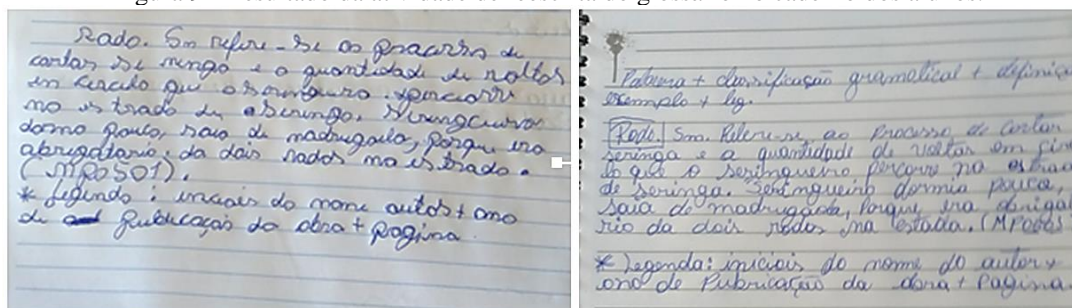
Palavra + classificação gramatical + definição + exemplo + legenda.

**Rodo.** Sm. Refere-se ao processo de cortar seringa e a quantidade de voltas em círculo que o seringueiro percorre na estrada de seringa. “Seringueiro dormia pouco, saía de madrugada, porque era obrigatório dá dois *rodos* na estrada”. (MP0501).

Legenda: iniciais do nome do autor, ano de publicação da obra e página.

Optamos, para este momento, utilizar apenas o nome *palavra* e não *palavra entrada*, pois precisávamos simplificar um pouco para que a turma compreendesse melhor, bem como utilizamos também *exemplo* ao invés de *contexto*. Além disso, ressaltamos que enfrentamos também a dificuldade de escrita dos alunos, o que exigiu muitas intervenções no sentido de melhorar a escrita para assim procedermos de forma clara com o propósito das atividades.

Figura 9 - Resultado da atividade de reescrita do glossário no caderno dos alunos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Para avaliar as atividades de produção do glossário e perceber a autonomia dos alunos acerca do assunto escolhemos algumas estrofes poema de Keilah Diniz, com o título “Fortaleza dos Kaxi” que traz em seu bojo a temática regional, a linguagem regional e faz referencia ao modo de vida dos trabalhadores seringueiros, sobretudo, os indígenas revelando a dura realidade destes homens trabalhadores da borracha. De acordo com Lopes (2008) Keilah Diniz:

[...] viveu e trabalhou no Acre nos finais da década de 1970. Keilah Diniz publicou um livro em 1996, com muitos versos tematizando sobre sua experiência com a comunidade indígena Kaxinauá e suas vivencias no interior da selva amazônica, como se verifica no poema abaixo (LOPES 2008, p. 14).

Segue os trechos do poema “Fortaleza dos Kaxi” retirado da obra *Vozes Femininas da Floresta* de Margarete Edul Prado de Souza Lopes.

Sobre a questão da borracha  
 Fala o melhor seringueiro  
 Que sabe a hora do leite  
 E o preço do Marreteiro  
 [...]  
 Mas eu que já me conheço  
 Eu sei qual é minha nação  
 Sou índio Kaxi, seringueiro  
 Moro no rio Jordão,  
 [...]  
 Para que meu povo trabalhe  
 Precisa de colocação  
 Se a terra não for demarcada

Aviso vai ter confusão (LOPES 2008, p. 14-15).

Lemos o poema em voz alta na sala, em seguida pedimos que os alunos relessem o texto e destacassem palavras que eles acreditem pertencer ao léxico do seringueiro. As palavras destacadas foram: *borracha, seringueiro, leite, marreteiro e colocação*. Contextualizamos as palavras e buscamos compreender o sentido que cada palavra adquire no texto, considerando o contexto ao qual o texto se refere.

No primeiro momento houve grande dificuldade dos alunos em atribuir um sentido coerente respeitando os limites do texto. Entretanto, com algumas intervenções eles compreenderam melhor as palavras e o sentido que elas agregam ao texto. Pedimos que os alunos elaborassem o glossário do texto. Com esta atividade, fomos inserindo os alunos no universo de identificação de palavras do léxico do seringueiro e buscar os sentidos delas no contexto de uso.

A partir do conteúdo deste poema esclarecemos aos alunos que o processo de nomeação de objetos e ações dos seringueiros está descrito nos textos de caráter regional, no entanto é preciso compreender o léxico para que o texto se torne mais significativo para o leitor. Ao final da atividade, as principais dificuldades identificadas foi em atribuir o sentido às mesmas respeitando os limites do texto, mas reescrevemos várias vezes e ao final alcançamos o resultado satisfatório e percebemos que houve pequena evolução dos alunos em relação à compreensão da nossa proposta de atividades.

Pelo fato de está utilizando um texto do poeta Manoel Passos e ele residir no município de Sena Madureira, acreditamos que uma visita para uma conversa informal com o autor seria de grande importância para nossa pesquisa (Figura 10). Conversamos sobre poesias, seringal, família entre outras coisas. O autor de A Saga do Seringueiro falou sobre sua trajetória do Pará até o Acre, falou sobre o trabalho no corte da seringa e da vida nos seringais por onde trabalhou e dos motivos que o fizeram vir para a cidade.

Figura 10 - Visita ao poeta e ex-seringueiro Manoel Passos<sup>5</sup>.



Fonte: Dados da pesquisa.

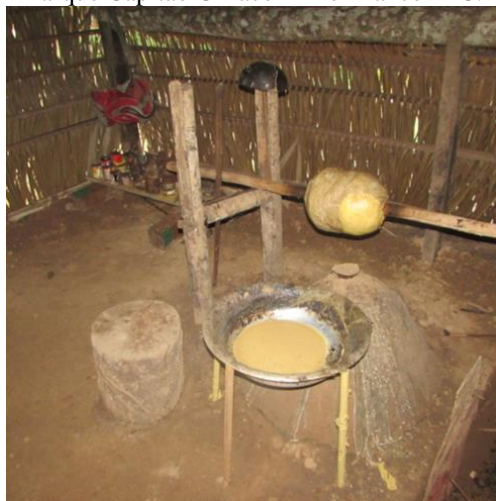
De acordo com Manoel Passos, o principal motivo foi a queda da borracha e a falta de escola para os filhos. Segundo ele, sua habilidade em tocar sanfona facilitou a composição de poesias. Ele recita muitas poesias, mas escrita e publicada somente A Saga do Seringueiro. Falamos para ele sobre a pesquisa com o poema dele. O mesmo ficou muito feliz por ter uma de suas poesias sendo utilizada na escola.

Visitamos o parque Capitão Ciríaco em Rio Branco (Figura 11), localizado no bairro 06 de agosto, via Chico Mendes. O objetivo da visita foi observar a estrutura do defumador construído no parque para utilizar como base para construir uma réplica dele no pátio da escola Assis Vasconcelos para ilustrar a apresentação do glossário pelos alunos, pois no poema A Saga do Seringueiro há muitas palavras referentes ao defumador de borracha.

---

<sup>5</sup> O poeta, músico, soldado da borracha Manoel Passos mora em Sena Madureira no bairro Bosque. Na imagem acima esquerda para a direita estão: a esposa dona Odisséia, o mestrando Airton de Mesquita Silva e o poeta Manoel Passos.

Figura 11 -- Parte interna do defumador no Parque Capitão Ciríaco – Rio Branco- AC.



Fonte: Dados da pesquisa.

No local há inúmeras seringueiras. Há também uma pessoa responsável pelo corte das seringueiras e pela produção de borracha no referido parque que é aberto à visitação durante a semana, como nossa visita foi em um sábado, estava apenas o vigilante e permitiu que entrássemos somente no defumador. Fizemos algumas imagens do local e observamos a disposição da estrutura e dos instrumentos que permitem a defumação da borracha. Estas informações nos ajudaram a organizar o defumador construído na escola.

O ex-seringueiro Antônio Germano da Silva nos ajudou a fazer a réplica da seringueira (Figura 12). Fomos até sua propriedade rural na BR 317, km 86, sentido Boca do Acre para fazermos esta tarefa. Com um galho de ingazeira e uma *cabrita* ele fez os traços na seringueira idênticos aos que se faz na seringueira.



Figura 12 - Ex-seringueiro Antônio Germano da Silva.



Fonte: Dados da pesquisa.

Estes cortes, de acordo com o ex-seringueiro, recebe o nome de bandeira que é as marcas onde cada dia que o seringueiro corta fica marcado na seringueira, devido o formato da demarcação destes cortes feito com a raspadeira e contornados verticalmente nas laterais com traços fazendo duas margens onde um destes traços é por onde escorre o leite até a *tigela* para colheita. Saímos da propriedade do senhor Antônio Germano com a réplica e fomos até uma marcenaria em Rio Branco para colocar pinos no troco para fixar na base feita com um troco de jabuticaba. Abaixo temos o ex-seringueiro demonstrando como se faz uma bandeira na seringueira.

Ressaltamos que a árvore que aparece na imagem acima é apenas ilustrativa, pois não é uma seringueira verdadeira. Enfatizamos que o nome “bandeira” não aparece nos textos de nossa pesquisa-ação, esta palavra foi nos dita pelo ex-seringueiro Antônio Germano da Silva o qual demonstrou como se forma como conferimos na imagem acima.

Em visita ao poeta Manoel Passos em Sena Madureira observamos que há, na parede da sala de sua casa, um exemplar de um jornal de Sena Madureira onde o poema A saga do Seringueiro foi publicado em 2005 conforme a imagem abaixo (Figura 13). Foi através deste jornal intitulado “Especial Sena” que tivemos o primeiro contato com o conteúdo de seu poema e ficamos impressionados com a riqueza de informações e com a linguagem empregada no texto. Este foi um dos motivos de selecionarmos este texto para estudar o léxico do seringueiro a partir das atividades que planejamos para este fim.

Figura 13 - Publicação do poema “A Saga do Seringueiro” em jornal local datado de 2005.



Fonte: Dados da pesquisa.

O poeta de 95 anos Manoel Passos nos recebeu em sua residência para conversarmos informalmente sobre alguns objetos que conseguimos e sentimos o desejo de compartilhar com ele e ouvir seus versos, pois o mesmo gosta de recitar suas poesias. Além disso, é sempre uma satisfação enorme conversar com o poeta que basta falar em poesia que o mesmo já começa a recitar e contar os motivos e as inspirações que tem na hora de compor uma poesia. Ressaltamos que ele não escreve, apenas recita, o único texto publicado é *A Saga do Seringueiro*, mas ele tem um vídeo feito em estúdio com mais 05 textos inéditos.

Fomos até a residência do autor a fim de compartilhar com ele os objetos de trabalho do seringueiro que conseguimos retirando os nomes do poema dele (Figura 14). Nesta visita levamos a réplica da seringueira, o balde, a poronga e a cabrita. O ex-seringueiro se emocionou muito ao ver os instrumentos que fizeram parte de sua vida inteira nos seringais e estão vivos em suas lembranças.

Figura 14 - O poeta e a poronga.



Fonte: Dados da pesquisa.

O autor nos recebeu muito bem, pousou para foros, recitou poemas e contou histórias de sua mocidade nos seringais. Esta experiência que compartilhamos com nossos alunos o que aguçou a vontade de ler o texto de pesquisar mais sobre o léxico destes trabalhadores.

### **5.3 Visita ao Seringal Iracema, colocação Lago Grande, Sena Madureira - AC**

Através de um senhor que conhecemos durante a nossa pesquisa e ficou muito empolgado para nos ajudar, pois o mesmo, de acordo com ele, também viveu a sua vida nos seringais de Sena Madureira no alto rio Macauã produzindo borracha. Ele se prontificou em nos levar até uma colocação onde ainda há produção de borracha nativa. Então nos organizamos e nos deslocamos de carro por um ramal com destino a colocação Lago Grande no seringal Iracema, localizado na reserva extrativista Cazumbá-Iracema em Sena Madureira.

A equipe era formada pelos ex-seringueiros Altino Bezerra Chaves e Felizardo Rodrigues do Nascimento. A colocação é habitada pela família de Luiz Rodrigues do Nascimento, sua esposa e dois filhos. Seguimos 8 horas da manhã pelo ramal Xiburema até o ramal Linha Seca. Seguimos pelo ramal Linha Seca uns 20 quilômetros até chegar numa residência onde deixamos o carro e seguimos a pé por mais 10h:20m pelo varadouro na floresta. Chegamos à colocação Lago Grande, descansamos um pouco e seguimos mais uma hora em meio a floresta por uma estrada de seringa até chegar às seringueiras. Lá tiramos fotos e gravamos vídeo com um bate papo com os seringueiros. Foi uma experiência incrível, inesquecível.

Retornamos à residência, fomos ao lago pescar peixe fresco para o jantar, servido por volta de 19 horas no chão da cozinha, pois nas casas dos seringueiros é costume essa forma de servir alimento, todos sentam ao redor e servem-se, pois não há necessidade de mesa de jantar. É um momento muito bonito e diferente a hora das refeições dessa forma. Outro

momento emocionante foi à noite após o jantar, pois sentamos na sala, iluminada à luz de bateria e comecei falar do texto do Manoel Passos que inclusive é conhecido dos seringueiros que me acolheram. Pegamos o texto impresso e iniciamos a leitura em voz alta sob a luz fraca de uma bateria.

Neste momento todos que estavam na casa vieram para sala ouvir a leitura, foi emocionante, pois todos ficaram atentos ouvindo a leitura como se fosse a coisa mais importante do mundo, foi emocionante porque ali naqueles versos está o cotidiano deles no trabalho de produção de borracha, o texto fala de suas vidas, do seu trabalho e do modo de vida no seringal, o que faz com o que haja uma identidade com o texto, pois suas vidas estão refletidas no texto com uma linguagem e seleção de palavras que faz parte do repertório linguístico deles. Esta experiência contribuiu muito com a nossa pesquisa, pois ampliamos a visão do assunto e percebemos que há muitas outras palavras do léxico para pesquisar e que exige novas formas de abordagem.

Ex-seringueiro Altino na colocação Lago Grande, seringal Iracema fazendo o corte na seringueira (Figura 15). Os traços feitos a cada dia que o seringueiro corta no local raspado com a raspadeira compõem o que eles chamam de *bandeira*, conforme a imagem da direita onde destacamos a *bandeira* da seringueira feita pelo seringueiro Luiz, pois ele ainda produz borracha nesta colocação retirando látex destas seringueiras.

Figura 15 - Ex-seringueiro Altino e seringueira nativa em produção.



Fonte: Dados da pesquisa.

#### 5.4 Estrada de seringa da colocação Lago Grande, seringal Iracema

Ao chegar à colocação Lago Grande, a beira do igarapé Maloca, seguimos para uma das estradas de seringa ativas da colocação. Fomos em busca das seringueiras para fotografá-las e levar para a sala de aula uma imagem real de uma seringueira em plena produção de látex. Ressaltamos que atualmente há outros instrumentos utilizados e outras tecnologias empregadas na produção de borracha atual.

Estes novos instrumentos observados durante nossa pesquisa-ação dão margem a outras pesquisas, pois novos instrumentos de trabalho e novas formas de produção foram adotadas no modelo de produção atual. No entanto, nossa pesquisa foi verificar os espaços e instrumentos que estão nos textos analisados na nossa pesquisa-ação e proposta de estudo do léxico através da produção de glossário.

Durante o trajeto na estrada os seringueiros que nos acompanharam lembraram os tantos *rodos na estrada* que deram quando estavam na ativa em sua época (Figura 16). Ouvimos muitas histórias de caçadas, onças e da vida que levavam, pois os ex-seringueiros falam com muita saudade desse tempo, mesmo enfrentando uma vida de grandes desafios os mesmos lembram com saudades daquele tempo. Estes dois homens são testemunhos da decadência dos seringais na década de 80 e tiveram que se reinventar para sustentar suas famílias.

Figura 16 - Caminhada pela estrada de seringa em companhia dos ex-seringueiros Felizardo e Altino.



Fonte: Dados da pesquisa.

Entretanto, as palavras que encontramos nos textos que analisamos reverberam suas experiências de vida nos seringais e isto contribuiu muito com nosso trabalho, pois compartilhamos com os alunos esta realidade que encontramos tão perto de nós paradoxalmente distante ao mesmo tempo, pois falta proposta e metodologias para abordar o léxico em sala de aula.

Fotografamos uma raspadeira e uma cabrita utilizada pelo seringueiro no seu trabalho de produção de borracha. Também destacamos as borrachas em forma de prancha que o mesmo fabrica. De acordo com o seringueiro Luiz do Nascimento, atualmente o leite é deixado nas tigelas na mata até o leite coalhar para poder ser recolhido o que eles chamam de “sernambi”. Este sernambi é colocado em uma caixa, depois levado a uma prensa para ser prensado e formar a prancha de borracha de aproximadamente 60 quilos.

Na imagem abaixo (Figura 17) temos a raspadeira, a cabrita e duas pranchas de borracha prensada produzida na colação Lago Grande. Ressaltamos que há muitas palavras utilizadas atualmente que precisam ser catalogadas e estudadas, pois fazem parte do léxico destes trabalhadores. Há novos instrumentos e sistemas de fabricação de borracha, novas formas de comercialização e muitas palavras que inovam constantemente o léxico destes trabalhadores e precisam ser pesquisadas e levadas para a sala de aula.

Figura 17 - Raspadeira, cabrita e borrachas produzida na colação Lago Grande.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta colação visitada havia uns 700 quilos de borracha pronta para comercialização. Fomos informados de que um caminhão designado pela Secretaria Estadual de Produção Agrícola – SEPA faria o transporte desta borracha até a cidade de Sena Madureira, onde a mesma é vendida pelo valor de 08 reais o quilo, subsidiada pelo governo, de acordo com informações dadas pelos produtores locais, pois muitos trabalhadores da reserva extrativista Cazumabá-Iracema produzem borracha e vendem no município, pois há uma usina de processamento de borracha que compra esta produção, processa em máquinas modernas, atesta a qualidade e vende para as fábricas do sul do país. Enfatizamos que precisamos de outras pesquisas para aprofundar este assunto.

### **5.5 Sistema de prensagem de sernambi para fabricação da prancha de borracha**

Observamos que a prancha de borracha é feita em um sistema de prensagem feito artesanalmente pelo seringueiro. Este sistema é composto por várias peças que permitem que a borracha seja prensada, entre eles observamos uma caixa onde o sernambi é colocado após a colheita na estrada de seringa (Figura 18). Certamente cada parte desta prensa recebe um nome e precisamos pesquisar, apenas destacamos aqui algumas observações e descobertas que fizemos durante esta visita que nos apontam para novas possibilidades de pesquisa.

Figura 18 - Prensa de fabricação de borracha em prancha.



Fonte: Dados da pesquisa.

### **5.6 Burro de carga utilizado no transporte de produtos na colação Lago Grande**

O texto *Saga do seringueiro* menciona o transporte da borracha feito nos seringais em meados do século XX. Constatamos que este modelo de transporte ainda está em vigor nesta localidade. Verificamos que a borracha produzida nesta colação estava sendo transportada por um varadouro até o ramal onde o caminhão passa para pegar o produto. Encontramos os animais no caminho que leva para o ramal onde deixamos o nosso carro e constatamos que no texto de Manoel Passos há uma referencia a este sistema de transporte, inclusive da cangalha onde a carga é fixada no lombo do animal (Figura 19). Verificar esta realidade nos deu mais clareza e propriedade para falar desta realidade em sala de aula.

Figura 19 - Animal de carga.



Fonte: Dados da pesquisa.

### **5.7 Atividades desenvolvidas em sala de aula**

Descrevemos a seguir as atividades desenvolvidas em sala de aula referentes ao processo de aprendizado e estudo do léxico do seringueiro da região amazônica presente em textos ambientados, sobretudo, no Acre, retratando o modo de vida e as atividades desenvolvidas no cotidiano dos seringais. No Acre a produção de borracha foi bastante

expressiva, pois foi a partir da migração de trabalhadores dos estados do nordeste brasileiro, sobretudo do Ceará-CE que esse grupo de trabalhadores denominados “seringueiros” desenvolveu sua atividade na produção de borracha e contribuíram, dentre tantas coisas, com a formação do léxico regional, ora pesquisado neste trabalho.

Isquierdo (1998, p. 89), em seu estudo do vocabulário do seringueiro do Acre parte do princípio “de que Investigar uma língua é investigar também a cultura”. Por isso, nossa proposta de atividades mergulha na cultura dos trabalhadores seringueiros. Para levar a proposta de estudo do léxico até os estudantes desenvolvemos uma série de atividades a fim de que os mesmos absorvessem as informações compartilhadas e os assuntos debatidos de forma mais palpável a partir do texto. Buscando instrumentalizar os alunos de informações sobre a história da borracha e dos seringueiros fizemos um pequeno recorte da história da migração dos trabalhadores recrutados pelo exército brasileiro para virem para a Amazônia produzir borracha para os Estados Unidos se manter na Segunda Guerra Mundial, pois o Brasil era um país aliado e contribuiu com a vitória dos aliados disponibilizando soldados para os campos de batalhas na Itália e outros foram recrutados para o corte da seringa para produzir a borracha consumida na fabricação de material bélico.

Preparamos a sala, o projetor de multimídia e a caixa de som e colocamos os alunos para assistirem ao filme e fazer as anotações sobre o assunto tratado no documentário (Figura 20). Esse momento foi conduzido pela professora de história e para o debate a professora pediu que os alunos anotassem informações do documentário. Devido um problema de troca de sala não deu tempo fazer o debate. Ficou para a próxima aula. No entanto, os alunos ficaram muito atentos ao vídeo e demonstrando surpresa com a história contada, sobretudo em relação a Segunda Guerra Mundial e sua relação com o trabalho dos seringueiros e soldados da borracha na Amazônia. A professora de história conduziu esse momento e a discussão e relatório sobre o documentário ficou para a próxima aula. Abaixo temos a imagem do momento em que o documentário era exibido.



Figura 20 - Exibição do documentário “Amazônia: heróis esquecidos da segunda guerra mundial”.



Fonte: Dados da pesquisa.

Na aula seguinte retomamos as discussões sobre o documentário. A professora de história pediu que os alunos compartilhassem com a turma o que conseguiu aprender com o vídeo da aula anterior. Feito esse pequeno relato, a professora fez um resumo no quadro resumindo o conteúdo do vídeo. Essas anotações facilitaram o debate, pois ficou sucinto e objetivo. A partir das anotações no quadro, conforme imagens disponibilizadas abaixo, a professora de história conduziu o debate.

Foi um momento de muito aprendizado, pois os alunos puderam tirar dúvidas sobre o trabalho dos seringueiros e entenderam melhor o contexto histórico que envolve o assunto de produção de borracha, sobretudo, no Acre. Esse momento foi planejado para que os alunos ao lerem um texto possam identificar palavras do léxico de seringueiro e saibam compreender o sentido da mesma no contexto em que é utilizada.

### **5.8 Discussão sobre o documentário Amazônia: os heróis esquecidos da Segunda Guerra Mundial**

Segundo Isquerdo (1998, p. 90) “o trabalho na *seringa* representa ainda a atividade básica do habitante da floresta. No período de expansão do comércio da borracha, essa atividade era responsável pelo sustento da economia acreana”. Sobre este contexto, o documentário apresentado refere-se especificamente ao período de 1945, durante a Segunda Guerra Mundial que fez com que trabalhadores dos estados do nordeste brasileiros viessem para a Amazônia cortar seringa como “soldados”, posteriormente denominada “soldados da borracha”, expressão que engrandeceu o léxico regional da língua. O vídeo foi resumido no quadro em sala de aula, extraindo a sua essência. Este documentário de 20 minutos aborda

inicialmente o recrutamento de trabalhadores nordestinos e a trajetória dos mesmos de Fortaleza-CE até o Acre, passando por Belém-PA, Manaus-AM, Boca do Acre-AM, até Rio Branco-AC e em seguida destacados para os seringais e distribuídos para as colocações para cortar seringa.

O seringueiro Manoel Neri que narra os fatos relata com riqueza de detalhes as condições precárias do transporte de trabalhadores, mulheres e crianças em *navios gaiolas*, dos riscos de afundamento pelos submarinos alemães, do desespero das pessoas com medo de bombardeio no trajeto de Fortaleza até Belém do Pará. Ele fala também, em segundo momento, sobre o contrato feito pelo governo brasileiro com estes homens, enfatiza que era um contrato de dois anos de trabalho que foi realizado na selva amazônica com muita dificuldade e exploração por parte dos seringalistas.

Os homens contratados, como Manoel Neri e segundo ele próprio afirma, receberam uma carteira de identificação dada pelo exército brasileiro com o número que identificava o soldado, passaram então a ser chamados nos alojamentos por este número recebido, documento importante que depois ajudou comprovar a atividade na produção de borracha para conseguir a aposentadoria como “soldado da borracha”.

Além disso, o vídeo fala também sobre o fim da Segunda Guerra Mundial e como este fato afetou os seringueiros, deixando-os desamparados no seio da floresta. Finalmente, o vídeo relata que com o fim da guerra veio a falência dos seringais, a luta para sobreviver e a batalha para conseguir a aposentadoria no final da década de 80 e início da década de 90.

O debate em sala de aula (Figura 21) trilhou estes referenciais históricos e sociais vividos pelos seringueiros deste período, informações importantes foram compartilhadas e absorvidas pelos alunos, informações preciosas que proporcionamos por meio desta atividade e que dará mais autonomia aos alunos para compreender o léxico. Observamos que os alunos ficaram atentos, interagiram no debate, fizeram muitas perguntas sobre a história dos seringueiros e sobre a Segunda Guerra Mundial, pois, segundo eles, não imaginavam que os seringueiros tinham sido tão importantes para o mundo.

Figura 21 - Debate sobre o documentário: Amazônia: os heróis esquecidos da Segunda Guerra Mundial.



Fonte: Dados da pesquisa.

### 5.9 Momento de interação com instrumentos de trabalho do seringueiro presentes nos textos analisados

A partir da leitura do texto em sala de aula percebemos que os alunos se surpreenderam com as palavras desconhecidas para eles presentes no vocabulário do seringueiro. A partir daí, decidimos confeccionar alguns instrumentos de trabalho dos seringueiros e conseguir outros na comunidade, construir espaços de trabalho, como o defumador de borracha – essa ideia surgiu a partir de nomes e descrições presentes nos textos de Manoel Passos e João Vieira de Souza, com o intuito de dinamizar a leitura e aproximar ainda mais os alunos da realidade vivida pelos seringueiros no Acre.

Pedimos aos alunos para pesquisarem na comunidade a existência destes instrumentos e buscassem informação sobre o processo de defumação e os elementos que compõem a estrutura necessária para a referida atividade própria do universo do seringueiro.

Os objetos que conseguimos reunir para esta atividade foram: *a cabrita, a poronga, a raspadeira, a borracha, o cassador, o cavaco, a lamparina, o regatão, o cepo, e ainda, alguns instrumentos que pareciam mais familiares para os alunos, como: a bacia, o balde; e os suportes que sustentam o princípio de borracha para realizar a defumação denominados mourão e estrados*. Todos estes nomes de objetos estão presentes nos textos que escolhemos para este estudo do léxico dos seringueiros e utilizamos como fonte para estudo do léxico e produção do glossário. Posteriormente utilizamos as palavras acima para elaboração do glossário.

Para a realização desta atividade pedimos que os alunos tivessem em mãos os textos *A Saga do Seringueiro*, de Manoel Passos, e o texto, *Vida do Seringueiro*, de João Vieira de Souza. Este último pedimos que o grupo de alunos responsável especificamente pelo do glossário defumador pegassem a parte do texto que traz a descrição completa do defumador. Organizamos os objetos na sala de aula e pedimos para que todos os alunos observassem os

objetos dispostos. Alguns alunos ficaram impressionados com a poronga, a réplica da borracha e o balde. Houve uma troca de informações entre os alunos, pois alguns se apresentaram bem adiantado no aprendizado sobre estes objetos e espaços de trabalho do seringueiro.

Tiramos as dúvidas e conduzimos a discussão para o texto. Os alunos foram convidados a lerem novamente o texto e buscar as palavras referentes aos objetos dispostos na sala. Foi um momento de grande aprendizagem e avanço da proposta, pois estávamos pesquisando as palavras que fazem parte do léxico do seringueiro a partir da leitura dos textos e podemos observar o esforço da turma em encontrar e o entusiasmo em participar da atividade. Todos os alunos puderam manusear os objetos e assim compreender melhor o sentido e a relação com os limites do texto no contexto regional de uso da linguagem. Ressaltamos que, conforme Isquierdo (1998, p. 90) “o seringueiro pauta o trabalho de colheita do látex por mecanismos bastante rudimentares”. Assim, buscamos trazer para a realidade dos alunos alguns instrumentos de trabalho e outros objetos do universo cotidiano da produção de borracha. Segue alguns registros feitos neste encontro (Figura 22).

Figura 22 - Instrumentos de trabalho do seringueiro em sala de aula.



Fonte: Dados da pesquisa.

Reunimos o grupo de alunos responsável pela identificação do léxico do defumador e elaboração do glossário do mesmo. As peças do defumador foram confeccionadas de forma que permitisse montar e desmontar, pois queríamos que os alunos montassem as peças segundo a descrição que está no texto Vida do Seringueiro. Então, os alunos montaram as peças principais que formam o sistema que permite a defumação da borracha no centro da sala (Figura 23).

Figura 23 - Estrutura do defumador em sala de aula.



Fonte: Dados da pesquisa.

Observamos que os alunos interagiram muito com os objetos do defumador e concluímos a atividade com grande participação da turma, pois os alunos desta turma nunca tinham visto estes objetos e nem imaginavam como seria o processo de produção de borracha (Figura 24). A partir desta atividade percebemos que o universo de estudo do léxico pode ser dinâmico e criativo, que é possível envolver os alunos de forma eficiente, interativa, criativa e descontraída.

Figura 24 - Alunos lendo, interagindo com os instrumentos dos seringueiros.



Fonte: Dados da pesquisa.

### **5.10 Construção de conceito de glossário, linguagem regional, linguagem de especialidades e neologismo**

Dadas as condições para que a turma tivesse contato mais próximo com os instrumentos próprios da atividade de defumação, no momento seguinte passamos para a construção das definições de glossário e linguagem regional. Partimos da experiência adquirida pelos alunos após toda a contextualização e informações que proporcionamos a eles com as atividades já realizadas.

Ressaltamos que Isquierdo (1998, p. 98) enfatiza que “podemos concluir que a descrição das unidades léxicas reunidas no campo da coleta da seringa forneceu-nos elementos que possibilitam uma visualização das diferentes etapas obedecidas pelo homem da mata na sua faina diária do corte e coleta do látex”. Com estas ponderações, podemos dizer que o trabalho do seringueiro é fonte inesgotável para o estudo do léxico de diversos pontos de vista. Isquierdo (1998) nos dá uma visão deste universo de palavras referentes ao trabalho do seringueiro no corte e coleta de látex, o que nos permite implementar novas pesquisas.

Formamos quatro grupos na aula e distribuimos material impresso para leitura e definição de acordo com o entendimento da leitura, pois acreditamos que esta discussão contribuiria para que os alunos compreendam o léxico e os elementos que permitem sua formação e assim poderemos estudá-lo de forma mais eficiente elaborando glossário de textos de expressão regional (Figura 25).

Figura 25 - Grupos em atividade sobre o glossário e suas definições.



Fonte: Dados da pesquisa.

Foi um momento muito produtivo, pois os alunos leram, escreveram, tiraram muitas dúvidas sobre os assuntos debatidos nos grupos. Esta atividade contribuiu para que os alunos se ambientassem no universo do estudo do léxico regional e de grupo de especialidades, como é o caso do léxico dos seringueiros.

Esta atividade foi dividida em dois momentos: o primeiro foi o procedimento de leitura do material impresso distribuído para servir como base para a realização da tarefa. Após a leitura os alunos escreveram no caderno as definições propostas e passaram para a cartolina para socializar e colar na sala de aula. Ao concluir, cada grupo socializou suas respostas, fizemos as intervenções necessárias e concluímos a atividade com os objetivos alcançados (Figura 26).

Figura 26 - Grupos em atividade de leitura e construção de conceitos sobre glossário e linguagem.



Fonte: Dados da pesquisa.

### 5.11 Produção do glossário dos textos: A Saga do Seringueiro e Vida de Seringueiro

Estes textos foram impressos e entregues aos alunos, cada aluno recebeu uma cópia para a realização da pesquisa. Inicialmente contextualizamos os textos e seus autores brevemente. Apresentamos uma pequena biografia de Manoel Passos baseada em informações colhidas em conversa com o mesmo em sua residência em Sena Madureira.

Para a apresentação do poeta João Vieira de Souza, nos limitamos às informações constantes no livreto com o poema Vida do Seringueiro. Não conseguimos muitas informações sobre o autor, pois há apenas uma pequena apresentação no livreto em que constam: nome do autor, data de nascimento, naturalidade, período em que se dedicou ao corte da seringa (a saber: 40 anos) entre outras poucas curiosidades, como por exemplo, que se tornou agricultor e mora na zona rural do município de Plácido de Castro no ramal Mendes Carlos II, km 13.

Foi importante destacar para os alunos que estes autores trabalharam na produção de borracha e que os textos deles são partes de sua experiência pessoal vivenciadas nos seringais descritas em forma de poema de cordel com muitas palavras do léxico dos seringueiros. Mostramos os textos em data show apenas para visualização, pois posteriormente realizaremos a leitura e a identificação das palavras que serão selecionadas para produzir o glossário.

Neste encontro apresentamos um vídeo disponibilizado pelo poeta Manoel Passos onde ele recita o poema A Saga do Seringueiro em um estúdio a fim de que os alunos se familiarizassem com o conteúdo e linguagem do texto. Pedimos que os alunos acompanhassem a recitação no texto impresso. Após a leitura, fizemos uma breve contextualização do texto e as devidas intervenções a fim de que os alunos compreendessem que se trata de um texto regional com marcas da linguagem regional e que fala sobre as

atividades do seringueiro, suas lutas e dificuldades na floresta, muitas delas vivenciadas pelo autor.

As palavras selecionadas do texto “A Saga do Seringueiro” foram: aviação, bandoleira, balde, cabrita, cavaco, colocação, estrada, fumaceira, meeiro, poronga, raspadeira, rodo na estrada, um total de doze palavras. Estas palavras foram distribuídas em dois grupos, cada grupo ficou responsável pelo estudo e produção do glossário de seis palavras. O texto “Vida do Seringueiro” selecionamos também as palavras: arigó, barracão, borracha, colocação, regatão, seringueira, seringueiro, seringalista, seringal e sernambi, num total de 10 palavras distribuídas para um dos grupos para estudo e elaboração do glossário.

Na página 38 e 39 do livreto de João Vieira de Souza, “Vida do Seringueiro” há a descrição de um “defumador de látex” com o texto de imagem e uma lista com onze palavras. Destas selecionamos: bacia, cavador, cepo de assento, cuia, defumador, fornalha, guindacho e péla (bola de látex).

Estas oito palavras foram distribuídas para um grupo que ficou responsável pelo estudo e produção do glossário, bem como pela apresentação do espaço que abriga os objetos descritos acima utilizados na fabricação da borracha a partir do látex. Pedimos a este grupo que lessem a descrição do defumador presente no livreto e pesquisassem junto a suas famílias e comunidade sobre os objetos e as ações que compõem o espaço de defumador e da fabricação de borracha. Ao todo se somaram 30 verbetes utilizados neste estudo do léxico e produção de glossário.

### **5.12 Primeira versão do glossário elaborado pelos alunos**

Neste encontro reunimos os alunos em grupos e pedimos que realizassem a leitura dos textos, já distribuídos anteriormente, para identificação e marcação das palavras no texto e produzir o glossário seguindo a estrutura já exaustivamente estudada nos encontros anteriores (Figura 27). Após todos concluírem pedi que destacassem a folha do caderno e entregassem para análise.



Figura 27 - Atividade de produção de glossário.

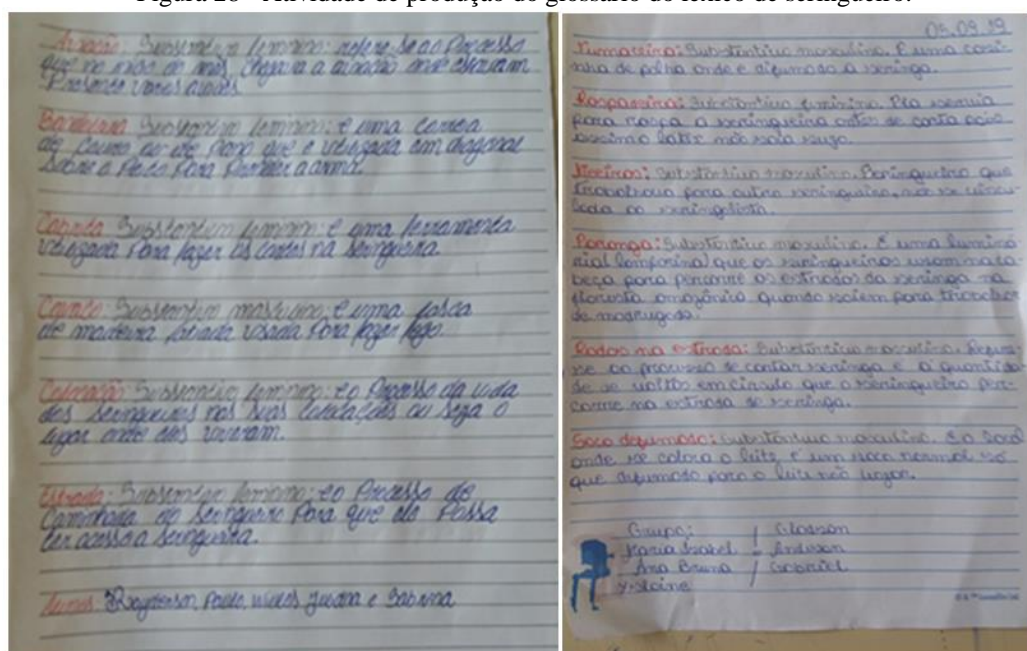


Fonte: Dados da pesquisa.

Recebemos o glossário produzido neste dia, não foram de todas as palavras, apenas de algumas, pois os alunos foram lentos em realizarem a produção e precisamos auxiliá-los no sentido de construir a definição a partir dos limites textuais e do contexto de uso da palavra no texto. Nesta primeira versão observamos que algumas partes da estrutura faltaram, por exemplo, alguns esqueceram de exemplificar com partes do texto e quase todos não souberam colocar a legenda, por isso precisamos intervir a fim de que os alunos concluíssem a definição do verbete obedecendo a estrutura que adotamos.

Abaixo temos um exemplo de como foi esta primeira versão do glossário produzido pelos alunos. Nas atividades seguintes fomos retomando as explicações, pedindo que reescrevessem, tirando as dúvidas até chegarmos ao produto final. Os alunos realizaram a escrita do glossário no caderno (Figura 28), mas posteriormente pedimos que os grupos o glossário digitassem para imprimir e apresentar no dia da culminância da proposta de atividades na escola.

Figura 28 - Atividade de produção do glossário do léxico de seringueiro.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta primeira versão observamos que ainda falta padronizar muitos detalhes como: a abreviação da informação gramatical, ampliar a definição do verbete, colocar a legenda com as informações corretas e algumas correções textuais. Por essa razão a reescrita foi constante e em certo momento optamos para a digitação da produção, pois facilitou a reescrita do texto do glossário.

### 5.13 Socialização de atividade em sala de aula

Os grupos de trabalho buscaram informações com parentes e comunidade sobre o trabalho dos seringueiros e o sentido das palavras selecionadas para este estudo do léxico. Foi um momento importante, pois alguns alunos relataram fatos contados pelos seus avós que trabalharam nos seringais.

Um dos alunos trouxe para a sala uma raspadeira pertencente ao seu avô, outra aluna relatou que sua avó guardava em casa *facas de seringa*, *saco encauchado*, *balde* entre outros objetos que eram utilizados na sua colocação que sua avó no município de Sena Madureira. Outro fato relatado foi a constatação da existência de *soldados da borracha* ainda vivos na família de alguns alunos. Todas estas informações contribuíram para que os alunos fossem se interessando pelo estudo do léxico.

Os alunos reescreveram o glossário corrigindo os detalhes de definição, classificação gramatical do verbete, frase abonadora e legenda. Então partimos para a socialização em sala.

Cada grupo se organizou para apresentar o glossário (Figura 29). Na frente da sala, os alunos apresentaram a palavra entrada, contextualizaram a definição de acordo com o texto de onde retiraram a palavra, seguiram corretamente a estrutura adotada para registro do verbete em forma de glossário.

Figura 29 - Apresentação do glossário em sala de aula.



Fonte: Dados da pesquisa.

Após a apresentação dos 04 grupos de trabalho fizemos as intervenções necessárias, pois percebemos que os alunos estavam fugindo dos limites de sentido do texto que utilizamos e a proposta de estudo do léxico implementada nesta pesquisa parte do contexto de uso no texto para identificar o sentido que a palavra adquire, considerando o processo de comunicação, interação e nomeação que permite a constituição da linguagem regional e do léxico deste grupo de trabalhadores.

Após este momento, pedimos que os alunos concluíssem o glossário e se preparassem para a apresentação na escola. Para a apresentação tivemos a ideia de colocar os verbetes em molduras feitas de papel cartão. Para esta tarefa contamos com a ajuda da coordenadora pedagógica que se comprometeu em confeccionar as molduras. Disponibilizamos o material para esta atividade, especificamente papel cartão e cola bastão em quantidade suficiente para 30 molduras. Concluída esta parte, levamos as molduras com os verbetes para sala de aula e colocamos a turma para interagir com o trabalho feito. As molduras foram dispostas no centro da sala e os grupos foram identificando as palavras que ficaram responsáveis e agrupando-se para socializarem novamente o trabalho (Figura 30). Foi um momento descontraído e de muita aprendizagem.

Figura 30 - Glossário em molduras para leitura em sala de aula.



Fonte: Dados da pesquisa.

Partimos para a organização da apresentação do trabalho na escola. Para isso, contamos com a ajuda dos alunos e servidores da escola para organizar e caracterizar os espaços da apresentação. Às vésperas da apresentação nos reunimos na escola pela parte da tarde para organizar os detalhes da apresentação. O primeiro espaço que organizamos, com a ajuda dos alunos e servidores, foi o defumador localizado no pátio da escola.

Colocamos a estrutura que sustenta o cavador com a borracha, colocamos a fornalha, a bacia, cavamos o porão da fornalha, colocamos o cepo de assento, o cavaco e a cuia deixando o espaço bem caracterizado de acordo com a descrição do texto (Figura 31). Em seguida os alunos recortaram os verbetes impressos e colaram em cada objeto para a apresentação. Esta atividade proporcionou grande entrosamento entre professores, alunos e servidores da escola, pois todos se envolveram com o trabalho e contribuíram para que se realizassem.

Figura 31 - Defumador pronto para visitação.



Fonte: Dados da pesquisa.

#### 5.14 Caracterização temática da sala de aula

A sala foi caracterizada com o tema seringal. Para isto, utilizamos folhas secas colhidas no pátio da escola e galhos de árvores verdes retirados de um matagal no fundo da escola. Também colocamos no centro da sala o protótipo da seringueira com a tijelinha

embutida. Organizamos mesas para colocar as molduras com os verbetes e alguns instrumentos de trabalho como: balde, cabrita, poronga, raspadeira, regatão e uma maquete feita por um grupo de alunos representando uma colocação de seringa. A sala ficou com o aroma e a sensação de está na floresta (Figura 32).

Figura 32 - Alunos e professor interagindo na sala temática de apresentação do glossário.



Fonte: Dados da pesquisa.

### 5.15 Apresentação do glossário na escola

A organização da apresentação do glossário ocorreu em dois espaços: a sala de aula e o defumador localizado no pátio da escola. Cada grupo tomou o seu lugar e de posse do material e de todo conhecimento adquirido ao longo do processo aguardamos a visita dos alunos da escola e de outras escolas convidadas. A apresentação iniciava na sala e era concluída no defumador (Figura 33). A apresentação foi marcada para iniciar às 09 horas da manhã. A partir das 07 horas os alunos foram ocupando os espaços de apresentação e organizando seus grupos para receber os visitantes. A diretora fez a abertura do evento às 09 horas.

Figura 33 - Grupos de trabalho prontos para receber as visitasões.



Fonte: Dados da pesquisa.

A apresentação do léxico do seringueiro na escola iniciou-se oficialmente às 09 horas da manhã com a abertura oficial do evento pela diretora. Houve grande participação de alunos, servidores e pessoas da comunidade que se identificaram com o assunto referente aos seringueiros e seu modo de vida.

A apresentação iniciava-se pelo defumador onde as pessoas observavam o local de fabricação de borracha, os instrumentos utilizados e ouviam a exposição dos alunos explicando os verbetes de acordo com a definição e o contexto de uso conforme está nos textos que utilizamos como fonte para esta pesquisa-ação.

Professores e servidores visitaram o espaço também e relataram sua experiência ou relação com o seringal, pois a sociedade acreana tem suas raízes nos seringais. A apresentação impactou todos que visitaram, pois despertava a memória das pessoas, este fato chamou muita atenção, pois desde o início das discussões e pesquisas sobre o assunto já observávamos a identificação das pessoas.

### 5.16 Glossário referente ao defumador

Para a apresentação do glossário referente aos instrumentos utilizados no defumador construímos a casinha com armação de madeira e cobertura de palha de forma que as pessoas entrassem pela frente, observassem, ouvissem a apresentação dos alunos e saíssem pela parte

de traz seguindo para sala temática onde continuaria a apresentação (Figura 34). O que percebemos com a recriação do espaço foi o impacto positivo que causou tanto nos alunos como nos visitantes. Com está representação conseguimos dá vida ao texto, pois todo p espaço foi pensado conforme está descrito no texto de João Vieira de Souza.

Figura 34 - Apresentação do glossário no defumador.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os visitantes puderam sentir-se dentro do espaço que os seringueiros utilizavam para fabricar borracha. Além disso, conheceram os instrumentos utilizados, sentaram no cepo de assento e manusearam a réplica da borracha conforme os seringueiros faziam na sua prática diária, ou seja, além de proporcionar o conhecimento do léxico e do sentido das palavras. Estas palavras que surgiram para nomear instrumentos e espaços.

Os alunos e visitantes também puderam vivenciar uma pequena experiência de está no ambiente que originou o léxico dos seringueiros e contribuiu para a caracterização da linguagem regional. Cada objeto, insumo, espaço e instrumentos utilizados na fabricação de borracha foram nomeados pelos trabalhadores e fazem parte do léxico deste grupo de trabalhadores.

Esta metodologia de trabalho a partir dos textos de expressão regional, resgatando instrumentos utilizados e construindo espaços temáticos é apenas uma forma de abordar o léxico e resgatar a história destes trabalhadores que tanto contribuíram para a formação do léxico da língua e da linguagem regional (Figura 35).

Figura 35 - Alunos apresentando o glossário na sala temática.



Fonte: Dados da pesquisa.

A apresentação na sala temática foi surpreendente, pois os alunos demonstraram muita propriedade nas explicações, os visitantes fizeram muitas perguntas, ouviram atentos a explicação dos alunos, interagiram com os instrumentos de trabalho que estavam expostos, conheceram os textos A saga do Seringueiro e Vida do Seringueiro, manusearam a cabrita como se estivessem cortando a réplica da seringueira colocada no centro da sala. Foi impactante o efeito positivo que este momento causou na comunidade escolar, pois a explicação de uma palavra do léxico desperta as lembranças de muitas pessoas que vivem nesta região (Figura 36).

Figura 36 - Participação de servidores e comunidade no evento.



Fonte: Dados da pesquisa.

A participação de servidores e pessoas da comunidade também foi significativa. Observamos que muitas pessoas interagiram com os alunos, compartilharam experiências, pois relembrou suas atividades e suas relações com a produção de borracha (Figura 37). A partir da abordagem do léxico pudemos perceber o quanto este estudo desperta nas pessoas



desta região. Também observamos o quanto uma palavra deste léxico é carregada de significados da vida destas pessoas.

Figura 37 - Alunos interagindo com os instrumentos de trabalho do seringueiro.



Fonte: Dados da pesquisa.

Durante a apresentação, muitos estudantes interagiram com os instrumentos de trabalho e com a réplica da seringueira disposta na sala, imitaram o seringueiro fazendo o corte da seringa utilizando a raspadeira para raspagem da seringueira em preparação para o corte a cabrita para fazer o traço por onde escorre o leite. Tivemos o cuidado de não perder o foco e orientamos aos alunos dos grupos que mostrassem nos textos estudados como estão empregadas estas ações, instrumentos de trabalho e espaços de trabalho no texto, o que permitiu a elaboração do glossário.

### **5.17 Apresentação do glossário na Escola Raimundo Hermínio de Melo**

Após a apresentação do glossário na escola Assis Vasconcelos, recebemos o convite da diretora para prestar o trabalho na escola Raimundo Hermínio de Melo localizada na Avenida Brasil, bairro Cristo Libertador em Sena Madureira. Levamos a proposta para os alunos e organizamos a apresentação. Devido a distância do deslocamento para a outra escola, muitos alunos não puderam ir. Então organizamos um grupo de 10 alunos para apresentar o glossário na referida escola. Levamos os objetos internos do defumador, pois são peças desmontáveis, levamos as molduras e os instrumentos de trabalho. O espaço que utilizamos foi o corredor da escola, pois as salas de aula não tinham ar condicionado nem ventiladores o que deixou o espaço muito quente.

Escolhemos um espaço entre a cantina e as salas de aula para expor o material e receber os visitantes. Colocamos as mesas e expomos o material. Formamos dois grupos de

alunos que ficaram responsáveis por apresentar o glossário. Caracterizamos o espaço colocando folhas secas no piso, o que fez grande diferença na apresentação. Utilizamos também a réplica da seringueira que além de ilustrar o ambiente também faz parte da elaboração do glossário conforme a estrutura que adotamos (Figura 38).

Figura 38 - Caracterização do espaço para apresentação do glossário.



Fonte: Dados da pesquisa.

O glossário em molduras foi exposto em duas mesas ficando dois grupos de alunos responsáveis pelas explicações do trabalho aos visitantes (Figura 39). Também utilizamos uma maquete confeccionada pelos alunos retratando o espaço da colocação de seringa e utilizamos os instrumentos internos do defumador, pois não dispúnhamos do tapiri de palha: borracha, mourão, cavador, cepo de assento, cuia, e também levamos os instrumentos: balde, cabrita, poronga, raspadeira e um barquinho artesanal simulando um regatão. Todas estas palavras estão impressa nas molduras e fazem parte da produção do glossário.

Figura 39 - Apresentação do glossário na escola Raimundo Hermínio de Melo.



Fonte: Dados da pesquisa.

Neste dia foram desenvolvidas outras atividades na escola, pois era a culminância de um projeto denominado “Resgatando a nossa história”, idealizado pela coordenação pedagógica da escola e os professores. Ressaltamos que este evento coincidiu com as comemorações cívicas em virtude do aniversário de 115 anos do município de Sena

Madureira. Por este motivo, a exposição e apresentação do nosso trabalho se tornou uma atração à parte no evento.

Os alunos receberam muitas pessoas, não só alunos, mas também servidores e pessoas da comunidade. Os alunos apresentaram o glossário, falaram da história e importância do trabalho dos seringueiros para a formação do léxico e da linguagem regional presente nos textos que pesquisamos. Enfim, foi uma experiência significativa para nós e, sobretudo, para os alunos que se mostraram muito preparados e que realmente compreenderam a nossa proposta de atividades.

### 5.18 Produção de materiais para dinamizar a leitura e ilustrar o glossário

Uma das primeiras ideias para dinamizar o estudo do léxico a partir dos textos selecionados foi construir uma réplica de uma seringueira e levar para a sala de aula, pois nos textos encontramos a palavra seringueira muitas vezes. Para confeccionar a seringueira utilizamos troncos de madeiras verde retiradas de galhos de um pé de ingá na propriedade do senhor Antônio Germano da Silva, na BR 317, sentido Boca do Acre, km 86.

De posse de uma cabrita, ferramenta utilizada para fazer o corte, o ex-seringueiro Antônio Germano da Silva fez os traços idênticos aos que são feitos nas seringueiras para colher o látex (Figura 40). Utilizamos também uma parte de um pé de jabuticaba para fazer a base de sustentação. Levamos as peças até uma marcenaria onde foram colocados uns pinos para fixar as partes e formar a réplica perfeita de uma seringueira para utilizarmos em nossa proposta de atividades.

Figura 40 - Produção da réplica de seringueira.



Fonte: Dados da pesquisa.

### 5.19 Fabricação, artesanal, da réplica da borracha em madeira

Surgiu a ideia de conseguir uma *péla de borracha* defumada para levar para a sala de aula, mas não encontramos uma disponível em Sena Madureira. Tentamos em Rio Branco, mas devido às dificuldades de deslocamento e a burocracia para conseguir trazer um objeto desta natureza junto à Fundação Garibaldi Brasil, a solução foi confeccionar uma. Inicialmente pensamos em fazer com isopor, jornais e cola, mas não ficou boa. Então pensamos em fazer de madeira.

Para isso, reaproveitamos um troco de cedro (Figura 41) cedido por um produtor rural, conhecido como Rivaldo, morador do Ramal do Ouro, zona rural de Sena Madureira. Levamos o tronco para um marceneiro em Rio Branco chamado Marcelino, o mesmo não teve dificuldade em entender porque também já cortou seringa e conhecia o formato correto de uma péla de borracha. Ficou uma réplica perfeita, colocamos o cavador, um eixo de rotação que sustenta a borracha e permite que o seringueiro a movimente durante a defumação do látex.

Figura 41 - Madeira utilizada para confeccionar a péla de borracha.



Fonte: Dados da pesquisa.

### 5.20 Construção do defumador (fumaceira) na escola

A construção de uma réplica de um defumador no pátio da escola surgiu a partir do texto de João Vieira de Souza que traz a descrição de toda a estrutura e elementos deste espaço. Com a ajuda de um morador da comunidade (pai de aluno da escola Assis Vasconcelos) fizemos o levantamento dos materiais necessários e ele se prontificou em ajudar a construir o *tapiri* no pátio da escola. Utilizamos madeira, prego e palha. As madeiras da armação e as palhas que utilizamos na construção do espaço foram doadas pela comunidade. Gastamos 8 horas de trabalho para deixar o local pronto.

Tivemos a participação da comunidade, de pais de aluno, da coordenação pedagógica e dos alunos para deixar este espaço semelhante os defumadores construídos pelos seringueiros nos seringais conforme está descrito no texto *Vida do Seringueiro* que nos deu o norte para esta construção. Nas primeiras quatro horas de trabalho em uma manhã de sábado deixamos a armação pronta para receber a cobertura (Figura 42).

Figura 42 - Armação do defumador de borracha.



Fonte: Dados da pesquisa.

O senhor Cosmo, pai de aluno e morador da comunidade foi quem coordenou a construção do *tapiri*, pois ele é carpinteiro profissional e também é descendente de seringueiro e tem amplo conhecimento sobre o defumador e sua estrutura.

Posteriormente retomamos o trabalho de construção da cobertura do defumador. Conseguimos as palhas com um morador da comunidade que tinha descoberto um barraco de palha com medo de pegar fogo, pois no mês de agosto ocorrem muitos incêndios na região. Ressaltamos que o bairro no entorno da escola é novo e há muitas casinhas cobertas de palha, pois é um bairro periférico e há muitas pessoas de baixa renda que fazem sua cozinha no quintal coberta de palha para cozinhar em fogão a lenha.

Muitos de nossos alunos moram numa casa coberta de palha ainda. Com mais 04 horas de trabalho concluímos a cobertura (Figura 43), ficando a estrutura interna para ser montada pelos alunos, pois já tínhamos confeccionado a maioria das peças que compõem o sistema de defumação de borracha.

Figura 43 - Conclusão da construção do defumador.



Fonte: Dados da pesquisa.

Construir o defumador foi uma tarefa muito participativa e envolvente, pois muitas pessoas contribuíram e admiraram a iniciativa. O espaço chamou muita a atenção dos alunos das outras turmas que não sabiam o que estava acontecendo. Este fato observado foi importante para aguçar a curiosidade dos alunos em saber o que aconteceria ali naquele espaço.

No dia da apresentação, já com todos os detalhes prontos foi um dos espaços que mais chamou a atenção e muito visitado, pois além da apresentação dos alunos, explicando o contexto e o glossário, as pessoas puderam interagir com os instrumentos ali dispostos, alguns sentaram no cepo e bolaram a borracha no estrado do mourão como se estivesse defumando borracha.

Muitos adultos que visitaram o local se emocionaram, pois reviveram suas memórias e experiência de vida. Didaticamente este espaço ajudou os alunos a compreenderem melhor a descrição feita no texto analisado e deu mais segurança na apresentação, pois com os nomes dos elementos e os seus referentes materializados ali obtivemos um resultado significativo no aprendizado do léxico do seringueiro.

### 5.21 Construção da fornalha de defumação

A construção da fornalha (Figura 44), principal peça que integra o defumador, contamos com a ajuda da coordenadora da escola, dos alunos e de um professor da escola que se dispôs a ajudar. No fundo da escola preparamos o barro para moldar a fornalha.

Os alunos cavaram o barro, jogaram água e misturaram cimento para que o barro secasse mais rápido e não desmanchasse facilmente, pois construímos a fornalha em cima de uma tábua para depois coloca-la embaixo do defumador no local apropriado a ela. Gastamos 03 horas de trabalho para deixa-la pronta para a apresentação do glossário.

Figura 44 - Preparação do material da fornalha.



Fonte: Dados da pesquisa.

Com o barro pronto, utilizamos uma estrutura feita com talas de bambu no formato de um cone com um tubo no centro para simular a saída da fumaça no ato da defumação da borracha (Figura 45). Contamos com as habilidades do professor Ediberto e de um aluno da escola que literalmente colocaram a mão na massa e moldaram a fornalha.

Figura 45 - Construção da fornalha.



Fonte: Dados da pesquisa.

Para concluir esta atividade, colocamos a fornalha no local apropriado embaixo do defumador e cavamos o pequeno porão conforme descrito no texto e sob as orientações da coordenadora da escola Alda Brito que nos ajudou bastante nesta tarefa, pois de acordo com ela, viveu em colocações de seringa na sua infância e seu pai defumava borracha (Figura 46).

Figura 46 - Fornalha e porão prontos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Acreditamos que este espaço construído a muitas mãos foi de grande importância para este estudo do léxico, pois além de proporcionar o conhecimento do léxico transportou os visitantes, os voluntários e os alunos para uma realidade histórica, social, econômica e linguística que tem relação direta com as atividades deste grupo de trabalhadores denominados seringueiros.

A construção da fornalha e do porão, local onde se acendia o fogo com o cavaco para fazer a fumaça da defumação, foi a última etapa para concluir o espaço do defumador para a apresentação dos alunos. Esta atividade foi realizada na véspera da apresentação dos alunos para que ocorresse tudo como planejado e identificado no texto Vida do Seringueiro, página 39. Foi um impacto positivo, não só nos alunos, mas na comunidade e nos servidores e professores da escola que ajudaram e prestigiaram com bastante entusiasmo a apresentação do glossário.



## VI CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar uma proposta de atividades para estudar o léxico e as memórias descritas em textos e obras de diferentes gêneros com temas regionais referentes ao período de produção de borracha nos seringais acreanos foi o desafio que assumimos nesta pesquisa e foi o nosso principal objetivo. Pois acreditamos que a atividade dos seringueiros, bem como seu universo de trabalho e modo de vida contribui diretamente para formar o léxico desta região. Por isso queremos contribuir com o ensino da língua portuguesa nas escolas do Ensino Fundamental II do estado do Acre mostrando possibilidades de atividades exequíveis para abordagem e estudo do léxico deste grupo de trabalhadores.

Os estudantes do ensino fundamental II precisam ser envolvidos no estudo do léxico surgido a partir da atividade dos seringueiros no trabalho de produção de borracha nos seringais acreanos. Por esta razão, nos preocupamos com o apagamento da memória e da cultura dos seringueiros e elaboramos nossa proposta de atividades para o ensino e aprendizagem do léxico referente às atividades de extração de seringa no Acre. Trouxemos textos de poetas populares ambientados na nossa região e carregados de aspectos culturais, linguísticos, históricos e sociais referentes ao modo de vida nos seringais, evidenciados através da linguagem peculiar que nos ajudou a compreender o léxico e aplicarmos nossa sequência de atividades em sala de aula.

Além disso, buscamos promover o estudo do léxico regional referente à semântica do falar nos seringais como forma de entender o sentido da palavra no contexto de uso referente um período histórico da construção social e linguística do Acre a partir do grupo de trabalhadores seringueiros. Também, a partir das atividades que desenvolvemos, possibilitamos a ampliação do repertório linguístico-vocabular de termos regionais utilizados na comunicação no contexto das relações socioculturais do seringal. Isto porque percebemos que os alunos aprenderam palavras novas referentes ao léxico do seringueiro com as atividades desenvolvidas em sala.

O léxico deste grupo de trabalhadores foi constituído a partir das relações comunicativas nos seringais acreanos durante a produção de borracha no primeiro e segundo ciclo de produção no Acre. Este léxico que nos propomos pesquisar e levar até a sala de aula está presente em textos de expressão regional. Estes textos de vários gêneros ambientados no contexto regional, abordando temas relacionados ao trabalho dos seringueiros são repletos de palavras de cunho regional que precisam ser entendida a partir do contexto de uso.

Por esta razão, nossa pesquisa se debruçou na leitura e seleção de textos ambientados nesta região que atendessem aos nossos objetivos, especialmente em relação à linguagem regional e ao léxico característico da cultura do seringueiro para construir nossa proposta de intervenção. Os seringueiros, no desenvolvimento das atividades de produção de borracha, ocupação e utilização de espaços nomeados a partir do contexto no qual estes trabalhadores se comunicam gerou várias palavras formando o léxico deste grupo.

Por este motivo nossa pesquisa teve como *corpus* textos poéticos regionais, especificamente dois textos de autores regionais, ex-seringueiros e poetas populares que registraram este acervo de palavras em suas produções textuais e temos nestes textos uma fonte inesgotável de lexias que precisam ser levadas para a sala de aula.

Este trabalho contribuiu de forma efetiva com resgate de memória por meio da palavra, com a valorização da linguagem regional e valorização da cultura local. Pois ao definir uma palavra do léxico a partir do texto e do contexto de uso em sala de aula é uma forma de resgatar a história e a memória destes trabalhadores que aos poucos está caindo no esquecimento. Por este motivo, a nossa proposta para trabalhar com o léxico precisou ser definida e planejada utilizando como suporte textos regionais para construir o glossário em sala de aula e apresentar na escola.

Percebemos que há um rico legado linguístico surgido a partir da atividade de produção de borracha e precisamos implementar atividades para acessar este acervo de uma forma que os alunos aprendam o léxico a partir do contexto e linguagem regional presentes nos textos. Sob a luz do referencial teórico adotado, entendemos que o grupo de trabalhadores seringueiros inseriu na linguagem regional e, conseqüentemente, na Amazônia, uma possibilidade de compreendermos a região pelo olhar dos poetas populares, pois estes são os que mais se aproximam da realidade do seringal até a segunda metade do século XX.

Não adentramos no viés literário de forma direta, mas reconhecemos que a literatura de expressão amazônica que tem o seringueiro como personagem merece um trabalho exclusivo, dada a grandeza do campo literário para a pesquisa. Vislumbramos o caráter literário dos textos que analisamos como uma grande oportunidade para novos trabalhos focados na teoria literária, entretanto, lemos veementemente os textos literários e tivemos um grande aprendizado sobre este sujeito seringueiro retratado de várias formas por poetas, artistas, escritores, pesquisadores, enfim, ele inspira muitas narrativas. Reconhecemos que os poetas populares têm sua “Amazônia” em todas as suas dimensões retratadas em seus textos, pois muitos autores, como os que selecionamos para nossa pesquisa, vivenciaram o cotidiano

no seringal com todos os seus desafios, encantos, alegrias, lutas, religiosidade, tudo registrado com riqueza de detalhes nas suas literaturas.

A produção de borracha na Amazônia e seus personagens são uma fonte inesgotável de pesquisas, pois se apresenta numa realidade multifacetada por muitos interesses, sobretudo capitalista, por consequência temos o apagamento dos sujeitos nativos e de seus costumes, pois vivemos em constantes transformações políticas e sociais em da inserção dos valores da modernidade. No entanto, é na linguagem que há a maior realização linguística deste período. Por isso, com esta pesquisa-ação evidenciamos um tema de muita relevância para o ensino de língua portuguesa nas escolas acreanas a partir do estudo do léxico. Com uma sequência de atividades aplicada e ações desenvolvidas em sala de aula, na comunidade, visitas a pessoas e lugares ligados ao tema abordado, desenvolvemos nossa proposta de atividades com uma metodologia possível de trabalhar o léxico regional nas aulas de língua portuguesa, vislumbrando também uma interdisciplinaridade com história, geografia, artes entre outras áreas de conhecimento que é possível dialogar o referido tema.

Há muitas narrativas sobre a região norte, sobre os seringueiros da Amazônia e do Acre impressos em livros, mídias digitais, dissertações, romances, poesias, contos entre outros meios de comunicação. No entanto, uma abordagem sobre o léxico presente nestes materiais é raros e muitas vezes superficiais focados mais em viés ideológico, citados em grandes obras literárias como seres inferiores, como afirma Souza (2016) “condenados da floresta”. Por esta razão, nosso trabalho não tem como foco o discurso ou as narrativas sobre o tema, mas sim seu caráter linguístico, produzimos uma narrativa a partir do estudo do léxico, do olhar dos alunos envolvidos como sujeitos da pesquisa, numa tentativa de popularizar esse falar local de forma sistematizada.

Para realização das atividades planejadas para o estudo do léxico do seringueiro utilizamos vários recursos didáticos. Iniciamos as atividades mostrando slide em data show com a proposta de trabalho e informações sobre o grupo de trabalhadores que nos propomos pesquisar e estudar o léxico. Também utilizamos texto impresso para leitura e pesquisa de palavras, utilizamos dicionários, pesquisas na internet, questionários, além de rodas de conversa e socialização de atividades. Ressaltamos que utilizamos como *corpus* dois textos ambientados no contexto do seringal de autores regionais. Estes textos foram selecionados para realização da seleção de palavras para elaborar o glossário, produto deste trabalho. Em determinado momento constatamos que poderíamos dinamizar a leitura e a pesquisa, por isso surgiu a ideia de trazer para a escola os instrumentos de trabalho, caracterização da sala temática e construção do defumador de borracha no pátio da escola.

Criamos as condições necessárias para materializar os textos tornando-os mais papáveis ao proporcionar que os alunos visualizassem objetos, instrumentos de trabalho e espaços do cotidiano do seringueiro.

Após levar os objetos para sala, identificá-los nos textos utilizados para a pesquisa-ação através da leitura conseguimos instrumentalizar os alunos de informações para elaborar o glossário do léxico do seringueiro. O glossário elaborado foi ilustrado com imagens de lugares e objetos do universo do seringueiro, proporcionamos muito conhecimento para a turma e para os alunos e pessoas que visitaram a nossa apresentação e compartilhamento de informação sobre o léxico estudado. Destacamos que foi uma proposta de atividade simples, possível de aplicar, dinâmica e interativa, pois envolvemos muitas pessoas e aprendemos muitos sobre o assunto.

Esta pesquisa teve como tema o estudo do léxico do seringueiro em sala de aula através de uma proposta de atividades para alunos do ensino fundamental II utilizando como suporte textos regionais que abordassem temáticas sobre o seringueiro e seu modo de vida e de trabalho, permeados pela linguagem de expressão regional. Delimitamos o tema para o estudo do léxico presente em dois textos regionais que selecionamos como *corpus* para a construção de um glossário a partir destes textos regionais, escritos por ex-seringueiros e ambientados no contexto do seringal, pois acreditamos que a presença do léxico deste grupo de trabalhadores nos textos nos possibilita levar para a sala de aula uma proposta de atividades resgate a memória e o acervo linguístico proveniente destes trabalhadores dos seringais.

Aplicamos e colhemos resultados positivos da proposta de atividades para o ensino do léxico do seringueiro em sala de aula gerado a partir das atividades de produção de borracha no Acre e registrado em textos ambientados na região amazônica, sobretudo, no Acre. O trabalho nos seringais contribuiu para a formação da linguagem regional e do léxico da língua, pois estas palavras surgidas e ressignificadas no contexto do seringal e da produção de borracha trazem a memória do cotidiano destes trabalhadores e revela os aspectos culturais deste grupo e desta região através da linguagem e do vocabulário presente nos textos.

O léxico nasce de experiências humanas de uma comunidade através da linguagem. Biderman (2001, p. 179) diz que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades”. Por isso, o léxico deve ser analisado a partir do contexto de uso da palavra, pois dessa relação nasce seu aspecto semântico. Portanto, o ensino do léxico em sala de aula, a partir de textos regionais, sobretudo do gênero literário é um desafio que os professores de língua portuguesa precisam superar,

utilizando-se de metodologias e atividades que possibilite uma reflexão, o aprendizado, o saber histórico, cultural e linguístico dos seringueiros a partir do estudo do léxico.

Por fim, acreditamos que com as ações e atividades realizadas possibilitamos a ampliação do repertório linguístico-vocabular de termos regionais utilizados na comunicação no contexto das relações socioculturais do seringal por meio da produção do glossário ilustrado do léxico do seringueiro. Este glossário ilustrado será parte do nosso produto didático para instrumentalizar leitores, estudantes e pesquisadores acerca do vocabulário do seringueiro e do léxico deste grupo de trabalhadores, pois também disponibilizamos o caderno de atividades aos professores de língua portuguesa para aplicar em suas aulas.

Esta pesquisa de modo geral, bem como a proposta de atividades desenvolvidas para abordar o léxico contribuiu grandemente para o incentivo ao estudo do léxico regional, promoveu interação entre alunos, professores, servidores e comunidade, também trouxe para a escola novas metodologias para abordar conteúdos através de projetos, da interdisciplinaridade com atividades diferenciadas, utilizando recursos didáticos que despertem a imaginação, a criatividade e o compartilhamento de informações sobre o assunto. Além disso, nosso trabalho somou-se ao projeto da escola chamado “Resgatando a nossa história” que ocorre anualmente no mês de setembro durante as festividades de comemorações do aniversário de Sena Madureira.

Percebemos também o envolvimento dos alunos de forma positiva, pois tínhamos alunos que não se envolviam em atividades em grupo, tinham dificuldades de se expressar, dificuldade na leitura e na escrita e com o projeto conseguimos movimentar toda a turma, todos os alunos se envolveram nas atividades, pesquisaram, escreveram, reescreveram, socializaram atividade oralmente, apresentaram o glossário para muitas pessoas que visitaram o evento, pois no dia da nossa apresentação estava ocorrendo também a realização do projeto “Resgatando a nossa história” com muitas atividades e muitas pessoas participando. Certamente este trabalho que realizamos na escola contribuiu grandemente para a vida acadêmica destes alunos, pois foram atividades exequíveis e que trouxeram os alunos para o aprendizado.

Este trabalho também engrandeceu nossa percepção profissional acerca do estudo do léxico em sala de aula, pois quando iniciamos o planejamento desta sequência de atividades para alunos do Ensino Fundamental II com um tema que não é fácil de abordar no contexto da sala de aula não imaginava como seria este percurso. Mas conforme os desafios foram aparecendo, contornamos com situações de aprendizagem que permitiram a aplicação da proposta de intervenção de forma eficiente. Fui identificando as dificuldades dos alunos em

compreenderam o sentido de palavras complexas como “léxico” que era desconhecida dos alunos e tivemos que buscar uma maneira de definição que os alunos internalizassem e se apropriassem do sentido da mesma buscando referentes na linguagem que eles compreendessem sem fugir do sentido denotativo da palavra.

Além disso, nos aproximamos mais dos alunos, construímos uma relação amigável com a turma, aprendemos que cada aluno possui capacidades diferentes e que basta instigá-los de alguma forma que flui a criatividade, o entusiasmo, a responsabilidade e a descontração. Produzimos o glossário do seringueiro a partir de muita leitura, atividades, pesquisas e um constante processo de escrita e reescrita. Um fator que enfatizo muito neste processo foi a relação de confiança que tive que exercer com a turma, pois por alguns momentos pensei que não conseguiríamos concluir o trabalho, mas tive que aprender a confiar nos alunos e nas suas capacidades, isso fez grande diferença, pois compreendemos que há situações que não controlamos e devemos deixar fluir a partir dos alunos, por isso nosso trabalho foi um sucesso.

Por outro lado, aprendemos muito sobre o que é uma pesquisa, sobre a relação entre a pesquisa e a proposta de intervenção, pois mesmo que pareça uma unidade, a pesquisa do mestrado profissional tem o foco nas atividades em sala de aula e isto requer planejamento. Portanto não basta pensar a pesquisa do ponto de vista discursivo, tem de focar na prática em sala de aula. Para isso, precisamos definir métodos e objetivos claros para propor e executar atividades no sentido de intervir positivamente no ensino.

Acreditamos que este foi o maior aprendizado que tive e vejo de forma positiva esta forma de tecer a dissertação, pois colocar uma proposta de intervenção dentro de uma proposta de pesquisa parece ser redundante, mas é com este modelo de ação que podemos intervir verdadeiramente no ensino, inovar nas metodologias e formas de abordagem de conteúdos em sala de aula. Com esta forma de fazer o trabalho podemos contribuir para o aumento do repertório linguístico do aluno e para a formação e ampliação do seu acervo cultural.

Além disso, foi muito importante participar dos eventos proporcionados pelo programa, fazer as comunicações orais me deu confiança, pois foi a primeira vez que realizei uma atividade como esta, foi desafiador, mas gratificante. Outro fator desafiante foi a produção de artigo científico. O programa Profletras (UFAC) nos ajudou muito com as disciplinas, mas os desafios aparecem realmente quando estamos produzindo, o que nos permite aprender e crescer neste universo da pesquisa, produzir e publicar artigos, participar de eventos importantes da área, realizar as comunicações de trabalhos, etc. Destaco a

importância do orientador neste processo, pois ele nos mostra as direções, nos auxilia com as leituras e nos dá segurança de que estamos na direção correta.

O estudo do léxico a partir do Ensino Fundamental II foi de fundamental importância para o aprendizado do aluno acerca da importância da língua, do léxico e da linguagem para registrar as memórias e culturas de determinado grupo social, região e local. Certamente o léxico nasce de experiências e vivências humanas de determinado povo, grupo ou comunidade através da linguagem. Concordamos com Biderman (2001, p. 179) sobre a relação estabelecida entre a realidade sociocultural de determinados falantes e a linguagem. A autora afirma que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades”.

Por isso, o estudo do léxico a partir do local de sua formação, utilizando espaços, instrumentos de trabalho e objetos do universo do seringueiro e da atividade de produção de borracha significa resgatar a história, compreender a linguagem, conhecer palavras que surgiram através deste grupo de trabalhadores e de suas necessidades de nomeação de objetos, instrumentos, produtos e espaços do seu cotidiano na floresta. Estudar o léxico do seringueiro a partir do contexto de uso da palavra encontrado em textos, sobretudo, os de expressão regional, ambientados aqui no Acre, inspirados na história e lutas dos seringueiros proporciona conscientização, reflexões e muito aprendizado, não só na disciplina de português, mas também em história, geografia, artes, entre outras áreas pelo processo da interdisciplinaridade.

Com este trabalho fizemos atividades exequíveis para estudar e compreender o léxico, mas acreditamos que não esgotamos o assunto, pois percebemos que um leque de possibilidades se abriu a partir desta pesquisa. É necessário mais pesquisas com outras formas de abordagem, pois assim como a língua, o léxico se renova, surgem novas palavras, pois as pessoas estão em constante evolução e movimentação fazendo surgir novas palavras para nomear ações, espaços e objetos de trabalho. Atualmente há novas formas de produzir borracha na região, com novas técnicas, novos instrumentos e espaços e precisam ser pesquisados e levados para a sala de aula.

O tema aqui pesquisado é fonte inesgotável, por isso novas pesquisas devem ser feitas, pois com as mudanças no *modos operandis* da produção e comercialização de borracha surgiram novas palavras e se incorporaram ao léxico do seringueiro. Estas palavras precisam ser contextualizadas e estudadas, a fim de que os alunos se apropriem de um conhecimento linguístico que dialoga com a realidade local, com a história e costumes dos falantes desta região, bem como confirma a peculiaridade da linguagem praticada na comunicação e

interação destes usuários da língua. Assim, o ensino da língua portuguesa em nossas escolas precisa proporcionar este conhecimento lexical para os alunos, certamente com mais pesquisas e mais propostas de atividades podemos contribuir ainda mais com o ensino do léxico do seringueiro e conseqüentemente do léxico regional.

Outra observação importante foi a constatação de que o tema seringueiro e a história da produção de borracha são trabalhadas nas escolas na disciplina de história. Por essa razão a parceria com a disciplina de história foi muito importante para o sucesso do trabalho, pois somou a narrativa histórica com a linguagem e resultou em compreensão do assunto pelos alunos. Por isso, destacamos a importância de envolver outras áreas de conhecimento para abordar o assunto, pois acreditamos que o olhar de cada área de conhecimento contribui grandemente para o estudo e discussão de temas relacionados aos seringueiros e seu universo.

Precisamos ainda de mais propostas de pesquisa sobre o léxico regional e seu estudo. Uma das possibilidades de pesquisa são as variações das palavras, pois descobrimos, por exemplo, que a palavra “defumador” possui variações para *difumaceira*, *fumaceira*, *casa de defumação*, entre outras variações. Cabe vários estudo a partir do léxico. Nosso foco era apenas identificar as palavras no texto e nos limitar em entender o sentido no texto considerando o contexto de uso. Pois nossa fonte de pesquisa foram duas obras apenas, o que não esgota a imensidão de palavras que constitui o léxico do seringueiro.

Portanto, o tema que abordamos nesta pesquisa-ação precisa de mais propostas para abordá-lo e diversificar as formas de análise de temas relacionados ao falar do seringueiro, sua linguagem e suas contribuições para a constituição do léxico e da linguagem regional. Só um programa de mestrado como o Profletras pode oportunizar este tipo de trabalho que realmente incide no fazer do professor, na prática em sala, nos levando a refletir e se tornar um pesquisador de nossa prática docente a partir do nosso trabalho diário.

Enfatizamos que o aprendizado adquirido com esta pesquisa foi significativo para mim como pessoa e como profissional. Foram muitas descobertas importantes para o ensino da língua portuguesa e para meu crescimento intelectual, visualizamos também a possibilidade de realizar outras pesquisas sobre o tema tratado aqui, pois há muitas novidades para pesquisar e levar para sala de aula sobre o fazer diário do seringueiro, sobretudo neste século com tanta tecnologia envolvida no processo de produção de borracha atualmente. Por este motivo, novas pesquisas devem ser implementadas com foco no estudo do léxico, pois o trabalho, os instrumentos ou ferramentas utilizadas, os espaços utilizados, as novas tecnologias inseridas no processo de produção de borracha, as novas formas de



comercialização que envolvem a relação do ser humano neste universo são fontes inesgotáveis de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.
- ALVES, I. M. O conceito de Neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **Alfa Revista de Linguística**, v. 40, p. 11-16, 1996.
- ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.
- ALVES, I. M. **Neologismo** – criação lexical. São Paulo: Ática, 2004.
- ALVES, R. **As melhores crônicas de Rubem Alves**. São Paulo: Papyrus, 2008.
- ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ANTUNES, I. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, I. **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. **A norma culta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.
- BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. 1 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BATISTA, R. O. **A palavra e a sentença**: estudo introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 2, p. 81-118, 1998a.
- BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998b.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro Contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. **Filosofia e Linguística Portuguesa**, n. 5, p. 85-116, 2003.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. 600f. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 5 jan. 2020.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106f. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2020.
- CABRÉ, M. T. **Lá terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries S.A., 1993.
- CÂMARA JR, M. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CARVALHO, N. M. Neologismo na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. B. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- DOLZ, J. ; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FERRAREZI JR, C. **Semântica para a educação básica**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2008. 256f.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2020.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: Exercícios de militância e divulgação**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras. 1996.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- GODOI, E. **Para construção de um glossário na obra sousandradina: uma contribuição**. 2007. 203f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia.
- KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KRIEGER, M. G. Dicionários escolares e ensino de língua materna. **Estudos Linguísticos**, v. 41, n. 1, p.169-180, 2012.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LOPES, M. P. S. L. **Vozes femininas da floresta**. Rio Branco: Fundação Elias Mansur, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001 (1998). 264f.

PERINI, M. A. **A gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2002.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

SALVIANO, B. N. **O uso do dicionário de língua como instrumento didático no ensino de língua portuguesa para alunos surdos [manuscrito]: em busca de um bilinguismo funcional**. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

SILVA, M. E. B. Competências e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998.

SILVA, S. M. S. O.; SOUSA, A. M.; GARCIA, R. Produtividade lexical, criatividade lexical e ensino de língua portuguesa. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (Org.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. Rio Branco: Edufac, 2016.

SILVEIRA, D. T.; CÓDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

SOUSA, A. M. O uso do dicionário em sala de aula. In: III Jornada Nacional de Linguística e Filologia de Língua Portuguesa – Trabalhos completos, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008a. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/iiiijnlflp/textos\\_completos/pdf/O%20uso%20do%20dicion%C3%A1rio%20em%20sala%20de%20aula%20%20ALEXANDRE.pdf](http://www.filologia.org.br/iiiijnlflp/textos_completos/pdf/O%20uso%20do%20dicion%C3%A1rio%20em%20sala%20de%20aula%20%20ALEXANDRE.pdf). Acesso em: 20 fev. 2019.

SOUSA, A. M. O léxico do hip-hop/rap: a questão dos neologismos populares. **Caderno Seminal Digital**, v. 9, n. 9, p. 20-35, 2008b.

SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (Org.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. Rio Branco: Edufac, 2016.

SOUZA, J. J. V. **Seringalidade: A colonialidade no Acre e os condenados da floresta**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, J. V. **Vida do Seringueiro**. Plácido de Castro: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Plácido de Castro, 1987.

SOUZA, M. D. M. **Proposta didática para o tratamento do neologismo semântico popular 9º ano do Ensino Fundamental**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Acre.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. A sistematização do ensino de gramática em atividades de gramática reflexiva e outras. In: BASTOS, N. B. (Org.). **Discutindo a prática docente em Língua Portuguesa**. São Paulo: IP PUC/SP, 2000.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática**: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2011.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2005.

## APÊNDICE 1: GLOSSÁRIO ILUSTRADO DO VOCABULÁRIO DO SERINGUEIRO

**AVIAÇÃO.** Sm. Significa a feira do mês fornecida pelo patrão seringalista ao seringueiro. O seringalista mandava entregar a mercadoria na casa do seringueiro. “Quando dava no começo do mês chegava a **aviação**, ali vinha de tudo a mandado do patrão. (MP0205).



Fonte: <https://docplayer.com.br/98597-Historia-da-ocupacao-da-amazonia.html>

**BANDOLEIRA.** Sf. Alça em sola ou couro medindo aproximadamente 90 centímetros que o seringueiro fixava na coronha e no coice da espingarda para transportá-la a tira colo pela floresta nas caçadas ou na estrada cortando seringa. “Bandoleira, cinto que se amarra na coronha para o coice da espingarda”. (JVS3687).



Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/heli-o-melo-arte-imita-vida.html>

**BALDE.** Sm. Vasilhame com a boca afunilada utilizada para recolher o leite da seringa (látex). A forma afunilada na boca é para não derramar o leite durante o trajeto que o seringueiro faz na estrada de seringa. “O seu **balde** na mão”. (MP0205).



Fonte: Dados da pesquisa.

**BARRACÃO.** Sm. Espaço onde se localizava a sede do seringal, o armazém de mercadoria, onde o seringueiro comprava mantimentos e vendia a borracha. Toda a administração do seringal se concentrava no barracão. “Se o seringueiro é esperto faz borracha e plantação, compra pouca mercadoria, tem saldo no **barracão**”. (JVS0687).



Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2018/06/sobre-o-tombamento-do-seringal-bom.html>

**BACIA.** Sf. A bacia de alumínio grande era utilizada para por o leite colhido para aquecer e defumar a borracha. “Despejava o leite na **bacia**, ali não tinha sujeira”. (MP0205).



Fonte: Dados da pesquisa.

**BORRACHA.** Sf. Principal produto comercializado nos seringais fabricado com o leite de seringa (látex) extraídos das seringueiras pelos seringueiros diariamente. Atualmente é prensada em forma de retângulo denominado de *prancha*. “Se ele faz pouca **borracha** é tratado com má fé”. (JVS1087).



Fonte: Dados da pesquisa.

**CABRITA.** Sf. Instrumento de trabalho utilizado pelo seringueiro para sangrar a seringueira e retirar o látex. “Ele usava seu rifle na bandoleira, seu balde na mão, a **cabrita** e a raspadeira”. (MP0105)



Fonte: Dados da pesquisa.

**CAPANGA.** Sf. Um tipo de bolsa feita de couro de boi ou de animais fixada a um cinto que o seringueiro usava para transportar cartuchos de espingarda. A **capanga** “a capanga para carregar os cartuchos da espingarda”. (JVS3687).



Fonte:

<https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/heli-o-melo-arte-imita-vida.html>

**COLOCAÇÃO.** Sf. Espaço no seringal destinado ao seringueiro, geralmente com 5 ou 6 estradas de seringa para ele produzir borracha para o patrão. “Amigo escute, preste bem atenção o que é que eu vou contar no tempo dos patrão, a vida dos seringueiros nas suas **colocação**.” (MP0105).



Fonte: Dados da pesquisa.

**CAVACO.** Sm. Um tipo de lenha verde tirada na mata com cortes em diagonal utilizada para queimar junto com coco seco ou lenha seca, a fim de que o cavaco produzisse a fumaça e o vapor necessário para defumar a borracha. “O **cavaco** era partido espécie de uma fatia”. (MP0205).



Fonte: Dados da pesquisa.

**CEPO.** Sm. Denomina o assento, geralmente feito com troncos de madeira e que o seringueiro utiliza para se acomodar na hora da defumação da borracha. “Cepo de assento”. (JVS38).



Fonte: Dados da pesquisa.

**CAVADOR.** Sm. Um varão de madeira roliça utilizada como eixo de sustentação princípio de borracha no mourão, funcionando como um eixo de rotação que

o seringueiro movimenta até a borracha atingir o peso ideal de aproximadamente 60 quilos. “O **cavador**” (JVS3887).



Fonte: Dados da pesquisa.

**CUIA.** Sf. Vaso feito de coité utilizado para tirar o látex da bacia e derramar na borracha e girar na fumaça da fornalha. “– A **cuia**”. (JVS38).



Fonte: Dados da pesquisa.

**ESTOUPA.** Sf. Um tipo de mochila feito simplesmente com um pedaço pano resistente de forma retangular com duas arreatas, onde se coloca a carga em cima e põem nas costas do sujeito prendendo a carga ao corpo sustentada pelas arreatas. Geralmente eram bagagens como: utensílios, mercadoria, o saco de leite de seringa, sernambi, castanha, alguma caça, entre outras coisas. João Vieira de Souza a define como: “a estoupa, serve para carregar os utensílios conforme vemos nas costas do seringueiro”. (JVS3687).





Fonte: Souza, (1987).

**ESTRADAS.** Sf. Caminhos pelo meio da floresta que leva o seringueiro até as seringueiras, tem um formato circular, geralmente abrange de 100 a 150 árvores de seringueira. “Roçar suas **estradas** na maior animação”. (MP03).



Fonte: Dados da pesquisa.

**FORNALHA.** Sf. Uma espécie de chaminé em forma de cone com boca afunilada por onde sai a fumaça da queima do cavaco para defumar a borracha no defumador. “Botava fogo na fornalha, bem debaixo da fumaceira”. (MP0502).



Fonte: Dados da pesquisa.

**FUMACEIRA.** Sf. também chamada de difumaceira ou defumador. Refere-se ao local onde é fabricada a borracha ou defumada, pois é onde encontra-se a fornalha e toda a estrutura utilizada para defumar a borracha. “Despejava o leite na bacia ali não tinha sujeira, botava fogo na fornalha bem debaixo da fumaceira, uma casinha enfeitada de palha tirada da palheira”. (MP0205).



Fonte: Dados da pesquisa.

**LEITE.** Sm. Seiva branca extraída da seringueira conhecido cientificamente como látex, principal matéria-prima da fabricação da borracha e chamado popularmente pelos seringueiros de leite/leite de seringa. “Sobre a questão da borracha fala melhor o seringueiro, que sabe a hora do **leite** e o preço do marreteiro”. (KD IN: MEPSL1408).

**MARRETEIRO.** Sm. Um tipo de vendedor ambulante muito conhecido nos seringais, o marreteiro vendia mercadoria no varejo indo até as colocações para negociar com os seringueiros. “Sobre a questão da borracha fala melhor o seringueiro, que sabe a hora do leite e o preço do **marreteiro**”. (KD IN: MEPSL1408).

**MEEIROS.** Sm. Seringueiro sem colocação fixa que trabalhava na colocação de outrem dividindo a produção ao meio com o responsável pela colocação. “Tinha **colocação** que cabia quatro **meeiro**”. (MP0305).

**MOURÃO.** Sm. Nome dado à estrutura de sustentação do cavador (eixo de rotação que sustenta a borracha) e compõe o espaço onde se fabrica as pélas de borracha defumada. “O **mourão**”. (JVS3887).



Fonte: Dados da pesquisa.

**PORONGA.** Sf. Uma lamparina adaptada para não apagar o pavio com a movimentação do seringueiro, estruturada com uma proteção trazeira para projetar a luz para frente e resistir ao vento, em forma de capacete para encaixar na cabeça do seringueiro e iluminar os caminhos e as seringueiras durante a noite ou nas madrugadas. “A **poronga** na cabeça para alumiar as seringueiras”. (MP0205).



Fonte: Dados da pesquisa.

**PORÃO DA FORNALHA.** Expr. Subs. É o nome dado ao buraco cavado no solo por onde acende o fogo embaixo da fornalha para gerar a fumaça e o vapor necessário para a defumação da borracha. “O porão da fornalha”. (JVS3887).



Fonte: Dados da pesquisa.

**PÉLA DE BORRACHA.** Expr. Subs. Denomina a unidade de borracha pronta formada por camadas de borracha semelhantes à pele. “A péla (bola de látex)”. (JVS3887).



Fonte: Dados da pesquisa.

**RASPADEIRA.** Sf. Instrumento utilizado pelo seringueiro para raspar o caule da seringueira e definir o local do corte denominado por eles de bandeira. “Ele usava seu rifle na bandoleira, o seu balde na mão a cabrita e a raspadeira”. (MP0205).



Fonte: Dados da pesquisa.

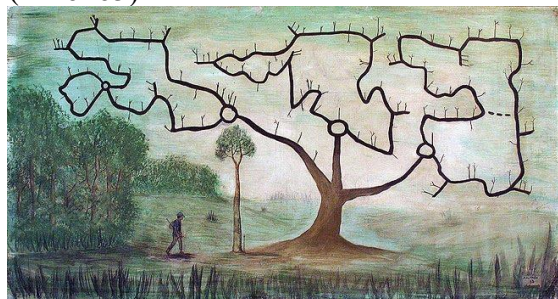
**REGATÃO.** Sm. Embarcação comercial em forma de batelão que navegava constantemente pelos rios da região amazônica e comercializava mercadorias de vários gêneros e comprava borracha e outros produtos dos seringueiros. “E ajudai a nos libertar das garras do **regatão**”. (JVS0187).



Fonte:

<http://www.almanacre.com/2010/08/regatao-heroi-atipico-da-amazonia.html>

**RODO NA ESTRADA.** Loc. Verb. Refere-se às voltas que o seringueiro dá na estrada de seringa para cortar e recolher o leite, cada volta corresponde a um rodo, pois a estrada de seringa é projetada em forma de círculo. “Seringueiro dormia pouco, saía de madrugada porque era obrigatório dar dois **rodos na estrada** (MP0105)”.



Estrada da floresta (1983)  
Col. Mansour

Fonte:

<https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>

**SACO.** Sm. Saco de pando que passa por um processo de impermeabilidade utilizando o leite de seringa e defumação. Desse processo originou-se o nome “saco encauchado” e o seringueiro utilizava para armazenar e transportar o leite colhido durante o processo de corte e colha do látex nas estradas de seringa. “**Saco**, onde se guarda o látex depois de colhido”. (JVS3687).

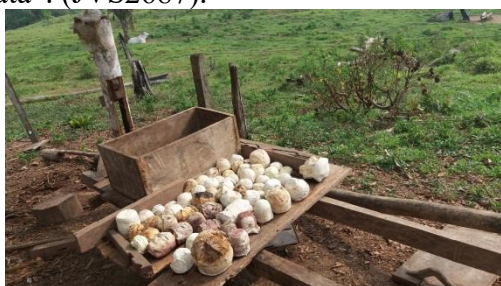
**SACO DEFUMADO.** Exprs. Subs. Um saco de pano que era impermeabilizado com borracha através da defumação para armazenar o leite de seringa colhido na estrada e transportar até o defumador, era também chamado de saco encauxado. “O **saco difumado** para ir de novo no outro dia”. (MP0105).



Fonte:

<https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>

**SERNAMBÍ.** Sm. Formado pelo látex coalhado nas tijelinhas ou por sangramento natural da seringueira e que era usado para queimar para iluminar a casa, a estrada de seringa etc. Atualmente o sernambi é feito nas tijelinhas e colhido já coalhado para prensar e formar as pranchas de borracha. “Um bumbo de sernambi no fundo de uma lata”. (JVS2687).



Fonte: Dados da pesquisa.

**SERINGALISTA.** Sm. Refere-se ao dono do seringal, ao patrão de todos os trabalhadores do seringal, auxiliado pelo gerente e outros trabalhadores intermediários entre o seringalista e os seringueiros. “Havia seringalista que era muito esperto”. (JVS1287).



Fonte:

[https://www.seringal+seringalista&oq=seringal+seringalista&gs\\_l=img.3...19891](https://www.seringal+seringalista&oq=seringal+seringalista&gs_l=img.3...19891)

**SERINGUEIRO.** Sm. Denomina o trabalhador que exerce a função de retirar o leite da seringueira através do corte da seringueira e produzir borracha. “Se o seringueiro é esperto faz borracha e plantação”. (JVS0687).



Fonte: Dados da pesquisa.

**SERINGUEIRA.** Sf. Árvore cientificamente conhecida como *hevea brasiliensis* de onde o seringueiro extrai o látex ou popularmente chamado pelos seringueiros de “leite de seringa”. “Estamos apresentando uma poesia prá seringueira ofertar”. (JVS0287).



Fonte: Dados da pesquisa.

### **TÁBUA DE BOLAR BORRACHA.**

Expr. Subs. Denomina a estrutura onde se localiza uma tábua de madeira, sustentada no solo ao lado do defumado onde o seringueiro, logo após a defumação com a borracha ainda fresca, leva a borracha até a tábua e a bola para que fique na forma oval. “A tábua de bolar borracha”. (JVS3887).



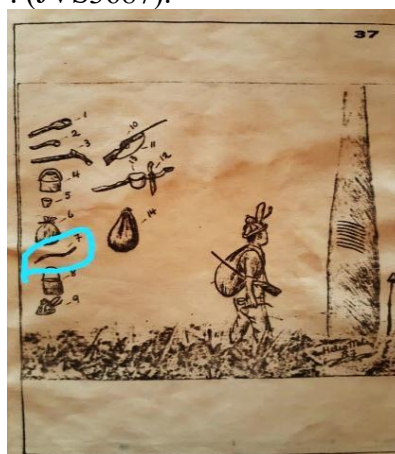
Fonte: Dados da pesquisa.

**TIGELINHA.** Sf. Utensílio utilizado pelos seringueiros para fixar na seringueira ao final do corte ou do traço para receber o leite/látex. As tijelinhãs eram feitas com latas de óleo de cozinha vazias, pois na época (meados do século XX) o óleo de cozinha era embalado em latas de flandê e eram reaproveitadas para fazer centenas de tijelinhãs e vendê-las para os seringueiros. “a **tigelinha** para apanhar o látex”. (JVS3687).



Fonte: Dados da pesquisa.

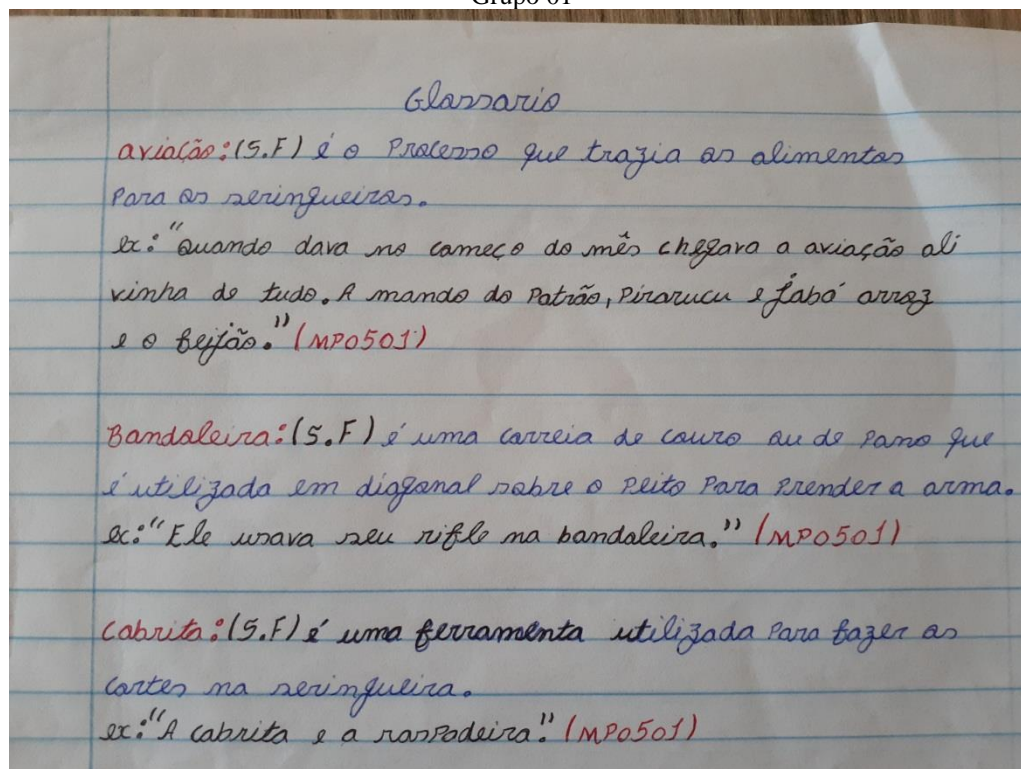
**TUBIBA.** Sf. Correia de borracha que o seringueiro amarrava o saco de transportar o leite da seringa durante o processo de colha do látex na estrada de seringa. “Tubiba, tira de borracha para amarrar o saco”. (JVS3687).



Fonte: Dados da pesquisa.

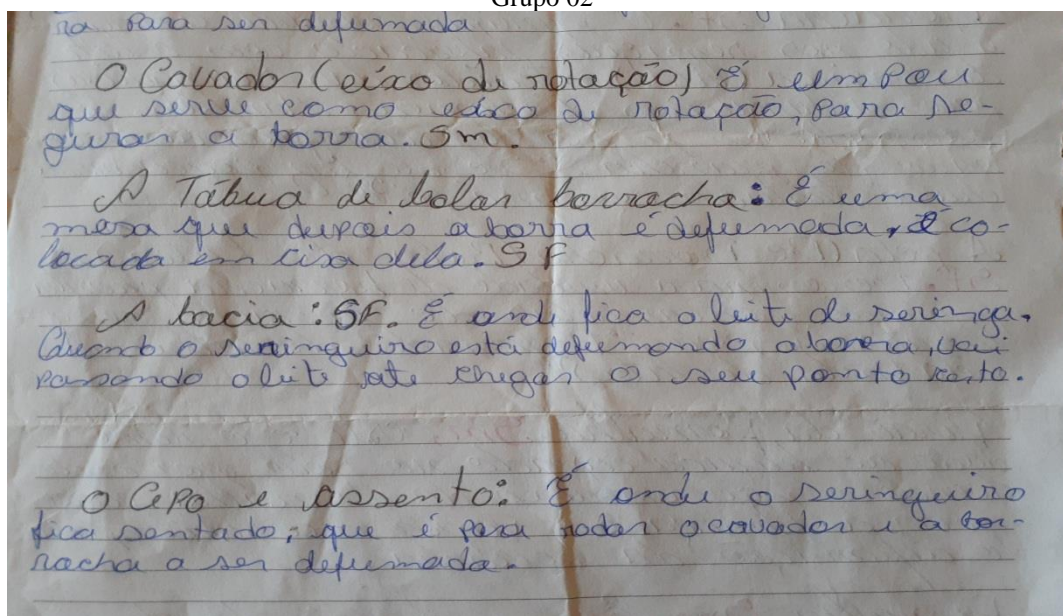
## Rascunho dos alunos

### Grupo 01



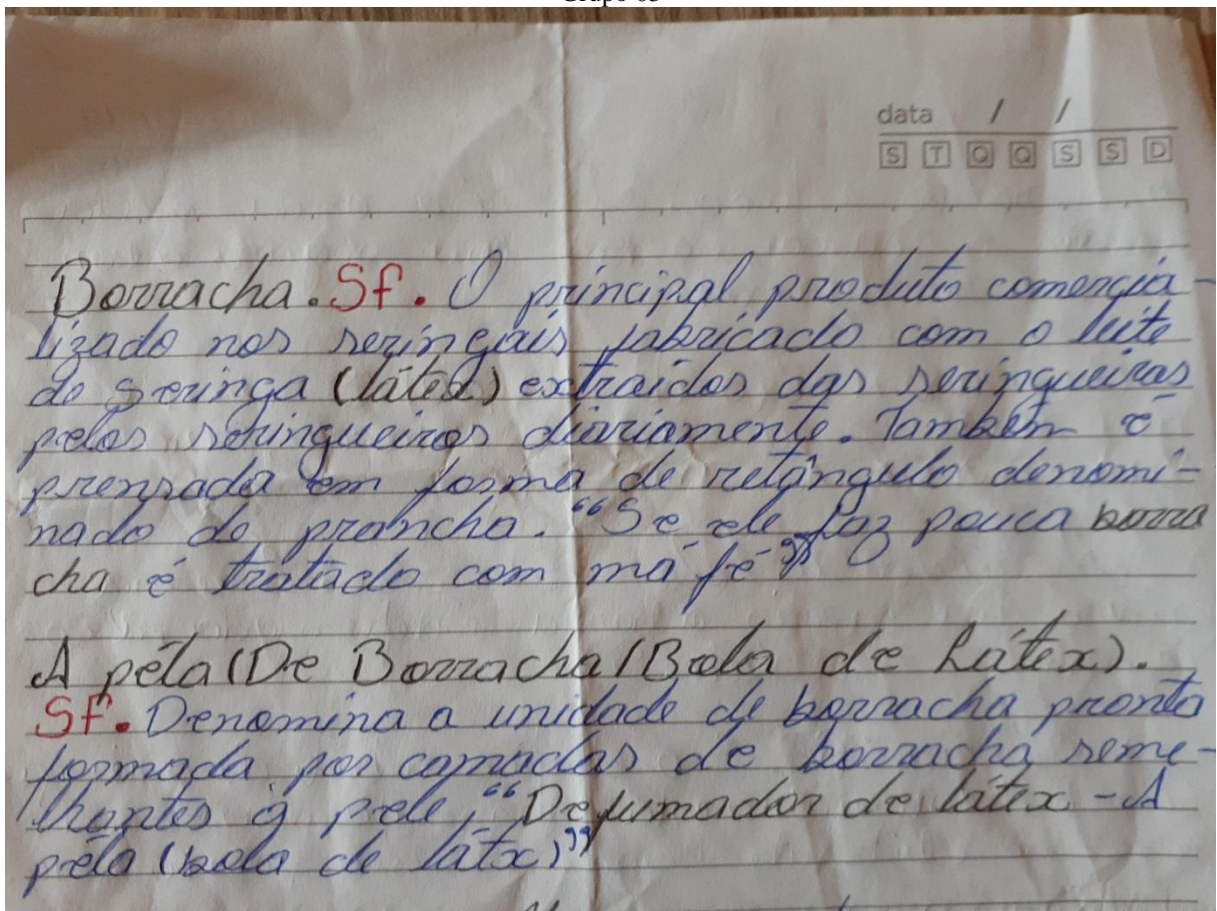
Fonte: Dados da pesquisa.

### Grupo 02



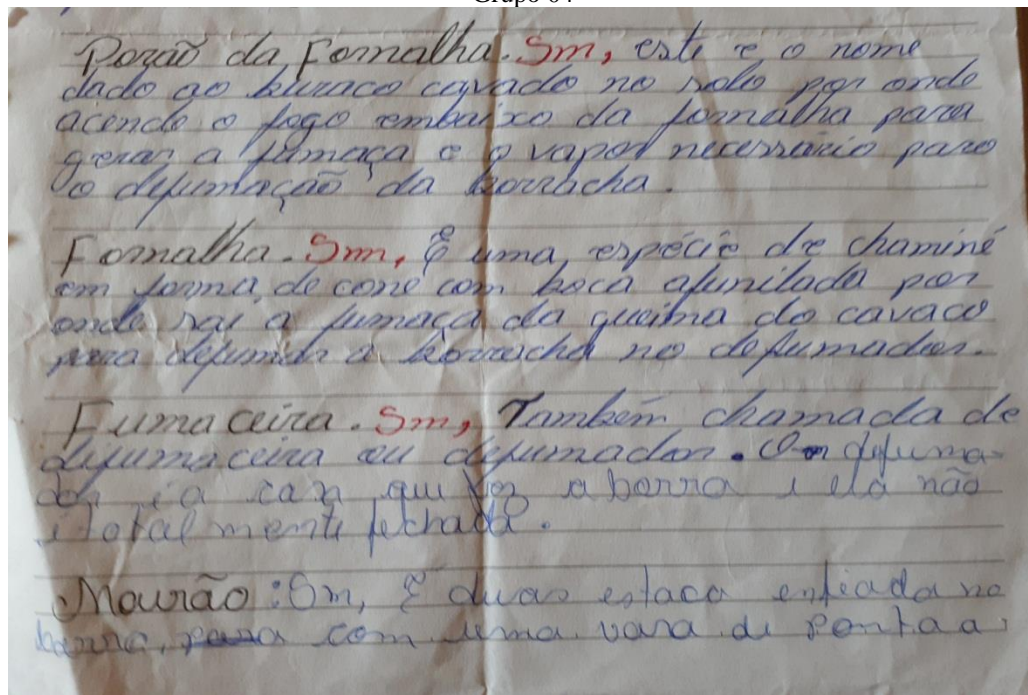
Fonte: Dados da pesquisa.

## Grupo 03



Fonte: Dados da pesquisa.

## Grupo 04



Fonte: Dados da pesquisa.

**APÊNDICE 2**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEG  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

**LÍNGUA E CULTURA EM SALA DE AULA:  
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES PARA O ESTUDO DO LÉXICO DO  
SERINGUEIRO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

AIRTON DE MESQUITA SILVA

RIO BRANCO – AC

2020



ORIENTADOR: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

AUTOR: Airton de Mesquita Silva

SUPERVISÃO: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

## APRESENTAÇÃO

Caros professores,

No presente material didático apresentamos uma sequência de atividades cuja proposta é valorizar a cultura regional por meio do estudo do léxico. Aqui, trabalhamos o léxico do seringueiro – próprio da cultura acreana – numa sequência de atividades direcionadas aos alunos do Ensino Fundamental II.

Vale informar que a proposta é fruto da pesquisa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, com o título: “Vocabulário do seringueiro: A língua e a cultura em sala de aula”, pela Universidade Federal do Acre – Ufac, que desenvolvemos desde 2018. Nela, destacamos a necessidade de utilizar a cultura regional aliada aos estudos da língua portuguesa, pois, assim, o professor proporciona o resgate dos costumes e da história local, ao mesmo tempo em que desenvolve as habilidades de recepção textual (leitura e escuta) e de produção textual (escrita e fala) – orientadas pelos documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e BNCC (Base nacional Comum Curricular).

Esta proposta promove a interação do aluno com a história e com a cultura por meio da linguagem regional expressa em textos dos mais variados gêneros. Com uma metodologia simples é possível produzir conhecimento com os alunos e repertoria-los com um vocabulário típico da região, mostrando os valores e resgatando a memória dos seringueiros e soldados da borracha por meio das palavras.

A sequência aqui apresentada não constitui uma “receita pronta”. Na verdade, queremos mostrar uma das muitas possibilidades como o léxico pode ser explorado, aliando a língua e a cultura, num determinado contexto de valorização do contexto local. Assim, esperamos contribuir para a disseminação deste conhecimento a partir do estudo do léxico em sala de aula.

Airton de Mesquita Silva  
Professor de Língua Portuguesa

## **1 PROPOSTA DE ATIVIDADE**

A nossa proposta de atividade consiste em trabalhar o léxico do seringueiro produzindo glossário a partir dos textos de expressão regional, sobretudo os do gênero literário. A sequência de atividades disponibilizada neste produto educacional foi aplicada e avaliada numa turma de 8º Ano do Ensino Fundamental II, no município de Sena Madureira (AC).

Ressaltamos que para desenvolver esta atividade devemos considerar o caráter regional da linguagem e o contexto histórico no qual o grupo de falantes seringueiros está inserido para que os termos que constituem o léxico destes trabalhadores presentes nos textos de suporte sejam compreendidos semanticamente considerando a ambientação de uso e os limites do texto.

### **I – OBJETIVOS**

1. Construir o conceito de léxico e de léxico regional;
2. Entender a relação entre língua e cultura;
3. Identificar as lexis utilizadas nos textos regionais selecionados e apreender o significado a partir dos recursos textuais, respeitando os limites do texto;
4. Construir um glossário do léxico regional do grupo de trabalhadores seringueiros presentes nos textos selecionados para a realização da atividade;
5. Produzir objetos, instrumentos de trabalho e espaços que compõem o cenário do seringal e identificar com o referido nome feito pelos alunos durante a elaboração do glossário;

### **II – CONTEÚDOS**

A presente proposta explora conceitos básicos com foco no entendimento do léxico e de sua constituição por meio do processo de nomeação de objetos e espaços no contexto comunicativo do universo do seringueiro. Construa uma concepção de linguagem com os alunos considerando a regionalização da língua e suas características.

1. Língua, linguagem e cultura;
2. Estrutura e formação de palavras;
3. Semântica e linguagem de grupo;
4. Léxico e linguagem regional;

5. Vocabulário do seringueiro;
6. Glossário;
7. Ciclos da borracha e contextualização histórico-social do seringal e do trabalhador seringueiro no Acre;

Professor (a),

Esclareça que Léxico é o conjunto de palavras que pertence a uma língua e “constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”. Explique também que o léxico regional trata-se do conjunto de palavras que identifica os falantes de determinada região ou de determinado grupo.

### **III- SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM**

#### **1º Momento (3 horas/aula)**

Neste momento você apresenta a proposta de atividades para a turma, pode ilustrar com imagens ou levar algum objeto do seringueiro para a sala e mostrar aos alunos e observar a reação deles a fim de identificar o conhecimento prévio dos alunos acerca do conteúdo que será estudado, por meio do seguinte questionário:

- a) Qual a diferença entre língua e linguagem?
- b) Existe relação entre língua, linguagem e cultura?
- c) Que papel a linguagem desempenha no processo de comunicação e interação entre os falantes da língua?
- d) O que caracteriza um grupo de falante de especialidades?
- e) Por que os trabalhadores seringueiros são considerados um grupo de falantes de especialidades?
- f) Que grupo de falantes de especialidades estudaremos?
- g) O que estudaremos desse grupo de falantes?
- h) Em que região e Estado estão localizado esse grupo de falantes?

- i) Faça um desenho representativo do grupo de falantes seringueiros que caracterize o seu modo de vida, suas atividades no seringal, seu local de trabalho, seus instrumentos ou seus objetos.

Após a conclusão, os alunos entregarão ao professor a folha de respostas, após análise, será feita a mediação com os esclarecimentos necessários para alcançar os objetivos da atividade.

Não se esqueça de explicar que o grupo de trabalhadores seringueiros constitui-se em um grupo de falantes de especialidades, pois a partir das atividades de extração de látex para a produção e comercialização de borracha contribuíram para o surgimento de muitas palavras que conhecemos hoje e que identifica a cultura local.

## **2º momento (2 horas/aula)**

Contextualização histórica e interdisciplinaridade com a disciplina de história. Professor, este momento é uma atividade motivadora que pode ser desenvolvida em parceria com o professor de história a fim de que os alunos compreendam o contexto histórico e a representatividade que os trabalhadores seringueiros tiveram neste período.

- a) Exibição do documentário *Amazônia: Soldado da borracha*, disponível no site [https://www.google.com/search?q=video+soldado+da+borracha&oq=video+soldado+da+bo](https://www.google.com/search?q=video+soldado+da+borracha&oq=video+soldado+da+bo;);
- b) Colaboração de um professor de história para fazer uma contextualização do período histórico da produção de borracha na Amazônia para Europa e Estados Unidos.
- c) Apresentação de imagens em slides para ilustrar a contextualização histórica desses trabalhadores;
- d) Avaliação oral (debate) para verificar o entendimento do assunto.

## **3º Momento (3 horas/aula)**

Professor (a) faça intervenção no sentido de esclarecer dúvidas sobre os conteúdos já discutidos anteriormente e ampliar os conceitos básicos. Para avaliar será feito os seguintes questionamentos:

1. O que significa a semântica de uma palavra?
2. O que significa vocabulário do seringueiro?
3. O que significa a expressão “soldado da borracha”?
4. O que é um glossário e qual sua função?
5. Onde encontramos a linguagem do seringueiro com mais frequência atualmente?

Após análise das respostas dos alunos, o professor fará as intervenções necessárias a fim de sanar possíveis dúvidas dos alunos, a fim de se chegar ao consenso e domínio do assunto.

#### 4º Momento - Estrutura do glossário (3 horas/aula)

Caro professor, disponibilizamos abaixo a fórmula com a estrutura para elaboração do glossário. É importante explicar para o aluno cada parte e dá exemplos para que os alunos compreendam e utilizem em sua produção.

Fórmula:

Verbetes = palavra entrada + Informação gramatical + definição + contexto ou exemplos + legenda.

Fonte: Sousa (2008).

**V** = Verbetes consiste na palavra entrada do glossário;

**Palavra-entrada** = consiste na palavra escolhida para definir considerando o universo do seringueiro e o contexto de uso;

**Informação gramatical** = Classifica a palavra gramaticalmente em substantivo masculino ou feminino ou substantivo composto, verbo, adjetivo, locução adjetiva etc.

**Definição** = Definição da palavra ou expressão considerando o contexto de uso no texto;

**Contexto ou exemplos** = Citar a parte do texto de onde a palavra foi retirada.

**Legenda** = Na legenda deve ter as iniciais do autor em maiúsculas, o número da página e o ano de publicação da obra de onde foi tirada a frase ou o período.

Detalhamento do exemplo:

**Palavra entrada** = AVIAÇÃO.

**Informação gramatical** = s.f.

**Definição** = Significa a feira do mês fornecida pelo patrão seringalista ao seringueiro. O seringalista mandava entregar a mercadoria na casa do seringueiro.

**Exemplo de uso** = “Quando dava no começo do mês chegava a **aviação**, ali vinha de tudo a mandado do patrão”

**Legenda** = (MP 02 2005).

Iniciais do autor	número	Ano de publicação
Manoel Passos	da página	da obra

Verbete completo

**AVIAÇÃO.** sf. Significa a feira do mês fornecida pelo patrão seringalista ao seringueiro. O seringalista mandava entregar a mercadoria na casa do seringueiro. “Quando dava no começo do mês chegava a **aviação**, ali vinha de tudo a mandado do patrão (MP0205)”.

### 5º Momento – Procedimentos de leitura (3 horas/aula)

Professor (a), este primeiro momento de leitura pode ser em grupo, individual ou coletivo. Nós optamos pela leitura em grupo neste trabalho, mas pode utilizar outras maneiras também, conforme sua criatividade.

Para a leitura do poema “A saga do seringueiro” de Manoel Passos adotado os seguintes procedimentos:

- Formar quatro grupos e distribuir o texto para o líder de cada grupo. O objetivo é fazer a leitura do texto. Para isso, será dado um comando para discussão, indagando sobre o assunto, o contexto e a linguagem;
- Pedir que os grupos identifiquem e destaquem palavras do texto que fazem parte do vocabulário do seringueiro.

- c) Em seguida buscar o sentido das palavras no texto, considerando o contexto de uso. Após a definição de cada palavra, pedir para os alunos iniciar a construção do glossário, seguindo as orientações estruturais e colocando os verbetes em ordem alfabética, utilizando a estrutura: verbe = palavra entrada + definição gramatical + conceito + contexto de uso + exemplos + legenda.
- d) Socializar na turma os resultados da atividade e entregar a atividade escrita para o professor para as devidas avaliações e possíveis intervenções;
- e) Juntamente com os alunos liste as demais palavras retiradas do texto em ordem alfabética para conclusão do glossário.

Caro professor (a), você pode trazer para sala de aula instrumentos de trabalho como *cabrita*, *balde*, *poronga* para dinamizar a atividade. Peça aos alunos para pesquisar junto à família histórias e objetos da época do seringal e trazer para socializar na sala. Também pode utilizar imagens dos instrumentos e espaços de trabalho ou confeccionar maquetes para reproduzir o cenário do seringal.

### 5º Momento - Glossário ilustrado (6 horas/aula)

Professor (a), você pode fotografar os instrumentos, as maquetes, os espaços que compõem o cenário do seringal presente no texto e utilizar para ilustrar o glossário dos alunos. Os materiais podem ser palitos, isopor, barbante, cola, tinta guache entre outros materiais. Também pode pedir que os alunos procurem objetos deste universo com seus avós ou parentes.

- a) Construir maquete de um defumador e confeccionar instrumentos como: fomalha, balde, bacia, cepo de assento, cuia, péla de borracha etc. Utilizar estes objetos para ilustrar a construção do glossário.
- b) Listar e organizar os objetos conseguidos na comunidade para a exposição com seus respectivos glossários.

Exemplo:



**BALDE.** s m. Vasilhame com a boca afunilada utilizado para recolher o leite da seringa (látex). A forma afunilada na boca é para não derramar o leite durante o trajeto que o seringueiro faz



na estrada de seringa. “O seu **balde** na mão, a cabrita e a raspadeira”. (MP0205).

### **6º Momento - Exposição do trabalho na escola (4 horas/aula)**

Professor(a), neste momento você pode utilizar a criatividade e preparar o ambiente para a apresentação na escola. É importante trazer o universo do seringueiro para a escola através de objetos, cenários e tudo que dialogue com o modo de vida e a linguagem do seringueiro.

- a) Expor o glossário na escola para visitação e apresentação pelos alunos;
- b) O glossário pode ser exposto em molduras, em papel A4, em painel ou em cartaz;
- c) Pode também criar sala temática para apresentar o glossário e trazer objetos do universo do seringueiro, recriar floresta, colocar som ambiente, espalhar folhas secas no piso da sala, expos imagens entre outras coisas que remonte o espaço do seringal.

Exemplo:

Figura 01 - Sala temática.



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 02 - Glossário em molduras para apresentação.



Fonte: Dados da pesquisa.

### 7º Avaliação da proposta de atividades (3 horas/aula)

- a) Em sala de aula colher relato dos alunos sobre a experiência de participar das atividades e do aprendizado que construíram durante o processo.
- b) Organizar um glossário com todas as palavras selecionadas do texto, organizar em ordem alfabética para se tornar um instrumento para as pessoas conhecerem o vocabulário dos seringueiros;
- c) Reunir com a coordenação da escola e com os professores que contribuíram com o trabalho para avaliar também a importância e relevância do trabalho para a escola.
- d) Fazer o relato da exposição do glossário na escola, sua relevância, resultados alcançados na aprendizagem dos alunos e concluir os trabalhos.

## IV TEXTO DE SUPORTE PARA AS ATIVIDADES DA PROPOSTA

Como o intuito da sequência é a valorização da cultura regional refletida na língua, sugerimos a utilização de textos que utilizem vocabulário próprio da cultura local, especialmente escritos por autores locais. Aqui, utilizaremos o texto “A saga do seringueiro”, de Manoel Passos da Silva – autor que explora o vocabulário próprio da cultura da seringa.

**A Saga do Seringueiro**  
Manoel Passos da Silva

Amigo escute, preste bem atenção  
O que é que eu vou contar no tempo dos  
      patrão,

A vida dos seringueiros nas suas  
      colocação.

Naquele tempo era uma grande alegria  
Porque o seringueiro tinha valor  
E o produto que ele fazia.  
Era o ouro do Amazonas

Que todo mundo vivia.

Morei 60 anos em Guanabara e Amuupá  
Lá tinha muita fartura de Pirarucu e Jabá,  
Até a farinha d' água era importada do  
Pará.

Comecei a cortar seringa com 14 anos de  
idade

Cortei 18 anos no tempo de minha  
mocidade

Hoje só resta lembrança, da seringa tenho  
saúde.

Saía de madrugada enfrentando a surucucu  
A cobra jararaca e a onça canguçu  
O grito da raposa e o ruído do Janaú.

Quando o dia vinha amanhecendo  
Esturrava o Jacamim  
O grito do Jacu  
E o rasgo do cujubim  
O ronco do capelão  
E o bufado do porquim.

Quando dava 8 horas  
Apitava a nambú azul  
O grito do macaco zogue  
O canto do uirapuru  
A carreira da cutiara  
E o pulo do quatipuru.

Seringueiro dormia pouco,  
Saía de madrugada  
Porque era obrigatório  
Dar dois rodos na estrada,  
Ele não se incomodava muito  
Com o esturro da onça pintada.

Ele usava seu rifle na bandoleira,  
O seu balde na mão  
A cabrita e a raspadeira  
A poronga na cabeça  
Para alumiar as seringueira.

Quando dava 11 horas,  
O corte da estrada ele fechava  
Na boca da estrada  
E ali ele sentava,  
Arrastava uma boa farofa

E ali ele almoçava.

A água que ele bebia  
Era num cano de taboca,  
Então fazia uma cuinha  
De folha de sororoca.  
Discia pra um garapezim  
Onde tivesse uma barroca.

Quando ele chegava de tarde  
Gritava pra mulher  
Faz aí um copo de leite  
E mistura com café  
Que eu vou tomar um banho  
Na água do garapé.

Despejava o leite na bacia  
Ali não tinha sujeira  
Botava fogo na fonalha  
Bem debaixo da fumaceira,  
Uma casinha enfeitada de palha  
Tirada da palheira.

O cavaco era partido  
Espécie de uma fatia  
Com a cuia na mão  
E o leite na bacia  
O saco difumado  
Pra ir de novo no outro dia.

Tinha colocação  
Que cabia quatro meeiro  
Começava no mês de abril  
E ia até o mês de janeiro  
Defendia o mês de setembro  
Pra descanso dos seringueiros.

Quando dava no começo do mês  
Chegava a aviação  
Ali vinha de tudo  
A mandado do patrão,  
Pirarucu e jabá  
Arroz e o feijão.

A borracha era transportada  
Em costa de animal,  
Usavam a cangaia  
Feito de gancho de pau,  
Dava quatro viagens no mês

Conforme o seringal.

Quando dava no fim do ano  
 Todo mundo pra margem saía  
 A espera do navio  
 Com muita mercadoria,  
 Pesar sua borracha  
 Que no correr do ano fazia.

Quando se reuniam  
 Era aquela animação  
 Porque o saldo era pago  
 Em cima do balcão  
 Seguia a conta corrente  
 Extraída pelo patrão.

Muitos seringueiros  
 O rio resolvia baixar  
 Uns pra Manaus  
 Outros pro Ceará  
 Visitar sua família  
 Que morava naquele lugar.

Quando voltava  
 Pra suas colocação  
 Começava o novo traço  
 No verão,  
 Roçar suas estradas  
 Na maior animação.

Quando iam entrando  
 Na maior alegria,  
 Que o patrão tinha dinheiro  
 E muita mercadoria  
 Pra não faltar nada  
 Pra sua freguesia.

Seringueiro chegava numa festa  
 Parecia um coronel  
 Nos pés um bom sapato  
 Na cabeça um bom chapéu,  
 Vestido num paletó  
 E no dedo um bom anel.

Ele usava um relógio  
 De algibeira  
 Quando caia na festa  
 Dançava a noite inteira  
 Quando dava de madrugada  
 Ainda dançava a saidêra.

Passava a noite  
 Na maior alegria  
 Porque tinha muita mulher bonita  
 E o safoneiro sofria,  
 Só parava de dançar  
 Ao amanhecer do dia.

Quando ele saia  
 Uma salva de tiro ele dava  
 Com o seu 44 era a arma que ele usava  
 O dono da casa respondia  
 Porque bala tinha que sobrava.

A festa de São João  
 Dançava a noite inteira,  
 Quando dava de madrugada  
 Tinha muita brincadeira  
 Todo mundo passando fogo  
 Na cinza da fogueira.

São João disse, São Pedro confirmou  
 Nós haveremos de ser cumpadi  
 Que o nosso Senhor mandou  
 Na tristeza e na alegria  
 E no espaço do amor.

A festa era animada  
 Por sanfona e violão,  
 Uns batia no fundo de um balde  
 Outros no fundo de um caixão,  
 Passava a noite toda  
 Na maior animação.

E aí meu amigo  
 Acabou sua animação  
 Entrada do sulista no Acre  
 Fazendo a maior confusão  
 Expulsando os seringueiro  
 Das suas colocação.

E o patrão crescia os olhos  
 Na quantidade de dinheiro  
 Vendia os seringais  
 Expulsando os seringueiros  
 Quem não tinha pra onde ir,  
 Ia tudo para o estrangeiro.

Mandaram fazer logo

Um campo de aviação  
Tinha 80 motosserras  
Pra fazer a devastação,  
Seringueiro ia pra Bolívia  
Que maldita situação.

Ao redor do seringueiro

Metiam uma derrubada  
Derrubava as arvores de seringa  
Ali não ficava mais nada  
Seringueiro caladinho  
Senão levava pancada.  
Sequência de atividades  
O que esperar?

## V INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR DO TEXTO “A SAGA DO SERINGUEIRO”

Professor (a). É importante apresentar a biografia do autor do poema. Conduza a discussão para que os alunos compreendam o contexto, a linguagem e a temática abordada no referido texto.

Manoel Passos, morador do município de Sena Madureira – Acre, autor do poema *A saga do Seringueiro* é soldado da borracha, músico e poeta. Ele nasceu no interior do Estado do Pará em 1922, no município de Tiboteua, próximo a Belém. Veio para o Acre, acompanhado de seus pais, no navio Rio Madeira, em 1927 com dois anos de idade. De Manaus vieram direto para Sena Madureira, acompanhado do patrão de seus pais, Major Alcântara, e foram trabalhar no seringal Porongaba, colocação Pedrinha no rio Iaco.

Manoel Passos da Silva criou-se no seringal, aprendeu o ofício da extração de látex, com a primeira crise da borracha, seus pais vieram para a cidade de Sena Madureira, mas Manoel foi para o seringal Guanabara cortar seringa, como meeiro, uma vez que não tinha uma colocação somente para ele. Neste seringal, casou-se, teve seis filhos e ficou viúvo. Casou-se novamente com dona Odicéia Roberto da Silva, com a qual vive atualmente e tiveram 13 filhos, atualmente 11 filhos de Manoel estão vivos.

Caro professor (a),

Fale com a turma sobre a importância de valorizar autores locais, pois estes são arquivos vivos da história e luta dos seringueiros do Acre. Suas opiniões e visão crítica da realidade vivenciada na região pelos seringueiros estão registradas em suas obras, sejam poemas, músicas, pintura, teatro, etc.

## **VI CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da proposta de atividades apresentada esperamos contribuir com o ensino da língua portuguesa facilitando o encontro da história e da cultura de grupos de falantes por meio da palavra. Desejamos aos professores de língua portuguesa que envolvam os alunos com estas atividades e oportunizem que eles conheçam a própria história através do estudo do léxico e de suas ciências tendo como referência o grupo de falantes, o contexto histórico e social, a cultura e a linguagem.

Como dissemos anteriormente, não foi nossa intenção apresentar uma receita pronta, mas possibilitar uma exemplificação de uma experiência exitosa vivenciada numa turma de Ensino Fundamental no trabalho do léxico do seringueiro, relacionando língua e cultura.

Esperamos que outras ideias surjam, complementando, aperfeiçoando, acrescentando novas ações às que expusemos aqui.

Bom trabalho!

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 2, p. 81-118, 1998a.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998b.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Brasília: MEC, 2018. 600f. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 5 jan. 2020.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande:UFMS, 1998.

SOUSA, A. M. O uso do dicionário em sala de aula. In: III Jornada Nacional de Linguística e Filologia de Língua Portuguesa – Trabalhos completos, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008a. Disponível em:  
[http://www.filologia.org.br/iiiijnlflp/textos\\_completos/pdf/O%20uso%20do%20dicion%C3%A1rio%20em%20sala%20de%20aula%20%20ALEXANDRE.pdf](http://www.filologia.org.br/iiiijnlflp/textos_completos/pdf/O%20uso%20do%20dicion%C3%A1rio%20em%20sala%20de%20aula%20%20ALEXANDRE.pdf). Acesso em: 25 jan. 2019.

SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. Formação de palavras, lexicalização e ensino: discussões em torno do novo acordo ortográfico. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (Org.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. Rio Branco: Edufac, 2016.